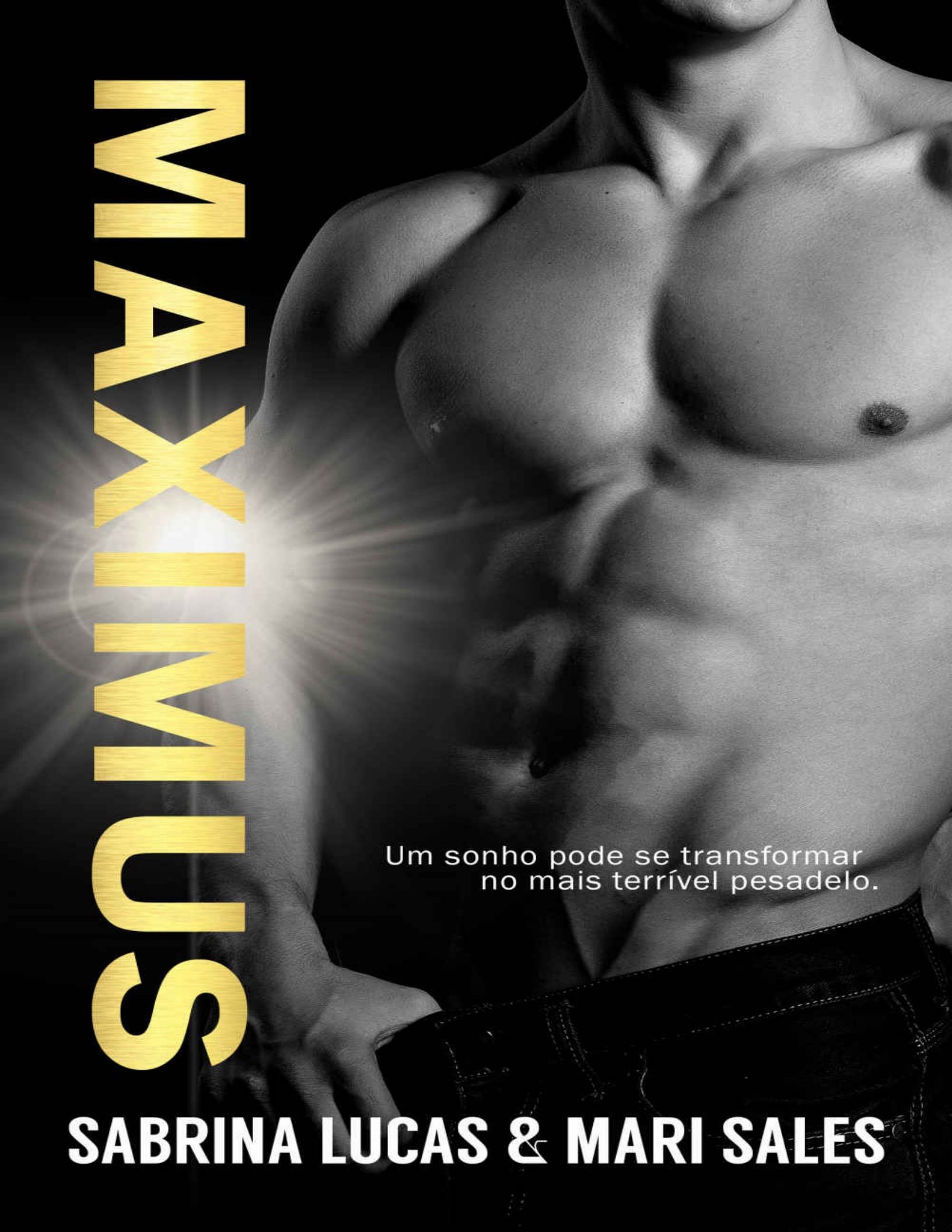
MAXIMUS
Um sonho pode se transformar
no mais terrível pesadelo.
SABRINA LUCAS & MARI SALES

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabrina Lucas & Mari Sales

1ª. Edição

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Hood Id 2018 Sabrina Lucas & Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Mari Sales

Revisão: Mari Sales

Diagramação Digital: Mari Sales

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

NOTA DAS AUTORAS

SINOPSE

PRÓLOGO

Naomi

CAPÍTULO UM – Em busca de um sonho

Maksim

CAPÍTULO DOIS – Nem tudo que reluz é ouro

Maksim

CAPÍTULO TRÊS – Um sonho que se transforma em pesadelo

Maksim

CAPÍTULO QUATRO - Pesadelo

Maksim

CAPÍTULO CINCO – Expectativa Versus

Realidade

Anton

CAPÍTULO SEIS – Enfim, submisso

Maksim

CAPÍTULO SETE – O início de um caminho sem

volta

Naomi

CAPÍTULO OITO – Caindo em queda livre

Naomi

CAPÍTULO NOVE – Satisfação ou demência?

Maksim

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DEZ – Batalha interna

Naomi

Maksim

CAPÍTULO ONZE – Realidade distorcida

Naomi

CAPÍTULO DOZE - Vencer ou perder a sanidade

Maksim

CAPÍTULO TREZE – Será apenas comigo?

Naomi

CAPÍTULO QUATORZE – Rendido por você

Maksim

CAPÍTULO QUINZE – Conflito ou resolução?

Naomi

CAPÍTULO DEZESSEIS – Só ele me tem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Naomi

CAPÍTULO DEZESSETE – A força do meu desejo

Maksim

CAPÍTULO DEZOITO – Desfazendo a realidade

Naomi

CAPÍTULO DEZENOVE – Na busca de controle

Maksim

CAPÍTULO VINTE – Então... descobri que era meu

Naomi

CAPÍTULO VINTE E UM – A última vez

Maksim

CAPÍTULO VINTE E DOIS – Assim começou o pesadelo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Naomi

CAPÍTULO VINTE E TRÊS – Ganhei um tesouro

Maksim

CAPÍTULO VINTE E QUATRO – Ressurgindo das cinzas

Naomi

CAPÍTULO VINTE E CINCO – Revelações

Naomi

CAPÍTULO VINTE E SEIS - Resolução

Maksim

CAPÍTULO VINTE E SETE – Finalmente uma certeza

Maksim

CAPÍTULO VINTE E OITO – Coincidências da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vingança

Naomi

CAPÍTULO VINTE E NOVE – Existe certo e errado quando se fala em prazer?

Naomi

Maksim

CAPÍTULO TRINTA – Castelo de arreia...

Naomi

CAPÍTULO TRINTA E UM – Só sente a dor aquele que levou a pancada...

Maksim

CAPÍTULO TRINTA E DOIS – Depois do fim, vem o epilogo ...

Naomi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS – Um dia depois do amanhã...

Naomi

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO – Um dia de cada vez...

Naomi

CAPÍTULO TRINTA E CINCO – Nunca um abraço de mãe foi tão bom...

Naomi

CAPÍTULO TRINTA E SEIS – Acerto de Contas

Naomi

CAPÍTULO TRINTA E SETE – Maldita seja você, Afrodite.

Maksim

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E OITO – Para alcançar o futuro é necessário superar o passado...

Naomi

CAPÍTULO TRINTA E NOVE - Seria uma ilusão de ótica?

Maksim

CAPÍTULO QUARENTA – Dois corações e uma história....

Naomi

EPÍLOGO

Maksim

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

AGRADECIMENTOS

Esse agradecimento será coletivo. Na construção dessa história, tanto Sabrina Lucas quanto Mari Sales tiveram barreiras a serem derrubadas. Primeiro uma com a outra, depois, cada uma por si só. Escrever um livro de forma coletiva não foi uma tarefa fácil, mas com certeza muito prazerosa.

Primeiramente, Sabrina Lucas agradece Mari Sales. Mari Sales agradece Sabrina Lucas.

Aos nossos familiares, leitores, autores, blogs parceiros, grupos do face, whatsapp e toda a esfera literária, agradecemos a oportunidade de ultrapassar nossos limites e criar histórias que vão além da nossa imaginação. Saímos da nossa zona de conforto e então, Maximus surgiu.

Obrigada Digo, querido amigo, irmão, companheiro e *parabatai*, sua olhada final foi especial.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

NOTA DAS AUTORAS

Mais que um romance incomum, essa história foi um desafio. Tirou não só nossa zona de conforto, como também nossa calma e alguns dias de sono. Escrever um romance onde aborda abuso sexual e psicológico foi uma forma de nos desafiarmos e aos leitores que nos acompanharam.

Não compactuamos com nenhuma forma de abuso ou temos tendências psicopáticas. Trouxemos com Maximus uma lição, que precisamos ser flexíveis em nossos textos como escritora e saber distinguir ficção de realidade como leitora.

A cada dor uma recompensa, a cada sofrimento uma lição.

Aproveitem de mente aberta a história de Maksim e Naomi, personagens que precisaram encontrar o inferno, terem suas vidas traumatizadas, para finalmente encontrarem sua paz.

O mundo dá voltas...

PERIGOSAS NACIONAIS

Sabrina Lucas e Mari Sales

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

SINOPSE

Um sonho pode se transformar no mais terrível pesadelo. Quando nos sentimos no inferno, constatamos que só quem esteve lá consegue valorizar o céu.

Maximus não nasceu Maximus, a vida o tornou esse alguém, após acordar literalmente nas trevas. Sua alma estava presa em seu abismo interior e o seu corpo, bem, o seu corpo já não era mais dele.

Naomi um dia já teve flores e príncipes, porém, teve seus sonhos arrancados de si de uma maneira cruel e insuperável.

Para ela não havia esperanças, era o que era e não criava expectativas.

Já Maximus precisa da esperança para se sentir vivo.

Então, juntos, irão comprovar que no inferno é que se vê o paraíso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

Naomi

A vida nem sempre é justa, não é mesmo?

O antônimo de réu é vítima e, desgraçadamente, um dia eu fui uma. Mil vezes se sentar na cadeira do acusado, do que do inocente, já que os vilões sempre saem impunes.

Meus pensamentos são ácidos, minhas ações corrosivas. Olho-me no espelho e o reflexo do que um dia eu já fui, perdeu o foco, o contraste. Nos tempos de outrora, eu já fui uma empática, não somente isso, era uma pessoa totalmente altruísta para não me tacharem de burra e ingênua.

Hoje uso a palavra egocêntrica e egoísta para me definir. Poderia ir muito além, mas não há necessidade de prolongar, porque minha verdadeira face será revelada e então, todos poderão fazer seus próprios julgamentos e darem a sentença.

Quem vê cara, não vê coração, não é isso que dizem? Concordo em gênero e grau. Jamais

admitiria em voz alta, nem tampouco demostraria fraqueza. Tornei-me o resultado das ações do ontem, não das minhas, mas sim das escolhas de alguém que desgraçou a minha vida e destruiu os meus sonhos.

Depois de chafurdar e viver perdida em minha própria inércia, encontrei algo que poderia então preencher algumas lacunas de meu devastado interior. Há os que dizem que não tenho sentimentos, eu digo que isso é intriga da oposição. Tornei-me uma pessoa que gosta de viver perigosamente, apenas isso. Claro que a adrenalina não preenche e muito menos diminui o vazio que me consome quando o meu sangue esfria e a emoção passa.

Quem olhar para mim jamais imaginaria que por trás de minha fachada de advogada impetuosa, guardo muitos segredos obscuros, segredos esses que podem se tornar a minha ruina, porque tudo o que mais prezo nessa vida é minha carreira. Se meus gostos peculiares refletissem negativamente nela, seria pior que morrer. A vida tirou de mim a fé e o amor nas pessoas, tudo o que

restou do que um dia eu fui, é meu trabalho.

Considero-me uma pessoa doente e demente. Sim. Uma mulher despeitada pode ser muito mais perigosa do que aparenta. Então, é errado afirmar que não tenho sentimentos, pois para mim, o antônimo de amor também faz parte dos meus sinônimos. Cada palavra positiva que usar, procure o antônimo e me conhecerás profundamente.

Vazia, despeitada e amargurada? Talvez. Mas lembrem-se que uma moeda possui dois lados e uma história sempre duas versões. Abro então as portas do meu pervertido universo e convido-os a conhecerem cada pedacinho dele. Aqui, o pudor não existe, ao contrário, ele grita para ser liberto do seu lugar cativo.

Em meu obscuro interior não existe lugar para o certo, nem tampouco o errado, o puro e o impuro. Aqui, nesse universo, não preciso me esconder, ou talvez é aqui seja verdadeiramente meu esconderijo. Cheguei a pensar que nesse local eu me permitia retirar a máscara até constatar que nunca cheguei a tirá-las.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO UM – Em busca de um sonho

Maksim

Enquanto meu país vive um caos temendo um golpe de estado, preparo-me para deixar a cidade onde nasci e cresci e ir em busca de novos sonhos e idealizações. Crimeia não era mais meu lar e sim de uma guerra civil e interesses políticos.

As estepes e as encostas dos montes da cidade que me acolheu desde o ventre de minha mãe, são excelentes para a agricultura. Ali se desenvolve o cultivo de trigo, milho, algodão, flores, uvas e tabaco. Outra atividade econômica local é a mineração de mármore e calcário nas montanhas. O turismo é outro segmento importante da economia, e oferece uma concentração de ”*spas”* na costa do mar Negro.

Minha mãe faleceu em meu parto, meu pai nunca me perdoou por isso, buscou no álcool um

alívio para sua desolação. Nunca me viu como um filho e sim como um assassino. Três anos após meu nascimento, ele morreu de coma alcoólico, minha avó foi quem me criou, fez o seu melhor por mim. Não tínhamos dinheiro ou bens materias, contudo, ela me ensinou valores e referências os quais eu levarei para sempre comigo. Infelizmente, ela veio falecer há poucos dias, deixando-me só.

Nunca irei me esquecer das várias vezes que assistimos programas de culinária e como brincadeira, fazíamos todas as receitas em casa.

Trabalhei, todos os dias, desde a minha adolescência, pensando numa vida melhor, poder me divertir como via nos filmes e por alguns poucos momentos, poder ser irresponsável. Queria viver!

Minhas mãos calejadas de trabalhar com cultivo na agricultura e minhas lembranças me remetem a tudo o que vivi e enfrentei para que esse dia chegasse. Os calos em minhas mãos não são nada comparados a satisfação que estou sentindo por poder, enfim, começar uma nova história, buscar uma vida melhor, oportunidades melhores.

Com todo o conflito envolvendo a disputa da Crimeia pela Rússia e Ucrânia, meu trabalho ficou prejudicado e me vi buscando novas oportunidades fora do meu país. Era tempo de mudança e não havia nada, nem ninguém que me prendesse a essas terras. Eu só precisava de uma chance para mostrar o quanto era competente no trabalho, tanto no braçal quanto no intelectual. Havia estudado, só nunca tive oportunidade de colocar em prática.

Meses atrás conversei com meu amigo e colega de lavoura sobre meu interesse em sair do país e Anton me trouxe uma solução. Ele comprou minha ideia e também estava entusiasmado em deixar tudo para trás.

Anton apareceu com Baran, mais conhecido como vendedor dos sonhos. Esse homem foi o responsável em colocar um preço em nossos sonhos e cabia a nós estarmos dispostos a pagar para realizar ou não.

Era claro que pagaríamos, não existia preço suficiente que nos fizesse desistir, ainda mais com tudo o que Baran nos ofereceu: trabalho,

salário digno, uma casa e um ano depois, *green card*.

Até o dia de embarcar, precisávamos estar com o inglês fluente e estudar essa língua se tornou prioridade no último ano.

Tudo o que fizemos seria recompensado no dia de hoje.

É madrugada, eu e Anton estamos no cais do porto para embarcar no navio que estava atracado há alguns metros de nós. Ele nos levaria até a América, a terra das oportunidades.

— Ei, rapazes, trouxeram a grana? — pergunta Baran em inglês e percebi que a partir desse momento, minha língua materna seria esquecida. Apresso-me em retirar do meu bolso um envelope com as notas de dólares que combinamos. Para mim, não é apenas dinheiro e sim o suor de meu trabalho, anos de trabalho para ser mais exato.

— Aqui está. — Anton responde no mesmo idioma, entrega o dinheiro ao comprador de sonhos e em seguida, faço o mesmo.

Baran é alto, olhos claros e uma pele

manchada. Seus cabelos pareciam sebosos, o amarelo de seus dentes pelo fumo ficava em evidência quando ele sorria de maneira sarcástica. Tem algo no comportamento dele que não conseguia alcançar. Anton me garantiu que estaríamos seguros, assim que desatracássemos do navio, já seríamos encaminhados ao nosso novo emprego e nossas novas acomodações pela agência em que Baran trabalhava.

Quem fez toda a negociação foi Anton e nunca tive nenhum motivo para duvidar da palavra do meu amigo. Apesar disso, eu estava receoso, tudo gritava alerta. Precisava acabar com esses pensamentos de dúvida o quanto antes.

Observamos Baran contar e recontar o dinheiro. Ele tragueia seu cigarro e nos encara com um olhar sombrio assim que parece de acordo com o valor que entregamos. Arrepio-me como se pressentisse algo horripilante a frente.

— Documentos — exigiu sem cordialidade. Anton havia comentado que precisaríamos entregar todos nossos documentos de identidade para que eles pudessem providenciar os

contratos.

Um formigamento no meu peito me fez inspirar e expirar profundamente. Retirei minha carteira do bolso depois que meu amigo já havia entregado os dele e estendi os únicos documentos que me identificavam nessa sociedade.

— Ouçam bem, vocês estão deixando o país clandestinamente e por esse motivo, deverão seguir todas as minhas orientações. Ninguém pode saber que esse navio atravessa o oceano com clandestinos abordo, por isso, irão no porão. Serão dias e dias de auto mar, só sairão de lá quando solicitarem que se retirem. Do contrário, ninguém hesitará em fazer de vocês comida para os tubarões.

Conforme ele vai dando ordens, meu estômago se embrulha. Sinto-me desconfortável devido à minha própria inquietação. O medo do desconhecido, de certa forma, me desola. Posso não ter familiares nessa cidade, não me sentir mais em casa, contudo, aqui me sinto seguro.

Reluto por alguns instantes em embarcar ou não. Anton, notando meu estado dúbio, lança-me um olhar de misericórdia. Planejamos em

parceria essa travesseia, estamos juntos nessa, não o posso abandonar.

Solto o ar que estava preso em meus pulmões e sigo ao lado de Anton e atrás de Baran até o porão do navio. Estava escuro e a iluminação era feita apenas pela lanterna do celular de nosso vendedor de sonho.

— Foque no futuro, nas oportunidades que não nos faltarão, Maksim — baixo e firme, meu amigo tenta me motivar enquanto meus instintos gritam em desespero, para que retroceda. Ele estava completamente envolvido e falou comigo em inglês.

— Sim. Foco no futuro — respondo no mesmo tom e idioma, tentando me convencer mais do que a ele.

Umidade e frio me fazem cruzar os braços na minha frente em busca de me aquecer. A jaqueta que vestia não seria suficiente para me esquentar dentro desse frigorífico.

— Aí dentro tem tudo o que vocês precisam durante a viagem. Fiquem quietos e aguarde meu retorno. — O homem abre uma porta

de metal e nos empurra para dentro, com pressa que desaparecêssemos de sua frente.

— E se acontecer de ficarmos doente? — pergunto como súplica, sentindo-me ficar claustrofóbico dentro desse pequeno ambiente composto por um colchonete em um canto, um armário no outro e um vaso sanitário acoplado com a pia. Não havia chuveiro, muito menos privacidade.

Encaro os olhos claros do vendedor de sonho e percebo que tudo isso poderia se tornar um pesadelo. O sorriso de canto de boca malicioso era a única resposta que deu antes de nos trancar dentro desse cubículo. Isso queria dizer que estávamos por nossa conta.

Sento no chão coberto pelo colchonete, que parecia tão frio quanto as águas geladas do oceano que enfrentaríamos e observo as ações tranquilas de Anton.

— Eu acho...

— Relaxa, homem. — Meu amigo fecha o armário, senta ao meu lado e bate no meu ombro de forma confiante. — Serão apenas alguns dias,

Baran exagerou. Além do mais, sou uma ótima companhia e... — ele abre sua jaqueta e tira de dentro do bolso interno um livro muito surrado e fino. Era “O Jogador” de Dostoiévski — Quem tem um livro tem tudo.

— Você não existe. — Balanço minha cabeça de um lado para o outro e encosto minhas costas na parede de metal. Meu amigo tinha essa virtude e defeito, ser muito positivo.

Suspiro e decido me agarrar ao seu positivismo como um bote salva-vidas. Todos os meus instintos diziam que minha vida mudaria radicalmente depois dessa viagem e não do jeito que imaginava.

Anton se ajeitou no outro canto do colchonete e começou a ler.

— Quantas vezes você já leu esse livro?

— Perdi as contas — murmurou e virou uma página, totalmente focado.

Decido fechar meus olhos, trazer minhas pernas para próximo ao meu tórax e tentar relaxar.

Foco no futuro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Só esperara que esse futuro não me trouxesse mais desgosto do que imaginava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DOIS – Nem tudo que reluz é ouro

Maksim

Alguma coisa não estava certa. Sim. Minha inquietação interior notificava-me para que ficasse em alerta. Tentei contar os dias com a ajuda do meu relógio de pulso, mas ironia do destino ou não, parou de funcionar no sétimo dia.

Anton, em sua ingenuidade, não notava os sinais, afinal das contas, perder a noção do tempo, não ver a luz do sol e ficar confinado deveria significar algum sinal negativo, certo?

Quando Baran deu suas diretrizes, mostrando-se ríspido e não mais gentil e altamente confiável o qual Anton havia me apresentado, fiquei receoso e apreensivo.

Dias e noites pareciam as mesmas e apesar de parecer ter aceitado nosso destino e reclusão, a comida ou a falta dela sempre foi motivo para

preocupação.

Estava ciente das condições quando aceitei ir para outro país de forma ilegal, contudo, trabalhamos arduamente para conseguirmos o dinheiro para fazer a tão sonhada travessia. O descaso que estamos sendo tratados seria o preço a se pagar?

Estou inconformado com a passividade de Anton por simplesmente aceitar tudo, sem questionar nada.

— Você andou assistindo filmes americanos demais, Maksim — zombou enquanto descansava sua cabeça no fino colchonete que abrigava seu corpo. Arrisco dizer que se sentia em férias e não estava nem um pouco preocupado com nossas condições precárias confinados no porão de um navio.

— E você parece cego para os problemas iminentes. — Minhas costas doíam das noites mal dormidas em cima daquele pedaço de pano que não poderia ser classificado como colchonete.

Em nosso corpo, começou a ficar perceptível que havíamos perdido peso, nossas

roupas dia a dia começaram a ficar levemente folgadas.

Parecia que o navio estava parado há muito tempo. Em alguns momentos, conseguia distinguir quando o navio estava em velocidade alta, baixa ou parado, mas não sabia se era dia, tarde ou noite. Nunca.

Conforme os dias iam passando, meu corpo sentia a mudança e reclamava da falta de luminosidade. Quando as pessoas diziam sobre o relógio biológico, não tinham noção do quanto ele poderia ser prejudicado quando o relógio numérico não estava presente, ou pelo menos um solar.

Havia um duto para circulação de ar, que trazia, em alguns momentos, cheiro de pescado, fogo ou mesmo a brisa marítima.

Não estava sendo um bom ouvinte para as divagações de Anton. Ele era muito comunicativo e fácil de lidar, porém, o meu espírito sentindo-se aprisionado o culpava mentalmente por estarmos em uma situação desconhecida. Apesar de ilegal, ele havia garantido que era seguro e confiável.

Afundei no pequeno espaço onde

estávamos tentando buscar um acalento que nunca chegou. Anton dizia que se eu dormisse, o tempo passaria rapidamente e que tão em breve, estaríamos em terras firmes. Para mim era impossível planejar o futuro sendo que meu presente estava obscuro e se mostrava incerto.

Sempre tive dificuldades de confiar nas pessoas, Anton foi a exceção. Ele se tornou meu irmão, não havia dúvida disso. No entanto, alguém precisa manter os pés no chão já que meu amigo via o positivo até mesmo no negativo.

Nem mesmo diante do castelo de areia que Anton estava construindo ao imaginar o que faria em sua nova vida, minha desconfiança não cessava, a incerteza nunca me abandonou mesmo estando disposto a abraçar o oculto.

***

Um barulho ensurdecedor nos notifica que é hora de partirmos, sirenes ecoam no cubículo como sinal de que chegamos ao nosso destino final.

Alguém abre a porta de nosso confinamento e só não corro desenfreado para fora, porque a expressão fechada do homem que nos

recepciona não me permite.

— Chegamos? — questiona Anton entusiasmado enquanto atravessa a porta e segue pelos corredores frios e escuros da embarcação

— Silêncio e só façam o que eu mandar — Um homem responde ríspido e baixo, com um leve sotaque. Seria americano? Inglês? Estaríamos na América ou em outro país? Percebo sua postura retraída e desconfiada, em alerta para qualquer coisa que nos abordasse.

Com um aperto no meu pulso, Anton sorri, nem um pouco incomodado com o que estávamos fazendo. Parecemos bandidos foragidos e não apenas imigrantes irregulares, mas olhando para meu amigo, éramos nós mesmos, dois trabalhadores braçais em busca do nosso sonho.

É madrugada, a noite cai fria e gelada, o vento toca meu rosto, sinto o frio resfriar meus braços desnudos. Em meio a xingamentos exasperados de pessoas desconhecidas, somos conduzidos para fora do navio sem nenhum problema ou interrupção.

Porém, antes de finalizarmos o

desembarque, somos surpreendidos por dois desconhecidos que fazem nossas escoltas. Eles amarram nossos braços, nos amordaçam e colocam um capuz em nossa cabeça.

Reagir? Não é possível, já que a ação imprevisível nos choca e a mesma força que tínhamos de antes de embarcarmos desapareceu com a comida precária e a estagnação de estar confinado sem nenhum tipo de exercício físico.

— Isso aqui é para manter vocês longe de encrencas — a voz parece nos controlar e repreender ao mesmo tempo.

Eles nos guiam pelo braço de forma agressiva. Sinto o cheiro do mar e de esgoto a céu aberto. Impossível tentar adivinhar onde estamos já que nos tratam como prisioneiros. Todas as palavras e as questões nas entrelinhas me fazem arrepiar. A primeira palavra que me veio à mente foi *trabalho escravo*.

Somos jogados para dentro de um veículo. Ouço o estrondo da batida da porta atrás de nós e na sequência, nossos corpos começam a sacolejar conforme o movimento do carro em alta

velocidade. Poderia apostar que estamos dentro de um furgão.

Por estarmos amordaçados, fiquei impossibilitado de conversar com Anton. Baran disse que haveriam pessoas que nos recepcionariam, que nos conduziriam até nosso local de trabalho. Nos prometeu salário digno, casa e comida. Eu só podia apostar que caímos no conto do vigário.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRÊS – Um sonho que se transforma em pesadelo

Maksim

— Saiam — ladrou o homem para nós, assim que abre a porta do veículo.

Encapuzados e amordaçados, seguimos em silêncio absoluto atrás dos homens desconhecidos. Caminhamos por longos minutos por alguns pedregulhos até que ouço o rugir de uma porta.

— Aqui estão os seus convidados — a voz repugnante do desconhecido causa-me náuseas quando ele conversa com alguém.

— Sejam bem-vindos. Peço desculpas pela recepção, rapazes, porém devo assegurar que isso faz parte do procedimento — a voz reconfortante e pacífica de mulher não consegue me alcançar.

Sinto novamente um toque em meus braços, mas não somente isso, uma leve picada como se fosse uma injeção causa ardência em

minha pele.
Na sequência, sinto-me febril e zonzo, até que tudo se apaga.

***

Estava confortável. Meu corpo parecia flutuar e minha pele sentia a suavidade do tecido que estava envolta.

Abro meus olhos e percebo o teto branco, as paredes brancas, janela e porta. Estou em um quarto tão pequeno quanto o que fiquei no navio, contudo, a cor clara transmite tranquilidade e paz.

Quanto tempo teria dormido?

Sento sem esforço, sinto o lençol escorrer pelo meu corpo e percebo que estou nu. Não só de roupa, mas os pelos do meu corpo também se foram. Encaro meu braço e minha virilha sem nenhum resquício de pelo escuro e meu coração começa a acelerar.

O que aconteceu comigo?

O que fizeram comigo?

Não tenho tempo de mais

questionamentos, porque uma mulher invade o quarto me fazendo cobrir minha cintura em constrangimento.

— O que vocês fizeram comigo? — questiono-a de forma urgente, sem saber se levanto ou continuo sentado na cama, de forma a cobrir minhas partes íntimas.

— Prazer, eu me chamo Taylor. Não se preocupe. Aproveitamos que vocês adormeceram e fizemos uma boa limpeza — responde em inglês e percebo que minha língua materna não será mais usada aqui. A mulher sorri enquanto me devora com os olhos. A cor clara, entre verde e o azul, engolia cada parte do meu tórax nu.

Vocês.

— Onde está Anton? — questiono em seu idioma e me contento por me sentir seguro em dialogar nessa língua.

— Fique tranquilo, logo se encontrarão novamente, na academia. Agora, *ordeno que* vista uma roupa e vamos começar os trabalhos.

Queria questionar, mas algo dentro de mim

perdia força, parecia que o interesse em contestar não era mais importante do que executar o que essa desconhecida ordenou.

Levanto-me despido de qualquer resistência e sigo para o canto próximo da porta, onde havia roupas penduradas em um varal. Antes de me vestir, olho para meu corpo e meus braços e estranho o quanto eles estão... maiores. Não era para ser o contrário?

Camisetas *dry fit*, calça de *tactel* e cueca box, todos em preto, cabiam como uma luva assim que as coloquei. Onde estariam as minhas roupas? Estranho meu comportamento submisso e forço meu cérebro a raciocinar, já que meu corpo pensava apenas em ser comandado.

— Quanto tempo estive apagado? — questionei com um certo receio que não sabia de onde vinha. — Me sinto estranho, fizeram alguma coisa comigo — afirmo apreensivo. Olho para a mulher que tinha todos os atributos de ser delicada, mas seus olhos a denunciavam, ela era uma devoradora.

— Não importa. *Ordeno que* me siga e em

silêncio. — E como um cão adestrado, apenas faço o que me manda.

Enquanto andamos por um corredor cheio de portas e de paredes brancas, sinto-me preso no meu corpo, refém de vontades que não são minhas.

Descemos dois andares de escadas e sou confrontado com um amplo espaço, cheio de equipamentos, tanto para exercícios físicos, como para treinamento de artes marciais. Com toda a minha força de vontade, paro meu progresso e observo os vários homens, com as mesmas roupas que eu, treinarem com foco e afinco.

Um homem com olhar perdido, porém feroz se exercita levantando pesos em uma barra, outro soca um saco de areia com toda a sua força, parecendo não se importar com o sangue que escorria pelos vãos de seus dedos e... todos estão supervisionados por mulheres.

— Não mandei parar. Vamos. — Taylor pega em meu braço e me força a andar por entre tantos homens em vários estágios de treinamento, mas com uma semelhança, o olhar perdido, sem sentido.

Não consigo evitar de observar tudo ao meu redor. Identifico que nenhum dos homens faz o mesmo que eu, olhar a sua volta. Muito focados para não direcionar um olhar para o novo visitante, para mim.

— Preciso saber sua resistência. Quanto peso consegue carregar? — com sua voz calma e simpática, ela me faz parar perto de um equipamento de levantamento de peso e solta do meu braço, me observando da cabeça aos pés com o mesmo olhar de desejo.

Sinto meu pau reagir a isso e fico levemente desconfortável.

— Costumava carregar sacos de grãos de quase 100 quilos. Não preciso me exercitar para tal tarefa, eu...

— Fique quieto e faça três séries de vinte repetições com 50 quilos em cada lado. — Quando abro minha boca para questionar, ela se aproxima, sorri graciosa e fala baixo. — *Ordeno que* me obedeça sem proferir nenhuma palavra.

E, como uma máquina executando a operação desejada, coloco cinco pesos identificados

com dez quilos em cada lado e faço o que ela me ordena. Por dentro, uma centelha rebelde quer parar, protestar o que meu corpo não tem coragem de fazer, mas é em vão.

Suei, muito mais do que deveria estando em um ambiente climatizado e aconchegante. Pensava em Anton, pensava no objetivo de todo esse exercício enquanto meus olhos não desviavam da barra a minha frente que era erguida conforme me foi comandado.

Senti um desejo incontrolado a cada exercício executado. Tento controlar minha ereção, fazendo com que gaste o dobro da força.

Tudo isso era muito estranho, com certeza se aproveitaram de nós e não tinha nenhuma ideia de como tudo isso aconteceu.

Trabalho escravo novamente ronda minha mente, mas estava difícil adivinhar que tipo de escravidão. Não quero me surpreender, mais uma vez.

Enquanto luto internamente com meus sentidos e vontades, Taylor me obriga a executar outros tipos de exercícios. Mesmo que meus

músculos começaram a fatigar, não tive força para protestar, apenas segui cada palavra que saia da boca dessa mulher com cara de cordeiro, mas por dentro, sabia que existia um lobo feroz e traiçoeiro.

Uma sirene soa por alguns segundos e meu transe de obediência falha por um momento. Olho para os lados e todos os homens param o que estão fazendo e seguem para uma mesma porta.

— Hora do almoço. Siga para o mesmo lugar que todos estão indo que irei te ver em breve novamente. — Pisca um olho para mim, como se fosse íntima e segue uma direção diferente do que me forneceu.

Antes que eu possa tentar pensar em uma rota de fuga, ou mesmo procurar por Anton, uma mulher nem um pouco simpática e que mais parecia uma fisiculturista me aborda. Seus traços fortes e masculinizados indicavam que ela praticava tanto quanto os homens que estavam comigo hoje.

— Siga para o refeitório, novato.

Franzo o cenho, olho para os lados e percebo que Anton é escoltado por outra mulher tão forte quanto a que estava ao meu lado. Acelero meu

passo e tento alcançá-lo.

Enquanto me aproximo dele, percebo que possuí as mesmas mudanças que eu, sem pelos em seus braços, que estão volumosos e do mesmo tamanho que o meu, sendo que sempre foram menores por seu porte físico ser diferente.

— Anton! — chamo-o com urgência assim que ele se aproxima da porta do refeitório e eu dele.

Seu rosto vira em minha direção, preocupado e assustado como eu me sentia. Ele também estava sendo tratado como eu? A mulher que o escoltava bloqueia sua visão e o faz seguir, impedindo qualquer intenção de interação entre nós.

Paro chocado com o que estava acontecendo e sinto uma agulha no meu braço. Antes que possa protestar ou afastar quem me viola, perco meus sentidos e minha visão fica escura novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUATRO - Pesadelo

Maksim

Acordo assustado sem saber ao certo o quanto dormi. Os movimentos do meu corpo não respondem a minha mente, o que me deixa intrigado, pois há dias tenho constatado algumas mudanças em meu comportamento para não dizer essência.

De olhos abertos e corpo relaxado, minha mente parece vazia. Sinto-me como se estivesse exercendo um comportamento robótico, sem sentimentos, vazio e sem emoção. Como uma espécie de cão adestrado, meu cérebro corresponde automaticamente todo e qualquer comando.

Nu e coberto apenas com um lençol observo Taylor se aproximar de mim e como mágica, meu corpo se move para ficar sentado.

— Ora, ora, vejo que acordou. — Estuda-me com um olhar completamente avaliativo. Sua voz em tom de escárnio causa-me repulsa, contudo,

não me passa despercebido seu olhar de predadora.

— Que merda fizeram comigo? Onde estou? — esbravejo em busca de informações.

Não responde. Apenas sorri balançando a cabeça em desaprovação ao estudar cada pedacinho do meu rosto e corpo.

Em pé a minha frente, ela coloca a mão na minha perna nua estudando-me com sua expressão carregada de segundas intenções. Meu corpo reage instintivamente ao seu toque. A maneira com que ela me observa é dominante. Sinto-me como um animal prestes a ir para o abatedouro, ela faz com que eu me sinta acuado.

— Chegou o momento mais aguardando, eu mando você obedece. Não me decepcione — sua voz é autoritária, é evidente, contudo, o comando sexual não passa despercebido. Inexplicavelmente meu pau ganha vida própria e fica ereto, minha libido é despertada em fração de segundos. Algo não está correto.

Porra! Sou um homem, caralho! Gosto de comandar na cama e não ao contrário. Eu não posso me deixar intimidar.

Taylor sorri em tom de escárnio, passa a língua nos lábios e não se faz de rogada ao pegar meu pau em sua mão e começar a incitá-lo. Sinto então meus batimentos cardíacos acelerarem quando as veias do meu membro ficam em evidência. Minhas bolas incham, parecem que irão explodir a qualquer instante. Quanto mais a mulher trabalha em meu membro rígido, mais eu tenho a impressão que estou prestes a entrar em combustão ou sofrer um colapso sexual se não fizer algo que me traga alívio.

Olho impressionado para o tamanho, a forma que meu pau ganhou. Sinto-o sensível e febril, quanto mais ela me toca, mais ele cresce, incha, algo inexplicável ou até mesmo incompreensível. Uma mutação está acontecendo comigo, essa é a única explicação.

Avanço na mulher a minha frente em busca do sexo. Arranco seu vestido sem me preocupar se estaria a violando de alguma forma. Ela parece gostar de minha reação altamente brutal, não percebo resistência quando me desfaço de sua calcinha.

— Me fode! — ela ordena. É ágil em me entregar uma camisinha que não percebi que ela guardava dentro de seu sutiã. Seguro o envelope em minhas mãos enquanto estudo-a.

Quando penso em deitá-la sobre a cama, ela gargalha. Encaro-a com um semblante de dúvidas, ela parece entender a minha confusão e esclarece:

— Você por acaso conhece a definição da palavra ME FODA? Não. É claro que não. Me deixe esclarecer algumas coisas, Maksim. Eu não sou como as outras, não sou qualquer uma. Não vou me deitar nessa cama e abrir as pernas enquanto você me penetra num repugnante papai e mamãe. Quero ação. Atitude. Aqui, nesse universo, tudo é válido. Não desperdice meu tempo e me foda como mereço.

Respiro fundo controlando a vontade de mandá-la ir se ferrar. Quem ela pensa que é? Está me dizendo que eu não sou homem?

Rasgo o que resta de tecido em seu corpo e enlaço minha mão em seu cabelo. Forço sua cabeça trazendo até próximo do meu rosto. Ela sorri

vitoriosa. Aperto mais o meu toque fazendo que ela se ajoelhe em minha frente.

Não me passa despercebido sua cara de satisfação. Emudecido, eu controlo meus gemidos abafando-os em minha garganta. Sem dar a ela tempo ou espaço, violo sua boca forçando todo meu pau até sua garganta. A desgraçada engole tudo. Parece ser perita no que faz.

Não. Ela não irá me desestabilizar.

Sinto-me como um robô, apenas isso. Ela geme fogosa enquanto chupa toda extensão de meu pau. Eu, bem eu... não sei definir o que sinto. É tão automático meus movimentos, minhas ações, seus gemidos dando-me a impressão que estamos seguindo um roteiro.

Sem dar a ela tempo ou espaço, puxo-a novamente pelos cabelos jogando-a na cama de bruços. Abro a camisinha, envolvendo-a em minha rigidez. Coloco-a de quatro e sem qualquer preparação, penetro num único impulso, por trás.

Ela não queria que eu a fodesse?

— Me mostre do que é capaz. — Minha

mão encontra seu clitóris e começa a se movimentar freneticamente. Ela geme fogosa e empina seu quadril para que eu a penetre ainda mais bruscamente. — *Ordeno que* não pare enquanto eu não gozar — Irracionalmente, continuo minhas estocadas e quanto mais eu a penetro, ela grita pedindo mais, exigindo tudo. Atento prontamente os desejos da mulher que não cede seu comando.

Taylor parecia insaciável, constatei que ela se controlava para não gozar. Uma hora pareceu um dia, então... ela gozou. Friamente afastou-se de mim indo até o banheiro.

Desconsertado, tudo o que consegui foi encarar o teto em busca de respostas as quais eu não tinha.

Observo-a sair do banheiro já vestida. Seu semblante tomado por sua expressão autoritária nunca a abandona. O tom em sua voz confirma minha teoria:

— Eis aqui a primeira lição. Foder, transar, não consiste apenas em gozar. Isso chama-se ejaculação retrógada a qual você irá treinar essa

técnica. Falaremos disso mais tarde. Agora, vista-se, vamos para a academia.

Como um cão adestrado, faço conforme as suas diretrizes. Não discuto, apenas executo sua ordem e a acompanho para fora.

Cada vez mais sentia meu corpo diferente, minhas ações estranhas. Nada disso parece certo a começar pelo sexo.

Levanto os pesos com raiva contida, querendo extravasar minha frustração crescente quando escuto vozes discutindo. Com muito esforço, já que minhas vontades não eram mais autônomas e sim comandadas, solto meus pesos e olho em direção a voz conhecida de Anton.

— Maksim! — grita meu nome e qualquer ação que eu pensei em fazer é desmotivada pelo comando de Taylor.

— *Fique* onde está — baixo e com ira, Taylor interrompe minha possível progressão até meu amigo. Ela me encara feroz e sem nenhuma simpatia.

Em minha mente estou gritando, mas por

fora, estou apenas observando meu amigo de longe.

Ele estica um braço em minha direção enquanto uma das mulheres que fica de guarda bate nele com um cassetete. Observo impotente ele cair no chão. Sua voz assombra-me quando ele grita para que eu o ajude.

Nesse momento, todos da academia pararam suas atividades e observam sem expressar sentimento nenhum ao que estava acontecendo.

— Maksim!

Qual é o meu problema? Por que não consigo sair do meu estado inanimado e ir até ele e ajudá-lo para fugirmos daqui?

Que porra essa falsa promessa de trabalho honesto!

Fecho minhas mãos em punhos com força enquanto vejo ele ser imobilizado no chão. Ele continua tentando escapar das garras da guarda, mas a mulher parece ser de aço.

Suas calças são removidas de seu corpo. Sinto minha pressão sanguínea baixar quando um dos homens que estava treinando remove seu

membro ereto das calças.

Não! Isso está sendo mais do que eu possa suportar. Preciso ir até ele. Mas como? Taylor avalia minhas emoções enquanto dois homens cercam-me para que eu permaneça onde estou.

Observo inerte o homem se ajoelhar entre as pernas de Anton. Ele se posiciona para violar Anton, que parece se entregar a luta perecendo que a mesma está perdida. O desespero do meu amigo finalmente consegue me fazer sair do meu estado de inércia.

— Nã... — tento falar, mas sou interrompido pelas unhas encravando em meu braço.

— Cale-se! — sibila Taylor ao meu lado e sinto que seu aperto perfurou minha pele. Apesar disso, não consigo tirar os olhos de Anton sendo violado. Derrotado, ele aguenta em silêncio a atrocidade que estão fazendo com ele. Deus! *Eu preciso ir até ele!* — Ou você se adapta, ou acabará como seu amigo. — De forma sombria, ela solta seu aperto do meu braço e se afasta alguns passos de mim.

Estagnado, sinto meu mundo ruir em pequenos tijolos de descrença e fraqueza. A sensação de impotência e fragilidade me assolam de tal forma, que sinto uma lágrima escorrer do meu olho esquerdo.

Anton estava sendo humilhado, gritava por socorro e nada faria o seu algoz parar, inclusive eu. O homem que o punia parecia um robô movimentando seu quadril em estocadas insanas e animalescas. Em sua face, nenhuma expressão esboçava.

Quem eram essas pessoas?

Por que faziam isso?

Para que inferno Baran nos trouxe?

Sinto meu pau começar a se manifestar e fecho meus olhos, covarde demais para refrear as ações do meu corpo.

Eu só posso estar doente, porra! Sinto asco de mim mesmo, preferia morrer a sentir prazer ao ver algo como isso acontecendo, ainda mais sendo meu amigo, meu irmão!

— Abra os olhos, veja o quanto é excitante

ver um homem ser possuído por outro. — Taylor aproxima sua frente das minhas costas, coloca sua mão no meu pau sobre a calça de tecido fino e apalpa, com força. O pior de tudo, é que meu corpo responde ao seu toque, ao seu comando.

Ela sorri vitoriosa e caminha em direção a porta de saída. Enquanto escutava Anton gritar meu nome uma última vez, segui pelos corredores guiado por Taylor para o meu quarto. Virei as costas para o meu amigo, para minha humanidade.

Se em algum momento me senti homem, agora não mais. Não passava de uma massa de músculos e ossos, sem vontade própria, refém dos meus instintos animais e dessa mulher inescrupulosa.

Taylor e todas essas pessoas me transformaram em um ser abominável, um monstro. Preferia morrer a continuar com isso.

Sentia-me numa experiência fora do corpo quando deixei fluir, sem resistência, o que queria sentir. Queria possuir essa mulher, extravasar minhas angústias e puni-la por fazer Anton sofrer.

Sempre em tom de ordem, ela narra tudo o

que devo fazer. Tirar a roupa, beijar seu sexo e penetrá-la por trás, como foi feito com meu amigo. Fez questão de salientar a última parte, o que solidificou o túmulo ao qual me enterrei.

A partir desse momento, não era Maksim Dahno, nascido na Ucrânia e fugido de uma guerra civil. Esse homem morreu no momento que cruzou o oceano e foi tomado por essas pessoas vis.

Em mim, nada mais do que aparência sobreviveu.

Assim que as atividades sexuais terminaram, fui para o refeitório, almocei e continuei com a rotina de exercícios à tarde. Ninguém parecia abalado, muito menos eu, que havia desistido de lutar contra a dormência que queria dominar.

Treinei artes marciais, usei e abusei dos meus músculos até o limite e ao anoitecer, me perdi novamente no corpo de Taylor, uma mulher insaciável. Como um capacho que estava sendo treinado, apenas executei tudo o que me foi ordenado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO CINCO – Expectativa

Versus Realidade

Anton

Quando escolhemos mudar de vida, Maksim e eu, investimos tempo e sonhos para isso acontecer. Numa empolgação desenfreada, encontrei Baran e vendi nossas vidas para ele. Era um entusiasta, acreditava no lado bom das pessoas, fui tolo e ingênuo. Deixei-me ser seduzido pelas falsas palavras do vendedor de sonhos. Só não pensei que estaria entregando as nossas almas.

Assim que cruzamos o oceano, sem saber exatamente onde estávamos, a chama da esperança ainda estava acesa em mim. Demorei a admitir a mim mesmo que nada havia saído conforme idealizado e quando vi, meus sonhos transformaram-se no mais terrível pesadelo.

Meu amigo e eu fomos separados quando chegamos. Nunca mais tinha o visto, até esse

infeliz episódio que mudará para sempre a minha vida. Meus dias tem se resumido em malhar, malhar, alimentar-me conforme os especialistas da saúde prescrevem e fazer sexo. Eles estão nos transformando numa máquina sexual.

Minhas esperanças morreram assim que fui confrontado com a realidade e obriguei-me a admitir que não passava de um sonhador. Não existe diferença de cultura, Rússia ou Estados unidos, os seres humanos são cruéis e perversos, não há como negar.

Quando fui apresentado a Lucy assim que cheguei nessa prisão infernal, não imaginei ser atacado por uma maníaca sexual. Ela me queria para o prazer e eu, mesmo estando muito interessado na prática, preferi ser um cavalheiro.

Antes tivesse jogado-a na parede e dado tudo de mim, pois no momento que tentei ser gentil, levei um tapa no rosto, fui subjugado e drogado. Não sei o que havia na injeção que Lucy aplicou no meu pescoço, mas fiquei dormente e mais suscetível a aceitar os comandos dado por essa mulher.

Com o passar dos dias, constatei que o comprimido que ela me obrigava tomar, alegando ser hormônio GH para o crescimento da massa muscular, nada mais era alguma droga para ativar a libido sexual e submissão. Porém, a mesma não faz tanto efeito em mim, por isso, fingia dia a dia para não levantar suspeitas.

Minhas lembranças voltam para o momento que avistei meu amigo, drogado e submisso como os outros. Virei meu rosto rapidamente e o vi sendo abatido e drogado. Gemi de dor quando senti Lucy apertar meu braço com força. De onde vinha tanta habilidade?

— *Ordeno que* fique onde está e siga como os outros. A punição para quem não cumpre o que lhe é comandado é cruel.

Mesmo com vontade de ir contra tudo e todos, apenas obedeci e comecei a pensar na melhor maneira de escaparmos.

Submisso e desesperado, contei os segundos na minha mente até a hora de encerrar o meu treino e voltar para o meu quarto. A mulher queria sexo novamente e para ela não desconfiar,

tive que cumprir suas ordens.

— Vai precisar de mais estímulo, rapaz. Você tem um corpo bom, mas sua pegada não está selvagem o suficiente.

Após me usar como um boneco e me descartar, Lucy deixou meu quarto e eu rapidamente me levantei, tomei um banho e saí de forma sorrateira. Parecia que todos dormiam enquanto seguia pelo corredor com várias portas, provavelmente quartos.

Andei pelo espaço amplo da academia e encontrei uma porta. Não consegui abrir, mas escutei através dela. Era uma voz desconhecida, de mulher autoritária.

— *... Não vou me preocupar com experimentos que não deram certo. Serão eliminados como os outros. Faça...*

Experimentos?

De que diachos ela está falando?

Não era um bom sinal. Não. É evidente que corríamos perigo.

Desesperado, tentei entrar nos quartos no

grande corredor, mas uma porta se abrindo me deixou desesperado. Tentei todas as maçanetas e quando uma deu certo, percebi que era a minha própria.

Sentei na cama, coloquei minha cabeça nas minhas mãos e chorei em desespero. Eu havia colocado nós dois nessa roubada. De agricultores nos tornamos escravos sexuais?

Adormeci cansado e acordei com Lucy me apalpando. Com rispidez, a joguei na cama para afastá-la, mas ela entendeu como se fosse um convite removendo sua roupa e sorrindo satisfeita para mim. Ela queria a agressão, o selvagem, então, seria isso que ela teria.

Não iria passar por essa experiência sem marcar meus atos, por isso, de forma bruta, a tomei na minha cama, me excitando apenas com a possibilidade de sumir desse lugar, denunciar e acabar com essa loucura.

Como no dia anterior, fiz o que ela me ordenou e seguimos para a academia. Desta vez eu iria escapar e alertar Maksim.

Ledo engano.

Fingi obediência, executei meus exercícios, mas meus olhos vigiavam a todo momento os quatro cantos da academia em busca do meu amigo. Quando o vi chegar e percebi que parecia mais um robô no meio de tantos homens viris e submissos, precisei me controlar. Ele não poderia se entregar.

Assim que Lucy prestou atenção em outro homem, chamei atenção de Maksim, mas só tive sucesso quando gritei seu nome.

Depois disso, o caos se instaurou e percebi que cavei meu próprio túmulo, sem ao menos conseguir salvar meu amigo desse inferno.

Subjugado, humilhado e violado.

Vergonha.

Humilhação.

Derrota.

Essas palavras não são o suficiente para expressar os meus sentimentos. Tivera eu me entorpecido, permitido que meu corpo tivesse saído do plano real.

O que é a dor física, comparada com a dor

da humilhação?

Sinto minha carne rasgar e com ela, a minha dignidade. Seguro minha bile que sobe até a garganta no intuito de controlar os meus devastados sentimentos. Pensamentos suicidas invadem minha mente. Fecho meus olhos com força para não olhar para meu amigo assistindo a minha derrotada. Seguro minhas lágrimas na intenção de me fingir de forte.

Quando penso que não irei mais resistir a tamanha brutalidade, sinto então alguém colocar um capuz em minha cabeça, erguer meu corpo do chão e me carregar como se fosse um saco de batatas. Sinto uma picada de agulha em meu braço e segundos depois, começo a sentir-me leve, flutuar.

Teria eu alcançado a absolvição e me libertado do inferno na terra?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO SEIS – Enfim, submisso

Maksim

Não sabia informar o tempo que se passou desde a última vez que vi Anton. Cada dia mais eu me importava menos com o que acontecia ao meu redor, com o que faziam com meu corpo e mente. Não havia como lutar, minhas vontades foram roubadas, minha mente adulterada e virei um robô.

Era alimentado com prazeres sexuais e exercícios físicos. Meus combustíveis para acordar todos os dias e ser.

Não vivia, não sobrevivia, apenas era... um homem depravado que seguia ordens.

Aprendi muito sobre a técnica de ejaculação retrógada junto com Taylor. Nela, o músculo que fecha a bexiga não funciona normalmente, permitindo que parte ou todo o sêmen viaje para trás (retrógrada) na bexiga, no momento da ejaculação. Quando isso acontece, menos esperma sai da ponta do pênis. Ao praticar

alguns exercícios para fortalecer este músculo, aprendi a isolá-lo, e desta maneira, passei a ter mais controle sobre ele, e na hora em que estiver para gozar, consigo fazer com que o líquido que contém o sêmen não saia, tendo assim um orgasmo sem ejaculação.

Depois dos exercícios do final da tarde, Taylor me levou para um outro local, uma sala onde homens eram depilados, banhados e vestidos.

— Hoje será sua estreia — percebi a excitação na voz de Taylor, mas nada disso me afetou. — Você não tem autorização para falar de qualquer coisa que não esteja relacionada ao personagem que irá interpretar nessa noite. Se fizer alguma gracinha, seu amigo morre.

Sem camisa ou cueca, visto uma calça jeans e meus músculos são evidenciados com um óleo suave no meu corpo.

Percebo Taylor me observar de longe e como ordenado, sigo junto com outros homens para um corredor escuro guiado por uma das guardas.

A música misteriosa e sensual atiça meus sentidos. Enquanto escutamos, percebo todos os

homens inquietos, precisando extravasar essa energia luxuriosa do corpo. Tudo nesse mundo se resume a sexo.

Em fila seguimos adiante para um palco mal iluminado e cheio de fumaça. Estamos em um auditório e somos avaliados por várias pessoas em trajes sensuais ou fantasias. Estamos sendo ofertados como mercadorias para esses seres humanos depravados e inescrupulosos.

Uma ovelha muda indo ao matadouro, sem decisão ou vontade própria.

Era tempo de executar o que me ordenavam e esquecer que algum dia, eu sairia de daqui lúcido.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO SETE – O início de um caminho sem volta

Naomi

Encaro as pessoas sentadas ao redor da mesa de reunião sem esboçar nenhuma emoção. Elas, ao contrário, estão chocadas e surpreendidas. Também estaria assim, se estivesse no lugar delas e possuísse qualquer calor dentro do meu peito.

— Não se pode ir para guerra sem todas as armas. Aquele juiz era corrupto. Não perderia uma causa dessas, porque a dona da empresa a qual minha cliente era colaboradora, resolveu fazer serviços extraoficiais ajoelhada no gabinete da vossa excelência, na intenção de se livrar de um processo trabalhista por assédio e dano moral — encerro os murmurinhos com minha consideração final e recolhimento das pastas que estavam a minha frente.

Com a ajuda de um detetive, investiguei a

vida daquele juiz pomposo e descobri todos os seus segredos sórdidos. Não só o envolvimento com a parte acusada no caso que estava trabalhando, mas com outras mulheres, inclusive estagiárias. Eu não tenho teto de vidro, mas sei resguardar meu lado sórdido muito melhor do que aquele homem. Após uma longa conversa com o senhor juiz, ele entendeu que eu sabia mais do que deveria e resolveu fazer seu trabalho com ética e profissionalismo. Tendo minha cliente, causa ganha.

Deixo as dependências do meu escritório de advocacia na intenção de relaxar e colocar conversa fora. Audiências são desgastantes. Como passa um pouco mais das dezoito horas, aproveito para fazer um *Happy Hour* com alguns colegas advogados.

O prédio onde temos os nossos escritórios poderia ser chamado de cúpula dos advogados. Somente os melhores e os mais requisitados em suas especializações, possuem seus escritórios no lugar mais caro por metro quadro dessa cidade. Eu trabalho como advogada trabalhista e

previdenciária. Sarah, é criminalista. John é da vara da família, já Liam, é advogado na área penal.

Atravesso a rua e assim que entro no *Live Pub*, reviro os olhos ao constatar que atraio a atenção dos olhares masculinos. Homens! Tão previsíveis, não podem ver um pedaço de carne que mostram os dentes feito cachorros famintos.

Sorrio e cumprimento meus colegas que já estão acomodados e sento-me na cadeira reservada a mim.

— Qual a sensação de ser uma das mulheres mais cobiçada do recinto? — pergunta John em tom de flerte. Ajeito minha postura e balanço a cabeça divertindo-me com sua ingenuidade.

— Sábia colocação, caro colega ao dizer, “uma das”, sendo que Sarah, na minha singela opinião, é a atração do momento.

Sarah sorri entrando na brincadeira. Ela é uma das melhores advogadas na área criminalista, além de linda, é claro. Minha admiração pelo seu profissionalismo é verdadeira, não costumo fazer bajulações.

— Bondade sua, doutora. — Sarah dá uma piscadela e leva seu copo nos lábios bebericando sua bebida, atraindo a atenção de Liam, que a fita com os lábios entreabertos.

— Então, doutora, o que acha de esticarmos a noite depois que encerrarmos aqui? — John aproxima seus lábios do meu ouvido para sussurrar e ao se afastar, inala meu cheiro sentindo-se o verdadeiro Don Juan. Mal sabe ele que homens de seu naipe, eu esmago com meu salto agulha. Ele é bonito, atraente, não vou negar. Contudo, é um libertino e não valoriza os sentimentos femininos e frágeis.

— Nem que você fosse o último homem da face da terra, John — respondo em seu ouvido em tom sensual para provocar. Sarah conversa animadamente com Liam e pelo andar da carruagem, a noite será longa. Boa garota.

— Por que tanta aspereza, doutora? É certo afirmar que seu problema é falta de homem? Mas não fique chateada, hoje é seu dia de sorte e o John aqui poderá resolver o seu problema, mulher de ferro.

Respiro fundo e gargalho em tom de escárnio controlando as minhas emoções. Existem certas pessoas que não merecem que desperdicemos nossas palavras, John é uma delas. Ele é um bom advogado, porém, suas abordagens com as mulheres são péssimas.

— Não me confunda com suas vítimas, doutor. Ao contrário do que represento, posso lhe surpreender. Não me subestime.

Entorno todo conteúdo do meu copo em um único gole e resolvo interagir com Sarah e Liam para sair do radar de John, que me fita incrédulo com minha resposta. Sinceramente, não estou com a mínima paciência para os jogos de sedução de John.

Após alguns drinques, despeço-me de meus colegas e apresso-me para ir para casa começar a minha produção, onde a doutora Naomi sairá de cena incorporando sua personagem favorita, Afrodite, a deusa da beleza e do sexo.

Afrodite, na mitologia grega, era a deusa do amor, da beleza corporal e do sexo. Ao contrário dela, a palavra amor não faz parte de minha

personagem, nem tampouco da minha vida. Ela também era considerada a protetora das prostitutas e o que me difere dela, é que sou protetora das mulheres frágeis e desprotegidas.

O tempo transforma e a vida modifica as pessoas. Um dia eu já fui frágil, já fui vítima e também ingênua. Um dia eu amei e acreditei também ser amada. Um dia, tudo mudou. Naomi deixou de existir e passou a sobreviver. E os reflexos daquela experiência um tanto quanto traumática fizeram de mim o que me tornei.

Já em casa, encaro a figura no espelho e sorrio com o resultado. Com minhas pálpebras carregadas por uma sombra fumê e o batom vermelho em meus lábios, que me deixa com um ar de sensualidade explicita, porém não vulgar. Um corpete preto com bordados em dourado no decote forma um lindo conjunto com uma mini saia. A cintura e a barra da pequena peça também possuem bordados em dourado. Uma luva preta com um filete em dourado transforma um simples acessório em algo sensual. Nos pés, uma sandália da mesma cor que os bordados da roupa. O salto alto e tiras

transpassadas nas pernas completam meu visual. A personificação real da deusa da beleza e do sexo. Deixo meu cabelos soltos e uso apenas uma tiara que remete as lembranças das tiaras usadas desde o tempo da Grécia.

Por prevenção, coloco uma capa preta por cima da minha roupa nada usual. Caso encontre alguém no corredor do prédio e elevador, ou, indo um pouco mais longe com a minha precaução, vai que por uma infelicidade, eu seja parada em uma blitz? Bem, quem olhar para mim ingenuamente pensará que minha roupa nada mais é que um vestido preto até o joelho com as mangas três-quartos.

Levo aproximadamente uma hora para chegar na *Sin City*. Aqui, Naomi não existe. Todos que frequentam a cidade do pecado incorporam algum personagem para libertar as suas fantasias. Somente sócios frequentam esse local.

Para se tornar um membro, primeiro, você precisa ser indicado por um sócio da casa. Segundo, para um sócio ativo poder fazer alguma indicação, ele não pode ter nenhum apontamento

negativo em sua ficha de acompanhamento. Terceiro, sua vida será revirada do avesso e caso não encontrem nada que o desabone, seu nome será aprovado para a segunda fase. Uma série de exames serão solicitados e só após esses procedimentos, eles dirão quanto custará uma carteira provisória de sócio. Só passará a ter uma carteia definitiva, após ser observado durante um ano e cumprir com todas as normas do clube.

Entro no clube e o cheiro do pecado me invade, deixando-me leve para poder incorporar o meu papel. Aqui, nesse recinto, eu possuo meu próprio quarto. Além do custo da mensalidade como sócia, o aluguel do meu olimpo vale cada dólar investido.

A extensão do clube é algo indescritível, fica localizado em uma área reservada e privada para não levantar suspeitas. Quem olhar de fora, terá acesso apenas ao clube esportivo. Academias, quadra de tênis e campo de golfe tornam a estrutura desse local, uma bela fachada. As pessoas jamais imaginariam que subterraneamente, existe uma cidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

As pessoas que frequentam a cidade do pecado, dificilmente interagem uma com as outras. O intuito é a realização dos seus fascínios com o que a casa tem a oferecer. Aqui, elas não existem quando incorporam verdadeiramente o seu personagem.

Todos buscam única e exclusivamente conhecer e usufruir os atrativos do universo do pecado. Aqui, o certo e o errado não existem, nem tampouco vítimas ou réus e até mesmo, culpados e inocentes.

Caminho pelos corredores e atravesso alguns pavilhões inalando o cheiro de fumaça, gelo seco. O ambiente sombrio é convidativo. É possível sentir a áurea sexual. Observo atentamente a interatividade dos personagens com os anfitriões da casa.

Para quem gosta de swing, as cabines temáticas oferecem a melhor atração, desde voyeurismo até sexo grupal. Aos apaixonados pelo mundo de BDSM, na cidade do pecado encontram-se os melhores submissos e submissas e até mesmo, dominadores e dominadoras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gays, lésbicas, simpatizantes, heterossexual, homossexual, branco, preto, ruivo e moreno... todos são bem-vindos. Tudo aqui é permitido desde que consensual. O lema da casa é: quanto você estaria disposto pagar para realizar os seus mais profanos desejos? Poderia citar as inúmeras atrações, mas prefiro deixar por conta da imaginação...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO OITO – Caindo em queda livre

Naomi

Competitiva, eu não sei perder, nem mesmo em *Sin City* a advogada dentro de mim não me abandona. Nessa noite, levar o melhor leiloado e tê-lo a meu bel prazer será meu prêmio de consolação. Sexo nu e cru, sem sentimentos, sem envolvimentos, sem mentiras, é o que eu busco, porque aqui na cidade do pecado, ninguém precisa mentir para agradar.

Sinto-me vitoriosa por ter conseguido arrematar no leilão das cadeiras o melhor espaço para observar de perto o meu show favorito. Gosto de me sentir no poder, ter a autonomia de poder fazer as minhas escolhas é como um incentivo para mim. Ao contrário de me sentir usada, sou eu quem escolho quem usar. Diferente de ser a submissa, sou a senhora, dona de mim e de quem me dará

prazer.

Sento-me na cadeira em frente ao palco e começo observar o espaçoso auditório lotar ao meu redor. Alguns rostos são conhecidos, no entanto, aqui, é como se não nos conhecêssemos e lá fora, nunca nos vimos, essa é a norma número um. Quem não a cumprir, está fora, sem misericórdia.

As luzes se apagam e a adrenalina toma conta de mim. Uma música em tom de suspensa ecoa nos alto-falantes. Uma nuvem de fumaça cobre a passarela enquanto dez homens viris, fortes e másculos entram um a um. As mulheres ficam enlouquecidas, ovacionam e vão ao delírio.

Um desfile coletivo é feito por esses musculosos homens. Eles fazem parte de uma espécie rara, que só existe aqui. Engulo a seco contemplando a imagem e suas expressões completamente fechadas, o que leva as mulheres ao êxtase total.

De calça jeans e sem camisa, eles se posicionam um ao lado do outro, de frente para o público feminino. Observo atentamente ombros, bíceps e tríceps e a caixa torácica de cada um.

Meus olhos curiosos vão de encontro ao volume das calças. Sorrio atrevida ao contemplar aquele V ousado e tentador. Quando eles se viram de costas, examino com curiosidade as costas largas, livres de gorduras. Esses homens devem passar horas e horas em um treino pesado para conseguirem manter a perfeição de seus corpos.

Os deuses da perfeição deixam então a passarela para retornarem em breve em um desfile individual. A música que antes era de suspense, agora é de ação. Sentindo a atmosfera do local, minhas mãos transpiram e meu sexo aperta de antecipação.

Usando uma sunga preta, o primeiro candidato entra exalando sexo pelos poros. O homem a minha frente esbanja *sex appeal*. Não sorri, tornando-se um mistério ainda maior. Os outros nove candidatos seguem a mesma linha, contudo, é o decimo candidato que atraí a minha atenção.

Usando uma sunga azul marinho, o elástico vermelho exibe a marca da peça. O corpo dele não difere dos outros. Lindo, atraente e

altamente musculoso, contudo, o que me chama a atenção é o mistério que ele carrega no olhar. Ele não tem a desenvoltura necessária como os outros candidatos na passarela, sendo assim, não despertou tanto interesse da mulherada eufórica que me rodeia. Ele finaliza sua apresentação e deixa a passarela levando consigo o seu mistério.

A música alta ecoa no ambiente. Ao contrário de outros leilões, esse existe uma oferta mínima e um teto máximo, para que a mínima, não fique abaixo da máxima. Na poltrona onde estamos sentadas, existe um painel onde colocamos nossos lances e cadastramos nosso número de associadas. A apuração é feita via sistema.

Os minutos que se passam parecem insondáveis. Sentindo a luxuria sugar-me por completo, tomo um gole da minha bebida tentando acalmar a minha libido. Além de ter me tonado uma loba solitária, temo me tornar uma ninfomaníaca. Porque além de procurar o clube para extravasar minha tensão sexual, garotos de programas fazem parte de meu cardápio.

Os dez musculosos e irresistíveis homens,

retornam novamente para a passarela e se posicionam de frente para a plateia. Não conseguimos ver a interlocutora, mas a empolgação em sua voz faz com que a ansiedade e o desejo latente controle minhas ações a partir daqui.

A quantia levantada nessa noite é absurdamente alta. O dinheiro que estamos dispostas a pagar para usufruirmos desses atributos masculinos torna-se insignificante após alcançar o ápice do prazer, ultrapassando barreiras inimagináveis na esfera sexual.

Conforme o resultado aparece no telão, as contempladas se direcionam até a passarela para buscar pessoalmente o seu prêmio. Eufóricas, elas saem de mãos dadas com suas beldades exibindo-os, para causar inveja em que não conseguiu arrematar nenhum dos dez.

Olho para o telão e vibro internamente ao constatar que o candidato número dez será todinho meu por horas e horas. Podendo aumentar para um ou dois dias dependo do quanto eu esteja disposta a pagar. Como uma loba faminta, apresso-me para ir retirar o meu prêmio.

Assim que me aproximo, ele me fita sem expressão, o que me deixa intrigada. Contudo, ele responde aos meus comandos ao pegar em minha mão e me acompanhar.

Não preciso pensar muito para decidir onde iniciar a minha noite. Não nos dirigimos sequer uma palavra enquanto caminhamos até uma das cabines de ménage. Uma nuvem de mistério e enigma paira no ar, ele chama a minha atenção de forma inexplicável.

Assim que adentramos no local, um homem alto e imponente vem ao meu encontro. Paro na frente do desconhecido que usa um jeans sem camisa e pés descalços.

— Seja bem-vinda, deusa Afrodite. Essa noite nos aguarda muito prazer. Você — ele sorri com malícia e comanda meu leiloado —, fique atrás dela e venere seu corpo.

Prensada por duas paredes de músculos, ofego e estremeço enquanto eles começam a incitar o meu corpo com as mãos.

De repente, o inusitado acontece ao sentir um desejo irrefreável em beijar avidamente os

lábios do meu leiloado. Dentro de *Sin City*, uma de minhas regras é jamais beijar. E pela primeira vez desde que entrei para o universo obscuro e carnal, ela parece não funcionar, pois o anseio em sentir a sua língua na minha, seus lábios nos meus, conduz o momento e ganha vida própria.

O homem, dono da sala de ménage, beija a curvatura do meu pescoço, enquanto o meu prêmio de consolação aperta meus seios. Seu toque não é gentil, é brusco, fazendo meu corpo transbordar. Elevo minha cabeça para trás sentindo suas mãos enlaçarem os meus cabelos e me rendo. O homem a minha frente começa a me despir, lenta e impiedosamente enquanto aprecio cada carícia, cada toque.

Uma onda de calafrios atravessa o meu corpo ao sentir a língua do meu leiloado brincar com o lóbulo de minha orelha. Um emaranhado de mãos envolve meu corpo, nesse momento, desfaleço. Fecho os olhos e entreabro os lábios deixando escapar alguns gemidos de satisfação.

Quando sinto uma das mãos do homem atrás de mim capturar meu clitóris, arfo e

estremeço. O homem a minha frente começa a estimular meus mamilos com a língua, enquanto sinto o dedo do homem de trás fazer maravilhas com meu ponto de prazer.

Sinto que estou perto do penhasco e buscar a minha libertação é o mesmo que lutar pela minha vida. O orgasmo começa a se aproximar numa velocidade descomunal. Ouço, então, o homem que estava beijando meus mamilos comandar:

— Remova sua sunga e deite-se na cama. Fique pronto para nossa deusa.

Uma das regras da casa é que o dono da cabine dê as diretrizes quando arrematamos um leiloado. Ele pega-me pela mão e conduz até a cama. Sinto minha excitação escorrer pelas pernas ao observar o meu deleite escolhido da noite, deitado e nu, estimulando a sua ereção com as mãos. Engulo a seco, reprimindo o meu ávido desejo em sugar até a sua última gota de satisfação. Ele me observa, porém, sua expressão ainda é impassível. Seu desejo por mim é manifestado através de seus gemidos guturais. Ainda não tive o prazer de ouvir nitidamente o som de sua voz.

Assim que me aproximo, novamente o dono da cabine comanda:

— Cavalgue em seu pau.

Sendo conduzida pela lasciva, aproximo-me da cama e engatinho sobre ele, até alcançar os seus lábios. Quando ele me enlaça pelos cabelos e viola minha boca com fome e urgência, eu o monto. Sento-me sobre o seu pau e começo a cavalgar enlouquecidamente, mas sem interromper o nosso beijo.

Como se ele fosse a minha fonte de vida, beijo-o incansavelmente. Um desejo inexplicável de sorver os seus lábios me domina. Quanto mais eu o beijo, mais alucinada pareço. Com ele, não é diferente. Nossos lábios se fundem com perfeição.

Com uma mão, ele puxa fortemente meu cabelo e com a outra, aperta os bicos rígidos de meus mamilos. O sexo que estamos fazendo é indescritível, meu corpo corresponde aos seus estímulos de forma automática. Nossa química é notável.

Por que eu não consigo abandonar os seus lábios?

Sinto algumas mordidas em minhas costas e enlouqueço de antecipação prevendo o que acontecerá.

— Reduza suas estocadas, cowboy. Minha deusa, eu vou te preencher.

Ofego, gemo e enlouqueço quando sinto sua ereção ganhar espaço dentro de mim. Sou despudorada no quesito sexo. Gosto de conhecer todas as experiências que a vida me oferece, dupla penetração é algo que eleva os meus desejos insanamente.

Sentindo o homem me tomando por trás, sugo os lábios do meu leiloado sem pudor. Inclino-me sobre ele enquanto nosso beijo começa a ganhar proporções mais violentas. Ele eleva seus quadris para me estocar dura e profundamente. Elevo meu quadril para trás, para sentir a outra extensão latejar dentro de mim.

Em um vai e vem frenético e irrefreável, movemos nossos corpos que se encaixam perfeitamente. O desejo, o prazer e a luxúria chegam a ser tanta que a sinto sugar todo o meu pudor. Beijo e sorvo a língua de meu alucinado

desconhecido, meu inesquecível leiloado enquanto sinto sua rigidez estocar-me de forma irracional.

O som de seus gemidos soa como melodia. Por alguns instantes, o homem atrás de mim sai de cena. Nesse instante, sinto uma bolha inflar ao nosso redor, prendendo-nos em uma redoma de sensações indefinidas.

Então, a bolha estoura e alucinada, sou arrebatada para outra dimensão enquanto atinjo o meu orgasmo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO NOVE – Satisfação ou demência?

Maksim

Que inferno estaria acontecendo comigo?

Sou guiado pela deusa Afrodite para uma das cabines reservadas, depois do sexo a três que fizemos. Como fui instruído por Taylor a não falar e sim interpretar um papel, sigo atrás da mulher que teve seu direito ao meu corpo através de um leilão.

Ela entra e se afasta alguns passos de distância enquanto estuda o quarto escuro. Cruzo os braços em meu peitoral aguardando até que a deusa Afrodite volte sua atenção para mim para que eu possa encenar.

Observo-a passar as mãos no cabelo num gesto desconfortável. Sem saber como agir ou interpretar sabe-se lá que papel, ando até ela cortando de vez a nossa distância. Ela não me olha, continua de costas.

O que ela espera de mim?

Estaria aguardando alguma atitude de minha parte? Decido agir e acabar de vez com essa palhaçada, irritado por ser apenas um objeto para ela.

Eu não sou um garoto de programa! Porra! Há os que digam que sexo é sexo. Não quando você se sente um objeto de leilão!

— Muito bem, deusa Afrodite.. — sussurro em seu ouvido enlaçando seus cabelos com as mãos. Forço sua cabeça fazendo-a estremecer ao meu toque. Ela ofega, parecendo gostar de minha indelicadeza, por isso, continuo no caminho áspero. — Vou te foder como puta safada, assim como você espera ser fodida. — Mordo sua orelha recebendo gemidos sussurrados enquanto sinto-a estremecer em minhas mãos. — Vou espancar a sua bunda e depois comer essa bunda de cadela. É isso que você quer de mim, Afrodite? — Ela geme, a vadia sente tesão com minha agressividade igual Taylor. — Diga, não ouvi. — Forço meu aperto em seus cabelos.

— Sim... por favor... — implora. Meu

controle desaparece.

Jogo-a de bruços sobre a cama. Sem dar tempo para reagir, acomode-me entre o meio de suas pernas. Ela permanece imóvel esperando apenas meus comandos. Arranco sua calcinha com apenas um puxão, ela geme fogosa em expectativa.

— Vou espancar essa sua bunda e você irá contar, quando eu achar por bem, vou meter meu pau em você. Até lá, você não está autorizada a gozar. Eu fui claro?

— Sim — essa é a sua resposta.

Essa mulher deve saber onde está se metendo ou do contrário não estaria aqui. Espanco-a, sem dó e sem piedade. Descarrego dias, semanas de frustração por ser manipulado e pelo meu amigo estar desaparecido. Uso uma força descomunal, mas não me importo, enquanto ela demonstrar prazer continuarei.

Ela geme, grita, sinto que em alguns momentos ela parece vacilar entre decidir continuar ou não, ainda assim, não se acovarda. Sua bunda, pernas e quadris estão com marcas das minhas mãos.

Que se foda!

Puxo-a pelos cabelos, forçando seu rosto até o meu quanto tomo seus lábios. A maneira que ela corresponde aos meus beijos é o suficiente para me desestabilizar, ainda assim, mantenho-me firme. Meus dedos vão de encontro ao seu clitóris e para minha surpresa, sua boceta está encharcada.

Ela gosta da dor!

— Uma puta safada. Implore para te foder, Afrodite.

— Por favor...

— Por favor, o quê? — insisto, porque estou no comando e a quero completamente submissa.

— Me foda, seu desgraçado! — esbraveja. Viro ainda mais seu rosto em minha direção e quando dou por mim, minha mão abre em sua face acertando-a em cheio.

— Você fez a sua escolha, sua cadela vadia, agora aguente as consequências. Quer ser fodida, você será, mas aqui nessa cabine, quem manda sou eu, fui claro? Agora, seja uma garota

legal e repita sensualmente o que você espera de mim. — Vejo que ela engole suas lágrimas e até mesmo sua dignidade. Ela se mostra dura na queda e por orgulho ou vaidade, ela se mantém firme, interpretando o papel de submissa.

— Por favor, me foda, senhor — faz como mandei e meu pau incha de tesão.

Solto meu aperto de seus cabelos e sua cabeça cai para frente. Sou ágil em retirar uma camisinha do bolso e colocar no meu pau. Minha mão novamente envolve seu sexo molhado e escorregadio. Uso sua própria lubrificação enquanto meu dedo se movimenta em seus lábios vaginais. Ela geme, arfa, empina os quadris ansiando ser duramente penetrada.

Atendo o seu pedido e penetro-a sem aviso. Não saberia dizer se seu grito foi de dor ou prazer. De repente, sinto-me insano e irracional. Bruto, cru e carnal, eu a fodo. Puxo novamente seus cabelos trazendo-a para mim enquanto tomo seus lábios.

Meus quadris se movimentam em busca de aliviar o que minha alma tanto espera: liberdade.

Mas sei que para mim, isso não existe, não há nada para acalmar que não seja minha libido.

Enquanto ela está de joelhos na cama, eu estou de pé ao lado dela. Nossas bocas não desgrudaram e não aplaquei meus movimentos pélvicos, muito menos os dos meus dedos em seu clitóris. Ela estremece uma, duas vezes, por causa dos orgasmos que proporciono e sinto que o meu próprio, aquele que Taylor tanto me treinou para não acontecer, está eminente.

Ela coloca suas mãos na minha bunda e aperta, instigando que eu faça mais e então, urro de prazer, por causa do meu gozo e ejaculação.

Caralho! Que porra é essa? O que estão fazendo comigo? Transformei-me uma máquina sexual sem sentimentos ou emoção?

Ela cai para frente na cama e toda a brutalidade que causei nela fica visível nas marcas em seu corpo. Era estranho o quanto a mesma marca não me incomodava quando via em Taylor, mas nela, me incomodou e muito.

Retiro a camisinha, dou um nó e vou até o banheiro jogar no lixo. Escuto uma fungada e

vacilo pela primeira vez.

Merda.

Volto para a cama e a deusa Afrodite se levanta com ira nos olhos. É perceptível que ela controla o choro e isso me confunde, já que ela estava completamente excitada com tudo o que fiz.

Ela se aproxima de mim e recebo um tapa da cara, na mesma intensidade que desferi nela. Ela era forte e seu anel machucou meu lábio, fazendo com que eu sentisse o sabor metálico de sangue. Minha cabeça vira para o lado e volto a encará-la indiferente.

— Seu desempenho foi lamentável — equilibra sua voz e a mulher que achei ser depravada, se torna uma incógnita.

— Seu corpo diz o contrário. — Sua mão levanta novamente e recebo mais um tapa no rosto. Era muito mais do que ofensa, ela estava tentando exorcizar alguma coisa.

Voltei meu olhar para ela e seus olhos encheram de lágrimas, mas nenhuma caiu. Ela é feita de ferro.

— Você vai usar essa boca para o que é cabida, na minha boceta. Fique de joelhos, seu desgraçado. Agora! — Tentando reverter o jogo, faço o que me é ordenado sem nenhuma indicação de estar ofendido.

Coloco minhas mãos em sua bunda machucada e devoro seu clitóris e lábios vaginais depilados. Deusa Afrodite controlou seus gemidos e para aumentar o seu tesão, introduzi um dedo em seu ânus e a escutei gozar, na minha boca.

Mesmo sabendo que ela queria estar no comando no momento, ergo-a pelas pernas e a jogo na cama sem nenhum cuidado.

— Peça para eu comer seu cu. — Desabotoo minha calça e coloco uma camisinha no meu pau já ereto. Eu não precisava de descanso, estava constantemente excitado.

Ela hesita para falar, então viro seu corpo de bruços e empino sua bunda vermelha. Coloco meu dedo em sua vagina molhada e com sua lubrificação, introduzo no seu ânus.

— Está molhada, deusa Afrodite das vadias. Quero te ver implorar pelo meu pau — digo

com desprezo.

Ela geme e se movimenta a meu favor, procurando o prazer em meus dedos e gostando de tudo o que faço, mas eu estapeio sua bunda para contê-la.

— Peça ao seu senhor para te foder como uma puta!

— Me fode como uma puta! — suplica com o rosto encostado no colchão, ocultando sua derrota e eu a preencho com uma estocada só.

Com minhas mãos segurando com força seu quadril, termino de humilhá-la, porque era isso que ela realmente queria e o que eu havia me tornado, em nada mais do que um ser desprezível e movido pelo sexo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZ – Batalha interna

Naomi

Rebaixada.

Menos do que nada.

Meu leiloado deveria ser o instrumento para me sentir poderosa e superior, mas ele conseguiu me reduzir a pó.

Humilhada.

O pior não foi o sentimento de impotência quando saí da cidade do pecado, mas o quanto que um lado de mim gostou. Meu corpo se excitou pela dominância que aquele homem tinha sobre mim, a luxúria me dominou quando a linha tênue entre dor e prazer se cruzaram.

Era mais do que carnal, ter um estranho com tal poder sobre mim me fez submissa, passiva, algo que não era e nunca fui.

Tentei reverter a situação, mas o orgasmo causado pela sua superioridade não se comparou a

quando ele estava a minha mercê, de joelhos, entre minhas pernas.

Volto para casa, deixando uma parte de mim naquele lugar. Não consigo sentar sem fazer uma careta de dor, porque a surra que levei foi algo além do normal, do aceitável. Mas se aquele homem pensa que iria me fazer recuar, pensou errado.

Estou revoltada e penso, seriamente, em não voltar mais lá, encontrarei outro lugar para me divertir.

Quando chego em meu apartamento, a primeira coisa que faço é jogar no lixo as evidências da noite. Nua, ando pelo local que chamo de casa e vou direto ao banheiro, finalizar a expurgação de todos os vestígios daquele homem.

Olhar penetrante, músculos salientes e pegada maravilhosa... impossível não lembrar de cada detalhe e de tudo o que aconteceu enquanto tomo um banho de ducha para depois, mergulhar na banheira, que estava sendo preenchida com água e espuma relaxante. Passa das quatro da manhã, mas não me preocupo com horário, eu preciso apenas

colocar minha mente no lugar.

No meio em que trabalho, apesar de focada em direitos trabalhistas, já vi muitos casos de violência doméstica. Muitos que seguiram anos e anos com a mulher sendo espancada pelo companheiro e apenas depois de muito tempo que denunciou.

Será que elas pensaram, algum dia, como eu? Chegaram a gostar da dominância e então, tudo isso se transformou em um pesadelo?

Saudável não é, mas não poderia negar, não para mim, que a humilhação, de alguma forma, me excitou. Ele constatou o quanto estava molhada, completamente pronta para o que ele quisesse me fazer.

Saio da ducha e mergulho meu corpo nas águas de calmaria. Respiro fundo e toco em todos os lugares que ele me tocou... agrediu. Minhas pernas e bunda deverão ser cuidadas com medicação, impossível a recuperação delas ainda hoje.

Quando minha mão chega entre as minhas pernas, ofego ao visualizar em minha mente o

mesmo movimento que ele fez em mim.

Esse homem é real?

Cochilo alguns minutos na banheira, mas acordo com o despertador do meu quarto tocando. Era tempo de me aprontar e ir trabalhar. Não acontecia muitas vezes de me aventurar na Cidade do Pecado sem ser na sexta-feira ou sábado, por isso, me sinto exausta física e psicologicamente.

Cuido dos meus ferimentos, faço uma jarra de café e tomo um advil para amenizar a dor. Lembrarei do que aconteceu comigo pelo dia inteiro e só esperava que tivesse marcado o filho da puta o suficiente para que ele também se lembrasse de mim.

***

Maksim

Confuso.

Sentia-me perdido quando segui para o meu quarto como muitos outros fizeram. Não houve comentário ou discussão sobre os acontecimentos da noite, apenas o mesmo jeito robótico de todos que me acompanhavam nos exercícios.

Porém, deusa Afrodite não saía da minha cabeça. Eu tinha um lábio cortado para me fazer lembrar a cada instante do que fiz para ela e o quanto ela pareceu... gostar.

Seguidos por seguranças mulheres, como sempre acontecia, entro no meu quarto e vou direto tomar um banho. Apesar de ser o procedimento padrão quando sempre entramos nesse ambiente, eu gostaria de ficar alguns minutos mais com o cheiro dela. Seu perfume impregnou em meu corpo.

Quando retiro a calça, cheiro-a e relembro do nosso momento. Do mesmo jeito que inspiro, expiro com irritação e descarto a vestimenta.

Estava sendo ridículo se não, mais submisso do que o normal.

Deusa Afrodite pagava para ter sexo violento, além de contribuir para todo o sofrimento que eu e Anton estamos passando. Ela era depravada e mal caráter, não merecia nenhum pensamento de pena em sua direção.

Assim que termino o banho, vou para o meu quarto e encontro Taylor com seu olhar indecifrável.

Apesar de seguir como um robô e ter perdido a vontade de lutar contra a dormência que me era acometido, meus pensamentos voavam e muitas vezes, me perturbavam.

— Seu desempenho foi reportado — ela diz de forma acusatória encarando meu lábio cortado.

Sem me cansar, repasso em minha mente tudo o que fiz na minha noite de estreia e começo a andar de forma lenta e indiferente, nu, até a mulher que despertava minha ira.

Ela não se intimida e quando paro na sua

frente, ela segura minhas bolas e pau e aperta. Enrugo minha testa, mas não demonstro minha dor além disso, já havia sofrido outras vezes por demonstrar minha fraqueza.

Como ela não me permitiu falar, seguro seus cabelos com força e inclino sua cabeça para trás. Aproximo meu rosto do dela e sinto seu aperto aumentar e meu pau endurecer. Eu queria mais sexo, seja com quem fosse.

Ela sorri.

— Assim que eu gosto. Esse pau é meu e o quero dentro de mim! — Aperto mais ainda seus cabelos e a jogo na cama. Por sorte ela me soltou sem causar dano.

Observo ela virar para me encarar e sorrir, cínica e satisfeita.

— Eu não te mandei parar! — Ela se levanta e tira a roupa com pressa. Eu apenas observo e assim que ela termina, a jogo na parede de frente, volto a segurar seus cabelos com força, ergo uma de suas pernas e coloco meu pau em posição.

Não havia pausa para um homem adulterado e movido pelos instintos carnais.

Ela gemia pela dor e antecipação. Sem aviso, invado sua bunda e ela ofega em surpresa. Mordo seu pescoço e começo as estocadas sem piedade enquanto os sons de seus gemidos invadem o quarto.

Todos os dias eram assim, as noites acabavam com o cheiro dessa asquerosa em minha pele, grudando como se fosse o meu próprio.

Não parei nos primeiros dez minutos, nossa transa durou muito mais e terminou na minha cama, com ela de quatro. Espanquei sua bunda como fiz com a da deusa e isso, de alguma forma, pareceu errado.

Então, por que não tenho forças para parar?

Caralho, as drogas que injetam em mim são demoníacas!

Quando ela finalmente gozou, estando de quatro, trouxe seu corpo perto do meu e falei em seu ouvido:

— É assim que devo comer você? — apesar de ter soado indiferente, eu queria mostrar que ganhei essa batalha.

Ela se afastou de mim sem me dar respostas. Havia gozado minutos atrás, mas diferente do que aconteceu na minha noite com aquela estranha, eu tinha segurado o meu gozo.

Deito na cama, cubro-me com o lençol e observo Taylor voltar do banho, colocar suas roupas e ir embora, demonstrando que estava abalada.

Será que exagerei? Que se foda, ela me moldou assim!

Enquanto ela focasse em apenas ter meu corpo, eu tentaria focar minha mente em arranjar um jeito de encontrar Anton e sair daqui.

***

Dormi além do normal e fui acordado por Taylor, para os exercícios diários. Estava exausto, meu corpo sentia a fadiga de tanta atividade sexual em apenas algumas horas. Para meu conforto, foram poucas sequencias de exercício físico que me

foi cabido, almocei com apenas alguns companheiros e fui direto para a preparação para a noite.

Era um amplo espaço, com várias ações acontecendo, como num salão de beleza, porém, sem nenhuma privacidade. Todos os homens estavam nus.

— Iremos te testar. Serão três dias seguidos de noite para você antes de descansar — Taylor anuncia enquanto me observa sendo besuntado de óleo.

— Temos um campeão aqui? — A mulher que toca meu corpo pergunta com malícia e recebe um olhar mortal do meu algoz.

— Isso se ele sobreviver — responde com desprezo, olha para mim com advertência e sai.

— Depois irei requerer um tempo com você, gostosão — apalpando meu pau, que endureceu sem muito esforço, a mulher que me preparava me masturbou e depois deixou um beijo em meu rosto.

Todas eram pervertidas.

Vesti uma cueca boxer branca, uma calça jeans parecida com a do dia anterior se segui, novamente, para o matadouro.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO ONZE – Realidade distorcida

Naomi

A semana se arrastou, demorou uma eternidade para passar. Lutei e relutei o quanto pude para não desmoronar.

Passei horas infindáveis atolada em petições e mais petições, só para não ter que lembrar... Quando a noite enfim chegava, eu gastava minhas energias na academia.

Porém, nada adiantou, aquelas lembranças estavam impregnadas em mim!

Deslizo meu corpo nos azulejos gelados do banheiro e quando o chão abriga meu corpo, abraço meus joelhos e simplesmente choro...

Choro por um passado que não volta... Choro por um futuro perdido... Choro por um presente insignificante...

As pessoas costumam olhar para minha imagem e idealizar uma mulher que não existe. Pergunto-me como posso ter me perdido nesse processo chamado vida...

Algumas decepções deixam marcas incuráveis em nós. Nem sempre fui assim. A vida... A descrença nas pessoas me tornou esse alguém.

O ser humano me assusta...

Hoje é Sexta-feira. Sinto-me como se estivesse numa crise de abstinência. E estou. A luta interna é grande dentro de mim. Contudo, ainda não estou preparada para voltar lá...

Depois de chorar litros e litros de água, sentindo-me patética por me permitir fraquejar, sinto vontade de beber para esquecer.

Pondero alguns minutos até que uma ideia me surge. Eu não posso ser uma aberração assim. Não posso!

Talvez se tentasse um sexo normal, com um cara normal, talvez me ajudasse. *Por que não?*

Quando me dou conta, meus dedos buscam nos contatos o telefone de John, um colega de

profissão. Amanhã estarei arrependida, mas quer saber, que se dane o mundo.

Ele atende no terceiro toque. Sou curta e direta.

— Na sua casa ou não minha, John?

— Naomi? — ele parece em choque. Embora não se canse de flertar comigo, eu nunca havia dado abertura.

— Naomi fugiu para as montanhas. Então, a sua sósia ficou com vontade de transar e resolveu ligar para um colega, dizem que o cara é pegador, contudo, ele parecem não estar na mesma sintonia.

— Estarei aí em meia hora.

Assim que eu gosto, baby!

Jogo o telefone sobre o sofá e ando até o bar para preparar uma bebida. Irei precisar de muito álcool essa noite.

John é um cara bonito. O problema que seu ego é inflado e seu pau não deve ser tão grande assim.

Quando a campainha toca, atendo a porta do mesmo jeito que vim ao mundo. Nua. John olha

embasbacado para o meu corpo quando abro a porta.

— Naomi! — exclama aturdido.

Agarro-o pelo colarinho da camisa e fecho a porta, encurralando-o contra a mesma.

— Essa noite eu e você não existimos, consegue entender? — Ele assente com a cabeça e sorri com malícia. — Eu serei Afrodite e você, meu Adônis. Fui clara? — Faz sinal de afirmativo com a cabeça enquanto fita meu corpo nu. — Está esperando o que para me beijar, Adônis?

John parece se recuperar do susto. Observo atentamente a sua falta de reação. Seu olhar reveza entre meu corpo e meu rosto. Ele parece não saber por onde começar.

Respiro fundo tentando agir normal, parecer normal.

Ele leva suas mãos e captura meu rosto num gesto de carinho... Fecho os olhos esperando seu beijo... desejando a calmaria, contudo, sonhando com a tempestade. Quando seus lábios tocam os meus, abro a boca dando passagem a sua língua que

parece não ter pressa, enquanto a minha, está impaciente.

Não demostro insatisfação. Não. Permito que ele me guie. Porém, esse não é o beijo que tanto sonhei, esses não são os lábios que eu tanto desejei... esse não é corpo que me tomou.... Esse, definitivamente, não é ele...

Suas mãos parecem leves ao tocar o meu corpo, eu quase não as sinto... Essa não é a pegada que eu quero, nem, tampouco, é o toque que eu necessito. Ainda assim, continuo.

Seus lábios descem até a curvatura de meu pescoço, ele geme e ofega enquanto suas mãos capturam os meus seios. John parece ter medo de me tocar... de me possuir...

Elevo minha cabeça para trás dando acesso a ele ao meu corpo, fecho os olhos sentindo-me impaciente, dando tudo a ele já que me sinto vazia, oca por dentro.

O problema não é John. O problema sou eu. O problema é ele, o meu leiloado.

Aquele homem!

— Onde é seu quarto, Afrodite?

Quarto? Quem disse que eu preciso de uma cama para ser fodida? Normalidade, Naomi!

— Venha comigo, Adônis. — Pego em sua mão, ele me detém.

— Me permita.

John carrega-me no colo enquanto me conduz até meu quarto. Por que ele acha que quero *flores e corações?* Eu só preciso de um orgasmo, *droga*!

Ele deita-me na cama. Abro as pernas fitando-o enquanto ele se despe. Ele se atrapalha com os botões da camisa e sorri de forma jovial, como se fôssemos dois casais de adolescentes perdendo a virgindade.

Minha vontade é de tomar o controle, mas não pulo sobre ele numa fome avassaladora. Tento deixar fluir, mas não consigo. Nem se quer molhada estou e isso não é um bom sinal.

John junta-se a mim na cama e cobre seu corpo com o meu. Captura meus lábios e beija-me de maneira terna. A carência em mim quer e deseja

esse beijo, porém, a insanidade que me domina, quer sentir aquele beijo agressivo e carnal, o contato que faz meu corpo ascender-se e não ao contrário.

Estendo a mão e retiro da gaveto do criado mudo uma camisinha e me apresso em entregar a ele. Eu só quero que isso acabe. Ele sorri com malícia, achando que está me satisfazendo tanto quanto está satisfeito. Sorriso esse que não chega até mim.

Olho para seu pau e não sinto aquela vontade louca de engolir a sua extensão. *O que estaria acontecendo comigo? Com meu corpo, com minha sexualidade?*

Quando, enfim, me penetra, geme e ofega de forma enlouquecedora. Não beija meus seios, não busca meus lábios ou segurar meus cabelos. Seus movimentos são robóticos. Ele não dura sequer cinco minutos!

Não querendo ser indelicada, forço um sorriso nos lábios.

— Você foi maravilhosa! — ele me elogia e deita ao meu lado na cama, exausto. Uma pena não

dizer o mesmo... eu realmente queria, mas a cada minuto que passava, chegava a conclusão de que estava quebrada, estragada.

— Uhum... — faço um barulho em concordância, na tentativa de frear minha boca de falar algo que me arrependerei depois. Eu o convoquei, então, devo aguentar as consequências.

— Será maravilhoso dormirmos juntos e...

— Eu realmente tenho um compromisso logo cedo amanhã. Nos falamos depois. — Levanto da cama e sigo para o banheiro, com a intenção de dispensá-lo.

— Eu vou embora logo cedo, amanhã é sábado. Tenho fôlego para mais uma daqui algumas horas.

— Aprecio seu entusiasmo, mas estou cansada e prefiro estar focada no meu compromisso. Não insista. — Sou um pouco estúpida e vejo que consegui que ele fosse embora.

Enrolada em meu roupão, fecho a porta atrás de mim quando ele sai, desabo no chão e apenas choro...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DOZE - Vencer ou perder a sanidade

Maksim

Essas pessoas possuem tudo muito bem esquematizado. É quase impossível sair da rotina que nos é imposta, já que sempre temos alguém por perto.

Durante três dias fui leiloado, cada noite uma mulher diferente que aceitou ser dominado por mim, mas foi apenas com a deusa Afrodite que perdi o controle e fui além.

Muito além da força bruta, da dominância e ejaculação.

O sexo foi violento, uma delas, inclusive, me pediu para morder seu seio com força, para deixar gravado minha marca sobre ela.

Fui elogiado por Taylor, por sobreviver aos três dias exaustivos de sexo, tanto na Cidade do Pecado, como em meu próprio quarto, com ela.

Minha Senhora, como Taylor me obrigou a chamá-la entre quatro paredes, gostava de me punir com mais sexo e ela se punia com minha violência e seu próprio gozo.

Com ela, eu não ejaculava, nunca!

Fiquei nas atividades internas por dois dias e voltei novamente a ser leiloado. A Cidade do Pecado não parava e novamente, três dias seguidos, fui entregue a luxúria de corpo de mulheres e homens. Estava me tornando tão despudorado quanto depravado.

Na sala de preparação, dessa vez não me foi entregue a mesma roupa de sempre, mas uma cueca especial com proteção, short esportivo e bandagem para pôr nos punhos.

— A mulherada vai a loucura com os lutadores. Se você conseguir ganhar então, poderá passar um final de semana inteiro em sexo grupal! — A mulher que me preparava e também apalpava gemeu ao final de sua fala, com certeza imaginando tudo acontecendo.

As pessoas naquele lugar pareciam tão perdidas, em busca de prazer, para saciar a ausência

de amor em suas vidas. Não havia outra explicação para o que acontecia aqui.

Bufei em desgosto e o olhar confuso da mulher me fez controlar minhas emoções e voltar minha atenção para a parede. Aos poucos, estou conseguindo expressar o que sinto. Não era fácil, na maioria das vezes acontecia involuntariamente, mas me agarrava a cada oportunidade para poder conseguir me mover com minhas próprias pernas.

— Está precisando de uma segunda dose hoje? — Com o humor perdido, ela me força a encará-la com uma mão no meu cabelo. Cedo de bom grado e encaro seus olhos acusatórios.

Apesar de ter perguntado, eu não respondi, forcei toda a indiferença que podia para ela esquecer o que estava acontecendo. O mesmo que aconteceu com Anton e o fez desaparecer poderia ser feito comigo e então, seria o fim da linha.

Apesar de toda violência, eu queria viver. Precisava sobreviver.

— Vá para a guerra, herói de merda. — Ela me solta, bate na minha bunda com a intenção de me incentivar a seguir o fluxo de homens que se

dirigiam ao corredor.

Deveria representar um lutador ou iria lutar de verdade?

Minha dúvida sanou quando outros cinco homens como eu seguiram um caminho diferente e então, entramos em uma arena. Havia um ringue, um casal com poucas roupas dentro e uma plateia em volta. Alguns de meus colegas começaram a pular, se aquecer, eu, apenas observei.

— Senhoras e senhores, hoje é dia de luta! — o homem com microfone falou de dentro do ringue. Gritos e assobios soaram, mulheres bateram palmas e os pés no chão.

— Iremos ver homens lutando, disputando um final de semana inteiro com a vencedora do leilão! — A mulher vestida apenas de roupa íntima rebola e nos encara. — Venham, lutadores, conhecer sua musa.

Aplausos e gritos eufóricos soaram enquanto caminhávamos em fila indiana. Eu era o penúltimo e não conseguia ver muito a minha frente, mas observei os lados e a vi.

Deusa Afrodite.

Ela me viu, mas desviou o olhar rapidamente quando a mulher do palco fez sinal para ela se sentar em uma poltrona confortável perto do palco.

Tentei controlar minha cabeça de não virar e ficar encarando, mas foi quase impossível. Meus olhos a seguiram até que foram obrigados a olhar para frente. Era ela, a deusa voltou.

— Esse é um dos leilões mais disputados e caros, por se tratar dos melhores homens da nossa equipe. Não há regras, não há vencedor definido. Serão seis lutas e todos lutarão para ficar com uma mulher, a sua deusa libertadora, a que cuidará de seus ferimentos, ou então, causar mais — com malícia, a apresentadora vendeu o produto e nos instigou a lutar. Era uma propaganda fajuta para nós, uma vez que éramos reféns de nós mesmos.

Porém, o público vibrava, ter homens lutando para conquistar apenas uma mulher fez com que todos cobiçassem o lugar da deusa Afrodite.

Uma força sem igual me dominou, ninguém

iria ficar com ela que não fosse eu.

Dois companheiros foram escolhidos para começarem as lutas e seguimos para aguardar perto do ringue.

Com um olho na luta e outro na mulher que preenchia meus pensamentos, analisei tudo o que poderia. Se ela voltou, é por que não se intimidou com o que fiz. Mas ela não foi me procurar, ela queria o campeão.

Ciúmes me fez enxergar vermelho, fechar minha mão com força em meus lados e respirar acelerado. Ninguém ia tocá-la que não fosse eu, ninguém a domaria a não ser EU!

Vi um dos meus companheiros cair desacordado. Sangue estava espalhado e espirrado pelos corpos e chão. Ele foi carregado por homens vestidos de preto e meus outros colegas foram escolhidos para lutar, me deixando ao lado do meu oponente.

Mudando o peso do meu copo de uma perna para outra, comecei a ficar agitando enquanto via os homens se espancando a minha frente. Olho para minha deusa e a vejo focada no ringue, mas então,

ela encontra meu olhar.

Eu vencerei!

Ela desvia o olhar rapidamente, descruza as pernas e as cruza novamente, em um movimento de pleno poder. Ela está com um pequeno vestido branco, seus seios e suas pernas estão expostos e nas suas pernas, meias aderem. Ela era a tentação no corpo de mulher.

Mais um homem cai desacordado e sou direcionado para dentro do ringue. Olho meu adversário, que me encara indiferente e sei que ele dará o melhor de si. Quando cheguei a esse lugar, ele já estava aqui e provavelmente tem mais experiência, me deixando em desvantagem.

Respiro fundo, não escuto o que os apresentadores falam e parto em direção ao meu adversário assim que o sino toca. Tento o primeiro soco, não acerto e ainda recebo um murro nas costelas.

Afasto e tento pensar de forma estratégica, mas meu oponente não me permite, ataca e em vários momentos me acerta.

Um soco no meu queixo me faz cair e meus olhos vão direto para a deusa Afrodite, que está com os olhos arregalados e boca levemente aberta.

Ela se preocupa?

Não me importa, eu só quero vencer!

Ergo de onde estava assim que sou alvejado com socos novamente. Acerto um no estômago dele e aproveito seu momento de fraqueza para acertar todos os socos que consigo no seu rosto.

Ninguém venceria essa luta a não ser eu!

Assim que ele caiu, monto sua cintura e termino de executá-lo. Paro os socos apenas quando dois homens de preto me tiram do homem desfalecido no chão.

Estava ensandecido e tento sair do aperto, mas uma injeção no meu braço me faz fraquejar e seguir os passos deles, para fora do ringue.

O que estava fazendo?

Minha mente obscureceu e a única coisa que pensava era em vencer!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TREZE – Será apenas comigo?

Naomi

Meu coração estava fora de ritmo, não suportaria ver tudo isso. Foi apenas a primeira luta do meu homem e quase pulei de meu assento para socorrê-lo.

Vim para a Cidade do Pecado em busca de esquecer esse homem, mas o destino não me permitiu, ele precisava me pôr em cheque com tudo o que sabia de mim.

Era determinada, fria e confiante. Hoje, descobri que não passo de uma mulher movida pela dominância de um homem. Aquele homem.

Vejo-o sendo levado para um canto do ringue, os outros dois vencedores entram na arena e a luta começa. Os três estão muito machucados e não sei como o objeto do meu desejo conseguirá vencer essa batalha, se conseguir. Os três lutarão

entre si e preciso movimentar minhas pernas e mãos para acalmar minha vontade de intervir nessa situação.

Precisava manter minha postura de ferro. Era imponente, ninguém me vencia, eu usava as pessoas.

Sou implacável!

Um homem cai e resta apenas meu homem e o outro. *Vamos, mostre seu potencial máximo,* gritei na minha mente e não me decepcionei. Entre socos e até um chute, ele vence!

Aplausos, gritos e euforia contagiava o local. A luta foi acirrada, fez com que muita energia fosse gasta apenas assistindo. Era excitante!

— Esse homem não é o máximo? — a apresentadora passa a mão em todo o tórax do meu homem e levanto da cadeira, determinada a ter o meu prêmio.

— Venha, senhora, iremos o limpar antes de te entregar... — uma mulher me aborta e a olho com desprezo.

— Quero o meu prêmio como o conquistei.

— Mas...

— Eu paguei uma fortuna pela luta! Exijo minha recompensa! — Não dou margem para discutir comigo e a mulher apenas assente, seguindo até o ringue.

Não deixo meu olhar escapar do meu prêmio. Apesar de parecer imperturbável, seu andar cansado e seu rosto machucado mostravam que a luta o deixou indisposto. Olho para seu quadril, meu maior interesse no momento e há o volume que tanto almejo. *Eu só precisava do seu pau em mim*, repetia para tentar me convencer que queria mais.

Assim que se aproxima o suficiente de mim, pego sua mão e seguimos apressados até o meu quarto. Não iria compartilhar hoje, precisava tê-lo só para mim.

Quando coloco um pé para dentro do cômodo revestido de luxúria em forma de tecido vermelho e roxo, sou arrebatada por toda a presença de Maximus. Ele enlaça minha cintura por trás com seus braços musculosos e fecha a porta com um chute de calcanhar.

Quando sua boca alcançou meu pescoço, o rosnado que escutei provocou um sentimento diferente de tudo que já senti. Meu acompanhante parecia sofrer ao mesmo tempo que queria demarcar seu território com chupadas e mordidas.

Até meu ombro foi alvo do ataque de fúria desse selvagem, me fazendo gemer de prazer ao sentir a pontada de dor.

Estaria eu deturpando meus sentidos? Nunca imaginei sentir prazer na dor, buscá-la enquanto fizesse sexo.

Com as mãos ainda enfaixadas da luta, ele segurou meu pescoço e ergueu minha cabeça. Seu corpo suado e sua ereção não contida caminhavam colados ao meu corpo até que meus joelhos encontraram a cama.

— Você queria o vencedor? — perguntou cheio de ódio em suas palavras. Não respondi, estava inebriada nas sensações de sentir tudo o que ele poderia me dar. — Irei te entregar seu prêmio, seja uma boa puta, fique de quatro e mostre sua bunda.

Como a depravada que estava me tornando,

obedeci. Era uma droga, sabia que estava tudo errado, que não deveria me rebaixar a tanto, mas estava dependente desde a primeira vez que usei.

Com certeza colocaram algum pó viciante em seu pau. Não havia outra explicação.

Sem calcinha, coloquei-me de joelhos em cima da cama e meus pés ficaram para fora. Removi meu casaco, subi meu vestido e olhei para trás, desafiando aquele homem a me ter da pior maneira.

Nossos olhos se fixaram por muito tempo. Mesmo com todos os ferimentos, ele ainda parecia bonito a sua maneira. Ele começou a remover seu short e depois a cueca de proteção. As mãos se mantiveram cobertas e agradeci, pois já imaginava a aspereza das ataduras no meu corpo provocando ondas e mais ondas de prazer.

— Está muito abatido para me entregar o prêmio, Maximus? — instiguei.

Passei a mão na minha bunda e ele aproveitou esse momento para segurar a curva do meu braço para deixá-lo para trás. Seu pau tocava meus lábios vaginais numa provocação

pecaminosa.

— Está pronta para sua recompensa? — respondeu com uma pergunta cheia de significados sombrios.

Slap!

Ele deixou a marca da sua mão na minha bunda ao estapeá-la. Diferente das outras vezes, gemi de prazer ao gritar de dor. Era por isso, por essa sensação que voltei até a Cidade do Pecado.

Soltou-me apenas para colocar uma camisinha e me penetrar com força, sem nenhuma preliminar. Não precisava de nada, estava mais do que molhada para recebê-lo.

Impiedoso, investiu em um vai e vem sem descanso. A cada poucas estocadas, ele continuava a me estapear ou me apertar. O pouco de carne que tinha na cintura, ele conseguiu reunir em suas mãos como um tecido e apertar, fazendo com que suas investidas me destruíssem.

Deitei minha cabeça na cama e o ângulo me fez delirar com ondas de prazer. Se realmente existisse ponto G, Maximus o encontrou e sem

piedade está estimulando.

Faço com que minha mão encontre meu clitóris e apenas um toque foi suficiente para que me desmanchasse em espasmos e gemidos de um orgasmo. Isso foi o suficiente para que ele me abraçasse e encontrasse sua libertação. Os pingos de suor, misturados com o sangue na sua face tocaram minha pele.

Toda essa sujeira deveria me enojar, a primeira coisa que ele teria que fazer era tomar um banho antes de me tocar. Não. Quanto mais pervertido e indecente, melhor.

Seu peso me faz ceder de bruços na cama e ele vem comigo. Seu contato com meu corpo não se desfaz por um tempo e quando acho que já foi o suficiente para recuperarmos o fôlego, Maximus não se mexe.

Com força, empurro minhas costas para o lado e forço seu corpo cair na cama. Parecendo desmaiado, meu prêmio estava de olhos fechados e respirando suavemente.

Coloco a mão em seu coração e sinto as batidas ainda aceleradas, apesar de parecer estar

dormindo. A exaustão o alcançou, apesar do seu pau ainda se manter duro.

— Quem é você e o que está fazendo comigo? — sussurro ao catalogar mentalmente todos os ferimentos em seu corpo.

Tenho vontade de exigir que acorde, que não estava satisfeita e que ele precisava dar conta das minhas vontades. O que aconteceu foi que o posicionei melhor na cama, busquei uma toalha molhada no banheiro e o limpei.

Como uma donzela medieval cuidando do seu amado ferido em batalha, limpei cada centímetro de pele do seu corpo. Removi a camisinha, limpei seu pau e não consegui controlar a vontade de tomá-lo em minha boca por alguns segundos.

— Não... — resmungou em seu sonho e o soltei. Observei seu cenho franzir e seu semblante transmitir preocupação. — Não quero... me solta... Anton...

Meu corpo pareceu congelar com essas palavras e qualquer coisa que estava sentindo se transformou em medo. O que poderia estar

acontecendo com ele? O que queria dizer com essas palavras? Quem era Anton?

Observo seu rosto e vejo que um corte voltou a sangrar e procuro no banheiro alguma coisa que possa me ajudar com os ferimentos. Encontro um pequeno kit de emergência e passo antisséptico, fazendo assim com que ele acorde.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUATORZE – Rendido por você

Maksim

Exausto e saciado.

Saber que ninguém além de mim teve o prazer de estar com Afrodite me agradou, mas também destruiu toda e qualquer energia do meu corpo. Fui espancado, tomei essa mulher como se não houvesse amanhã e apaguei.

Pareceu uma eternidade e vê-la em cima de mim passando algo no meu rosto que ardia despertou sentimentos conflitantes. Por que cuidar de mim, se me preferiu sujo e surrado?

Ela se afasta com um olhar confuso, mas com o nariz empinado. Uma verdadeira fortaleza para quem não sabia ler pessoas.

— Você apagou — constatou o óbvio e me controlei para não rolar os olhos. Sentei, passei as mãos nos meus cabelos e percebi que estava sem as

faixas.

Havia tantas perguntas na minha mente e a única coisa que consegui fazer foi cobrir seu corpo com o meu, suas pernas se abriram para acomodar meu quadril e minhas mãos se apoiaram ao lado da sua cabeça.

Quando nosso olhar se encontrou, não vi a luxúria e provocação de antes, apenas preocupação.

— Você pensou que escapou de mim? — Movimentei meu quadril para que meu pau encontrasse seu sexo. — Seu prêmio não foi completamente entregue, Afrodite.

— Eu preciso de um tempo. Saia! — falou enérgica e colocou as mãos no meu peito para empurrar.

Como o bom cachorro que era, obedeci sua ordem e fiquei sentado na cama enquanto observava a mulher vestida de pecado ir para o banheiro. Isso fez com que minha mente voltasse para horas atrás, quando lutava na arena e tinha apenas um objetivo, tê-la apenas para mim.

Coloquei a mão no meu membro e comecei

a estimulá-lo, por raiva e frustração dessa mulher começar a fazer com que meu objetivo de escapar desse local fosse desviado.

Tinha que cumprir meu papel, comer todas as bocetas que aparecerem e encontrar uma brecha para explorar não só esse local, mas onde dormia também.

Escuto o barulho do chuveiro ser acionado e ignoro a ordem anteriormente dada. Ela estaria nua e eu a tomaria sem piedade como ela parecia gostar.

Vejo quando ela entra debaixo do chuveiro e passa suas mãos pelos cabelos sedosos ensopados de água. A delicadeza com que ela passa a mão no corpo para que a água se espalhe me faz querer imitá-la.

E se ao invés de força, eu usasse de suavidade?

— O que está esperando me olhando? Coloque uma camisinha e venha me foder!

E com apenas essas palavras, ela conseguiu com que o animal Maximus ocultasse qualquer

humanidade que tentou surgir em mim.

***

Como nunca tinha noção de tempo por não ver a luz do Sol por muito tempo, apenas observo o teto e espero com que minha acompanhante me requisite mais. Antes dela deitar na cama, virar para o lado e dormir, falou que nosso tempo juntos estava apenas começando.

Eu também dormi quando finalmente minha ereção deu um descanso, mas não por muito tempo. Apostava que dormia no máximo quatro horas por noite, mesmo depois de tanta exaustão.

Quase não tinha tempo livre para pensar ou ficar atoa, então, aproveitei cada segundo. Lembrei do vendedor de sonhos, do meu amigo Anton e tudo o que foi feito a ele.

Caralho, eu era um covarde. Mesmo que naquele momento não conseguia controlar minhas ações, eu precisava ser forte o suficiente para livrá-lo da violação.

Olho para o lado e vejo as costas da mulher que contribuiu para que tudo isso funcione. Com

certeza pagava muito para estar aqui, ser espancada e subjugada por um escravo como eu.

Quantos mais ela se envolveu? Todos faziam do mesmo jeito que eu? Como alguém como ela gostava de sofrer?

Alguém como ela? Não sabia nada, não deveria julgar pela capa de arrogante e nariz empinado. Era apenas uma depravada, tentava me convencer.

Alguém bate a porta e fico na dúvida entre acordá-la ou eu mesmo atender. Por que alguém nos interromperia? Levanto da cama e as batidas na porta voltam a ser dadas. Observo o rosto sereno e em paz da Afrodite e um sentimento estranho me domina. Com medo dessa nova sensação, decido não a incomodar.

Depois de prensá-la na parede do banheiro, fazê-la ajoelhar na minha frente e por fim, tomá-la de frente e com as pernas bem abertas, ela finalmente cansou e me dispensou.

Abro a porta sem me importar com minha nudez e vejo meu pesadelo em forma de mulher na minha frente. Taylor está com um carrinho de

comida a sua frente e na sua mão, uma seringa.

Merda. Ela iria drogar Afrodite?

Não deveria me importar, uma vez que essas duas mulheres deveriam ser iguais para mim. Ambas estavam envolvidas nesses jogos sórdidos e inescrupulosos. Estava sendo difícil tratá-las de forma separada, uma vez que Afrodite despertava sentimentos conflitantes e Taylor só conseguia acender o meu ódio, mas forcei meu cérebro a classificá-las como uma só, inimiga.

Sem pedir licença, minha algoz segurou meu braço e injetou o motivo do meu entorpecimento. Estava tão envolvido com minha acompanhante que esqueci que o drogado era eu.

— Apenas por precaução, essa cliente é muito exigente — impossível não notar seu tom sarcástico.

Com a seringa ainda não mão, ela empurra o carrinho para dentro e encara a mulher deitada na cama com o mesmo ódio que encaro Taylor. Com sua pose superior, ela se aproxima de mim, passa a mão no meu rosto e vai embora.

Tudo pelo que lutei nesses últimos dias parece sumir pelo ralo. A força de vontade que tinha para lutar contra as ordens, ou pelo menos fingir que estava sendo um bom submisso começou a desaparecer.

Incrível como conseguia sentir o espalhar do veneno nas minhas veias. Começou pelo braço e foi se espalhando de cima para baixo. Assim que chega a minha cabeça, fecho meus olhos com força e luto contra o que meu corpo quer fazer.

Respiro fundo e forço para que o entorpecimento não ganhe força. Abro meus olhos e busco alguma coisa que force o efeito contrário da droga e apenas Afrodite aparece na minha visão como antídoto.

Ando com dificuldade até a mulher que está deitada na cama e parece imperturbável. Ela era minha tábua de salvação naquele momento e nem sabia o motivo disso. Meu corpo lutava para estar junto dela e essa era a única ordem que iria seguir naquele momento.

Com o coração acelerado e minha ereção presente novamente, acomodo-me atrás dela e

envolvo meus braços nela, um debaixo do seu pescoço e outro por cima de sua cintura. Ela estava meio coberta com um lençol, o contato mínimo com sua pele já era suficiente para saciar meu desejo de não me render.

Como um sexo sentido, sentia que precisava estar com ela, sentir seu toque, por mais que sentia nojo do que fazíamos aqui.

Ela é diferente!

Não, todos aqui eram iguais! Minha mente não pregará peças, meu único amigo era Anton e por ele que me submetia a isso.

Inspiro o cheiro que exala de seu cabelo e meu corpo parece relaxar. Fecho meus olhos e torço para que o sono venha, mas é impossível quando seu quadril começa a se mexer e seus braços envolvem o meu.

— Estou mais do que pronta, Maximus. Me dê o café da manhã na cama — pediu manhosa e com voz rouca de sono.

Eu havia despertado a mulher luxuriosa e morreria mil vezes antes de não seguir suas ordens.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUINZE – Conflito ou resolução?

Naomi

Voltei para casa no final do dia do domingo, com marcas vermelhas pelo corpo e um buraco enorme no meu peito. Era errado em tantas maneiras ter afeição para um garoto de programa, mas foi inevitável. Ele me apresentou esse lado que desconhecia gostar.

Sinto-me como uma virgem apaixonada pelo seu violador.

Nunca iria assumir em voz alta tal sentimento. Para todos os efeitos, eu pagava, ele executava e assim a vida seguiria. Sem envolvimento emocional. Finito.

Os dois dias enclausurados num quarto transando como animais deveria me deixar incomodada, mas só acontecia se pensasse na opinião alheia. Eu e meu mundo, tudo estava tão

certo como dois mais dois são quatro... ou não?

A confusão de sentimentos me invade quando removo todos os vestígios da noite em um banho escaldante. As marcas em meu corpo mostravam o quanto minhas orientações sobre o certo e errado estavam deturpados.

Até que ponto valia tudo para se ter prazer?

Uma parte de mim defendia a teoria que em quatro paredes, despudor não havia limites. Outra parte gritava para todos os cantos da minha mente que eu precisava de terapia, porque um parafuso me faltava.

Dormi incomodada com o grande espaço na minha cama. Os poucos momentos que dormimos, estávamos com braços e pernas entrelaçados. Não era uma posição confortável, acordava com o corpo dolorido por tanto aperto, mas Maximus parecia necessitado de contato.

De minha parte não houve reclamação, uma vez que poucas horas depois, ele me acordava com seu corpo febril e o membro babando para estar dentro de mim.

Sua agressividade não via limite quando me invadia de forma eloquente. Nenhuma parte do meu corpo foi poupada de suas mordidas e chupadas, muito menos de seus tapas e apertões.

Como feito antes de dormir, acordo e tomo outro relaxante muscular. A semana iria começar e nenhum resquício da noite passada poderia ser visto pelos meus colegas de serviço.

Se eu tinha um muro a minha volta, agora se tornava uma fortaleza.

***

— Vamos almoçar, Naomi? — John abre a porta da minha sala e pergunta com esperança.

Estava envolvida com a leitura de um processo e nem percebi que já estava na hora do almoço. Olho para meu colega de trabalho e lembro da nossa noite frustrada. Precisava de distância, não queria nada além do que estar com Maximus.

— Vou declinar, estou muito ocupada com esse processo — dispenso-o voltando a minha atenção para os papeis.

Pela minha visão periférica, vejo ele entrar

na sala, sentar na cadeira do outro lado da mesa e respirar fundo. Controlo minha vontade de expulsá-lo e para isso, continuo o fingimento de estar lendo os papéis em minhas mãos.

— Nossa noite foi boa, eu com certeza iria repetir a dose se você me chamasse, mas percebi que você não está afim. É apenas um almoço, Liam e Sarah estarão conosco. — Desvio meu olhar em sua direção e vejo o sorriso sem graça em seus lábios. — Amigos?

Minha vontade é de mandá-lo ir se foder, mas forço um sorriso e insisto:

— Não confunda as coisas, John. Estou ocupada. — Chacoalho os papéis nas minhas mãos e volto a me dedicar a eles.

Com um suspiro descontente, ele saiu da minha sala e eu agradeci que não insistiu mais do que deveria. Só precisava passar por esse dia e não sucumbir a vontade de estar na Cidade do Pecado.

Poderia assumir a mim mesma que estava viciada, mas faria de tudo para não estar lá todos os dias. Não seria saudável... ou seria? Eu, pelo menos, precisava recuperar a cor natural do meu

corpo para voltar aquele lugar.

Ou seria o medo de não o encontrar?

Quanto custaria para tê-lo com exclusividade?

Descartando os papeis na minha mesa, faço uma pesquisa na internet sobre o local na internet e não encontro nada. Lembro que existe um acesso específico para consultar as mensalidades e enviar meus exames semestralmente, por isso, abro meu e-mail pessoal e encontro a informação que preciso.

Instalo um programa no meu computador, digito meu usuário e senha e lá está tudo o que precisava para acalmar minha ansiedade. Há imagens dos ambientes, as atrações e os modelos. Não há nome real para nenhum e procuro olhando imagem por imagem por meu Maximus. Assim que aquele olhar perdido aparece na minha tela, eu respiro fundo, sento mais confortável na minha cadeira e observo todos os detalhes.

Na última vez que nos encontramos, seu lábio estava machucado, seu supercílio estava cortado e a maçã do rosto tinha um tom esverdeado. Sua pele tinha algumas manchas

características de exposição ao sol e me fez divagar sobre sua real profissão, se ele tinha alguma além dessa.

Será que poderíamos nos encontrar fora daquele ambiente? Poderíamos conversar além de fazer sexo?

Assim que penso em um relacionamento comum, lembro de todos os homens que passaram pela minha vida e aqueles que tiveram o poder de me ferir. Estava sendo burra e ingênua novamente, dando poder a um homem que nem ao menos sabia o nome verdadeiro.

Homens só serviam para o prazer e para sofrer. Esse era meu lema e dele não poderia me desapegar.

Mesmo assim, passei horas e horas observando e gravando todos os detalhes que Maximus tinha em seu rosto. Tentava adivinhar o que pensava quando tirou essa foto e se outras pessoas enxergavam a tristeza e desilusão nos olhos dele como eu via.

Bufo com irritação por estar tão afetada por ele e sigo para o próximo rosto. Por algum motivo

o homem que apareceu na minha tela me chamou atenção por nunca o ter visto lá. Decorei seu número de referência como fiz com Maximus e saí do sistema.

Olhei os papeis na minha mesa, depois para minha porta e pensei em ir almoçar. Iria sozinha, já que todos meus colegas foram bem antes da minha vontade de comer.

Dou de ombros e encerro minha dúvida voltando ao processo que me foi encaminhado. Vencer sempre foi uma opção concreta para mim quando se tratava de trabalho, por isso, não poderia desviar minha atenção para esse tipo de assunto.

Meus assuntos carnais eu deixava para depois do expediente.

Bem, pelo menos eu tentava, já que a cada parágrafo lido dos autos em minhas mãos, as imagens do final de semana dominavam minha mente e meu sexo formigava. Maximus conseguiu despertar a devassa em mim e por algum momento, não me importava de pensar apenas como um animal.

Quando a luz do sol desaparece da minha

janela, organizo minha mesa, faço anotações para o outro dia e levanto da minha cadeira ao mesmo tempo que John aparece na minha sala novamente.

Enquanto seu olhar é preocupado, o meu é predador. Estava excitada e frustrada, louca para ser dominada, mas a presa a minha frente queria a minha posição de subjugada.

Com todo o poder investido a mim como profissional e a confiança de uma mulher que não tem medo do poder, contornei minha mesa enquanto ele fechava a porta. De preocupado passou a surpreso, John gostou de como me aproximava, porque mexeu em sua virilha duas vezes até minha mão cobrir a sua e apertar seu pau coberto pela calça.

— Você está me imaginando deitada na mesa, com a bunda exposta para você, não é mesmo? — falei em tom de sedução e seu pomo de adão subiu e desceu com a saliva engolida a seco.

— Na-Naomi... — gaguejou e sorri como uma leoa. Esse tipo de homem só me interessava para pisar, por isso apertei sua ereção e ele gemeu.

— Pare de me perseguir. Quando EU quiser

novamente, quem ligará sou eu.

Com a outra mão, segurei seu queixo, beijei sua boca com nossos lábios fechados e o soltei com força. Ele cambaleou para trás um passo e me observou recolher minha bolsa e sair da sala sem nem dizer adeus.

Antigamente, a dominância me deixava com a calcinha molhada e hoje, só contribuiu para que perdesse o tesão e fosse dormir seca.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZESSEIS – Só ele me tem

Naomi

Passados quatro dias, me olho no espelho e constato que estou pronta para me vestir de Afrodite e libertar a mulher libertina que estava trancafiada e louca para sair. Sem vestígios do final de semana passado, estou preparada para mais. Apesar disso, ainda precisaria passar pelo dia de trabalho, uma vez que me aprontava para mais uma sessão de tortura.

Amava minha profissão, adorava a sensação de conseguir com sucesso a conclusão de um processo, mas tudo entrou em segundo plano quando um vício me tomou conta.

Ele.

Maximus.

Não bastasse eu observar por horas e horas sua imagem no meu computador, me atormentava

com as imagens do que passei desde seu primeiro leilão. Nossos atos sexuais não tinham nada de novo para mim, mas o sentimento que se apoderava quando ele me dominava sim.

A submissão era novidade para mim, pelo menos nesse estágio da minha vida. Diferente de antes, eu sabia minha posição e o poder que esse homem tinha sobre mim. Não era mais ingênua e acreditava no amor, em um felizes para sempre quando fui traída.

Mais de uma vez.

De forma insistente, John sempre me chama na hora do almoço para estar com os colegas de serviço. Seus olhos me diziam muito quando se encontravam os meus. Ele estava apaixonado e seu carinho me davam asco.

O relacionamento com ele seria mais saudável, porém, nada em mim buscava o tradicional. Eu dominava, abusava do corpo e dispensava. Sem conversas, sem abraços, muito menos presentes e carinho. Era apenas sexo.

Será que um relacionamento exclusivamente carnal funcionará?

Não me preocupava com detalhes. Aquela mulher que chorou depois de uma transa forçada não existe mais, escorreu pelo ralo assim que assumi a bizarrice que era gostar de apanhar, claro, vinculada ao sexo.

Será que virei a vergonha para a categoria feminina?

O que os olhos não veem, o coração não sente e isso me sustentava o suficiente para me vestir como a devassa que era, pegar um táxi e ir até a Cidade do Pecado.

Ansiosa, fui uma hora mais cedo que o normal. Entrei naquele ambiente cheirando a sexo e brilhando vermelho quando poucas pessoas circulavam pelo local.

O primeiro ambiente, onde muitos ficavam para conversar ou transar com outros sócios do local, era muito parecido com um Pub. Sentei em um banco no bar e pedi um *Dry Martini*. O álcool era um aliado quando se tratava de acalmar os ânimos e dar coragem.

O homem atrás do bar é discreto e sério. Pego meu copo estilizado e me viro para observar

todos a minha volta, mas com uma vontade desenfreada de perguntar ao primeiro funcionário que visse, onde está Maximus.

A regra era clara, todos que aqui vendem seu corpo são impedidos de se relacionar. Era necessário que ambos se afastassem da Cidade do Pecado para que algo afetivo começasse. Compreensível, uma vez que nenhum homem ou mulher era exclusivo nesse ambiente.

Tomei todo o conteúdo do meu copo em um gole só, com a intenção de aplacar o sentimento de posse no meu peito. Ele era apenas um objeto, para o meu prazer, repetia na minha mente, numa tentativa falha de me acalmar.

— Boa noite — um homem vestido apenas de calça social e com o tórax muito esculpido e quase brilhando me aborda e me olha da cabeça aos pés.

Próximo o suficiente apenas para encarar meu corpete preto, minhas cinta-liga expostas pela minha pequena saia e a capa que me cobriu no táxi, mas aqui estava aberta, o homem não economizou no charme ao me olhar da cabeça aos pés. O toque

só é permitido se ambas as partes concordarem. Qualquer denúncia era tratada com expulsão.

Será que meu corpo aceitaria outro toque?

— Gosta do que vê? — pergunto de forma sensual, fico de pé e passo minhas mãos pelo seu tórax. Ele coloca suas mãos acima da minha e as guia até sua virilha.

— Gostaria mais de ver essa boca engolindo meu pau.

Empurrou-me com delicadeza até encostar no balcão, colocou suas mãos na minha bunda e forçou o atrito entre nossos quadris. Apesar estar molhada ao chegar, isso ainda não foi bom o suficiente para me manter.

— Te darei três minutos para me excitar. — Ele apertou minha bunda ainda mais e inclinei minha cabeça até que meus lábios encostassem na sua orelha. — Gosto de bruto...

Seu corpo pressionou ainda mais minhas costas no balcão arrancando de mim um gemido de dor. Não era esse tipo que gostava, estava tudo errado quando ele começou a devorar meu pescoço

e esfregar sua ereção no meu ventre.

Pelo visto, Maximus havia colocado sua assinatura no meu corpo e comandava meus desejos. Não que ele saberia sobre isso e nesse momento de falsa traição, lembrei dele me estapeando e gemi de prazer.

Confundi o pobre adolescente, que parecia prestes a gozar e eu o afastei com um olhar mortal.

— Seca, nenhuma reação. Despois te ensino como se faz... — Pisquei um olho para um homem frustrado e me afastei, em busca do meu objetivo.

O que será que ele fará comigo hoje? O que me submeterá?

Quando o leilão começou, eu mais que depressa confirmei minha presença e esperei que os rapazes se exibissem na arena. Um, dois, quatro... dez! Nenhum deles era Maximus e isso fez com que minha ira dominasse.

Precisava dele!

De poderosa e confiante, saio da arena irritada e angustiada. Parecia uma drogada em busca da sua próxima dose, mas não encontrava seu

traficante.

Escuto um murmurinho perto da pista de dança e meus olhos parecem buscar meu alvo, o homem que me realizava. Exibido em uma gaiola com duas mulheres, vestindo apenas uma sunga, elas dançavam e se esfregavam enquanto meu homem parecia entediado.

Aproximei-me do local, a gaiola estava rodeada de assanhadas querendo passar a mão em qualquer parte dele e foi então que nossos olhos se encontraram. De letárgico passou a alerta. Sua mão que estava parada ao lado do corpo agora ganhava vida e encontrava a bunda de uma das dançarinas, que mal estavam vestidas em lingerie.

Com um ataque de ciúmes repentino, cerrei meus olhos o suficiente para mostrar a ele o quanto isso não me agradou. Com o efeito contrário, ele sorriu e começou a se envolver com a dança.

A mulher que tinha sua bunda coberta pela mão de Maximus agora foi pressionada entre as grades da gaiola enquanto o homem a submetia. Braços presos às costas, sem tirar os olhos de mim, ele se esfregava na mulher no ritmo da dança

enquanto a outra seguia atrás dele.

Idiota, ele iria me pagar por isso.

Mesmo que isso me irritasse, por se tratar dele, estava excitada. Quando sua mão entrou dentro da calcinha da mulher e essa jogou a cabeça para trás em êxtase, eu apertava minhas pernas para aplacar o formigamento que sentia no meu sexo.

— Que homem! Eu quero ele para mim, pago qualquer quantia! — uma mulher gritou e percebi um funcionário ao lado, pronto para entregar o meu prêmio.

— Eu pago o dobro! — Nem precisava, porque a mulher havia feito uma careta quando o homem disse o preço antes de anunciar minha oferta.

Sem concorrência, uma vez que dinheiro não era problema para mim, aproximo-me do funcionário, informo meu código de associada e espero Maximus sair da sua gaiola para os meus braços.

Antes dele se aproximar de mim, trás uma das garotas da gaiola para perto, beija sua boca e

aumenta ainda mais minha fúria.

Filho da pura!

Com sua mão firme na minha, abrimos espaço pela multidão de mulheres e seguimos para meu quarto particular.

Posso gostar de sua submissão, mas hoje haveria resistência. Raiva e frustração me dominavam e o meu homem do pecado seria minha vítima.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZESSETE – A força do meu desejo

Maksim

Era ela, minha salvação e meu inferno pessoal havia me encontrado e se portava como se fosse minha dona. Seu olhar de fúria e posse instigaram minhas ações, eu queria provocar e mostrar que tudo de mim estava voltado para a luxúria desse lugar, apenas isso.

Ela não sabia, mas meu corpo era apenas um objeto seguindo ordens, já que algo dentro de mim batalhava contra as drogas e tinha a ver com meus sentimentos conflitantes por essa mulher.

De mãos dadas, todos nos olham seguir até o corredor cheio de quartos. Sons de gemidos e corpos se chocando aumentavam ainda mais o meu tesão.

Assim que ela abriu a porta, sou tomado pela dominância. Poderia ser um escravo

arrebatado pelo seu dono em público, mas dentro desse lugar, quem mandava era eu.

Como fiz com a mulher na gaiola, pego as mãos de Afrodite enquanto fecho a porta com um chute de calcanhar do meu pé. Seu nariz está arrebitado, seu olhar é de intocável, mas eu a quebraria em mil pedaços hoje.

Forço seu corpo a se chocar contra a parede. Seus braços ficam inutilizados, sendo segurados pelas minhas mãos e seu corpo. Ela me desafia com o olhar e tenta se soltar, mas sou muito mais forte.

— Vou te foder igual eu fiz com a vadia na gaiola. — Seguro seus braços nas costas apenas com uma mão e com a outra, deslizo pelo seu corpo. — Depois te farei engolir todo o meu gozo.

— Eu não paguei para que me fodesse com a mão. Quero sua boca e seu pau em mim! — suas palavras, ditas com tanta raiva, acertaram um nervo que parecia dormente pelas drogas. Ela queria me ofender e teria volta.

Em desafio, coloco minha mão entre suas pernas e começo a esfregar a palma da minha mão

em seu sexo desnudo. Minha deusa veio sem calcinha e com apenas uma saia para esconder meu objetivo.

Ela gemeu como previ, ficava afetada com minhas palavras e meu toque. Mesmo não tendo poder com Taylor, eu tinha com ela e isso acendia a esperança dentro de mim. Talvez ela seria a chave que eu precisava para me livrar das drogas e fugir daqui, com Anton.

— Implore por meu pau, Afrodite.

Coloco um dedo dentro dela e percebo sua abundante umidade. Quando começo a movimentar dentro e fora, não sinto nenhuma resistência de sua parte, apenas gemidos me implorando por mais. Seus olhos se fecharam e ela se perdeu nas sensações.

Aumento meu aperto em seus pulsos na mesma intensidade que movimento meus dedos dentro dela. Era como se eu fosse tomado por um frenesi, onde minha força em seu corpo era tudo o que precisava para saciar.

Surpreendendo-a, coloco um segundo dedo em sua boceta apenas para lubrificá-lo e depois,

invado seu anus. Seus olhos se abrem pela surpresa e sua boca tenta dizer algo, mas o vai a vem não permita interrompa minha tortura.

Ambas suas entradas já foram usadas por mim. Nosso primeiro encontro foi uma dupla penetração, algo que a fazia parecer muito experiente no assunto.

Saber que ela poderia ter vindo outros dias e escolhido outro homem arrancou um grito animalesco da minha garganta. Ela não poderia ter outro, só a mim.

— Vou trazer outro pau para dividir comigo seu corpo — rosnei e voltei minha tortura em sua boceta. Parecia um idiota, mas falei apenas para saber se ela teria interesse em outras pessoas.

— Não dá conta do recado, Maximus?

Segurei seu rosto com minhas mãos e invadi sua boca com minha língua. Suas mãos vieram para meus pulsos, suas unhas encravaram minha pele, porque eu fazia uma força descomunal para beijá-la. Ela não queria outro homem, isso era perfeito.

Sinto seus dentes afundarem no meu lábio inferior e me afasto pela dor causada. Ela me olha satisfeita e franzo a testa imaginando como irei puni-la. Ela se aproxima de mim e quando meu braço a alcança, seguro seu pescoço e a jogo na cama.

Ela cai com um grito assustada e em segundos estou em cima dela, seus braços presos por minhas mãos em cima da cabeça e suas pernas pelas minhas próprias.

— Você pode ter me comprado, mas quem comanda essa porra sou eu!

Montei sua cintura e fiz força até rasgar seu corpete. Ela não me impediu, ainda mais quando dei um tapa na lateral do seu seio antes de remover a pequena saia.

— Seu desgraçado.

Olhei em seus olhos e acenei, porque eu havia caído em desgraça, nenhum adjetivo me identificava melhor do que esse.

Levantei da cama, sabendo que dessa vez ela não se mexeria. Removi minha calça jeans e

fiquei nu em sua frente. Minha mão foi para o meu membro assim que ela focou nele. Movimentei para cima e para baixo, pensando sobre meu próximo passo.

Quando ela abriu as pernas cobertas por meias finas, sorri de forma diabólica. Ela me queria dentro dela, mas não seria do jeito que escolheu.

Subi em cima da cama e parei com meu pau perto da sua boca.

— Você me morde e todo o seu corpo sairá roxo dos meus próprios dentes — ameacei e nem precisei instruir, ela abriu a boca e recebeu-me como uma profissional.

Apoiei minhas mãos na cama, montei seu rosto e fodi sua boca com a mesma intensidade como se estivesse em sua boceta. Ela engasgava e segurava meus quadris enquanto com os meu olhos abertos, observava o belo trabalho que ela fazia.

Satisfeito, segui para a pequena mesa recheada de camisinha e coloquei uma. Ela se senta na cama e eu a abordo com minhas mãos em seu cabelo, não sou delicado, Afrodite nunca pareceu gostar de delicadeza.

Ela queria falar algo, eu também senti a necessidade de dizer algo, mas indeciso, segui mordendo seu pescoço e seus seios. Quando seus gemidos mudaram de tom, virei ela de costas e segurei seu pescoço na cama. Sua cabeça virou de lado e seu corpo se curvou com sua bunda para cima.

— Implore para ser comida.

Provoquei seu clitóris com meu pau e ela rebolou para mim.

— Implore para me foder! — provocou e bati em sua bunda com força. A vadia sorriu e quase rolou os olhos de prazer.

— Quer me provocar? — Apertei seu pescoço e mirei minha ereção na sua bunda. Sua mão foi para seu clitóris e dei outras palmadas, dessa vez no seu corpo. — Não irá se tocar enquanto eu não me fartar de você.

Movida pelo prazer, ela soltou os braços ao seu lado e invadi seu ânus devagar, apenas o suficiente para me encaixar e investi. Com força. Desespero. O aperto que seus músculos faziam no meu pau me obrigava a querer ir fundo e por isso, a

cada investida, jogava meu corpo para frente, apreciava o momento e continuava tudo novamente.

Em algum momento, minha investida foi tão funda que a fez se desmanchar na cama. Meu corpo cobriu o dela e meus lábios encontraram sua orelha. Os movimentos dos meus quadris não pararam enquanto eu gemia.

— Maximus... — gemeu abafado, meu peso provavelmente sendo muito para ela. A vontade foi de revelar meu nome, seria muito melhor se parecesse real.

— Esse é só o começo, Afrodite. Tenho quatro dias para resgatar...

Nem percebi que com isso revelei mais do que deveria. Apesar de não ter a noção do tempo, contei quantas vezes dormi na minha cama e pensei nela.

Taylor estava sempre lá para encerrar meu dia, com sua boceta disposta a me torturar por mais de uma hora até que ela gozasse. Mas, diferente de quando estou com Afrodite, eu nunca gozava com minha algoz. Diferente de quando estava com

outras mulheres nessa Cidade do Pecado, minha ereção nunca terminava, porque eu nunca gozava.

Quando sinto o arrepio nas costas, liberto o animal dentro de mim e invisto as últimas vezes, sentindo a camisinha se encher com meu gozo. Mesmo que tentasse, não conseguiria retardar minha ejaculação. Essa mulher conseguia arrancar o meu pior entre quatro paredes e fazer com que qualquer pensamento racional ou de submissão fosse para o espaço.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZOITO –

Desfazendo a realidade

Naomi

Gostaria de poder ficar mais, mas o horário exigia que eu saísse daquela cama com Maximus. Em poucas horas meu dia de trabalho começaria e meu mundo colorido da Cidade do Pecado se tornaria o cinza do escritório.

Esse foi o único momento que paramos, ambos mais do que saciados, para contemplar o teto do quarto. Ele estava deitado com um braço atrás da cabeça e minha vontade foi de me aninhar ao seu lado.

Eu poderia fazer isso, pagava muito bem para ter o que quisesse com esse homem, mas me retraí e deixei alguns centímetros distante, mas não deixei de observá-lo.

— Está pronta para mais uma rodada? — perguntou cansado e sabia que hoje foi além do ele

poderia aguentar.

Olhei para o seu membro, que parecia querer ganhar vida e bufei.

— Seu pau é de ferro, mas minha boceta continua sendo de carne e osso. Por hoje já deu.

Não houve pestanejar, ele levantou da cama e minha mão foi no seu braço. Não queria que fosse embora, apenas observá-lo já era o suficiente para mim.

— O que? — perguntou com desprezo, olhando minha mão e soltei, como se fosse de espinhos.

O que eu queria? Uma conversa pós foda? Ele não era meu psicólogo e eu deveria parar de romantizar o que fazíamos aqui nesse quarto. Era errado, depravado e em muitos níveis abusado.

Deitei na cama novamente e o vi vestir a calça sem olhar para mim. Quando ele segurou a maçaneta da porta, pausou brevemente, olhou para mim por cima do ombro e meu coração quase pulou para fora do peito. Seus olhos possuíam tempestades refletidos nele.

Ele diria algo? Voltaria?

Nada, do jeito que saiu da cama, ele foi embora do quarto e me deixou com seu cheiro nos lençóis e um sentimento de perda. Amanhã, ou melhor, hoje à noite, nos encontraríamos novamente.

***

— Todos já se foram? — pergunto a minha secretária minutos antes do horário do almoço.

Há quase um mês uma mudança em mim e em todos ao meu redor aconteceu. Enquanto me fechei para meu lado obscuro do prazer e submissão, os meus colegas de trabalho, que nunca me deixavam de convidar para almoços ou *happy hour*, se afastaram.

Sempre me senti autossuficiente, amizades serviam apenas para colaborar com meus processos. Desabafar? Quem precisava disso?

Estava enganada, a presença dessas pessoas não tinha tanta importância quanto agora. Sentia-me cada vez mais mergulhada em um

mundo sem volta, onde a escuridão tinha tudo para me engolir viva.

— Todos já foram. Com licença. — Com um olhar indiferente, minha secretária pegou sua bolsa, se levantou e foi almoçar.

Era estranho me sentir tão poderosa no tribunal e aqui, no meu trabalho, um local que me sentia confortável, me sentia um zero à esquerda.

Que se foda, não iria lamentar para quem não queria minha companhia.

Enquanto caminho até uma lanchonete próxima ao escritório, lembro das últimas vezes que John me chamou para acompanhá-lo para o almoço ou uma saída na sexta-feira. Ele parecia iludido ou apaixonado, odiava pessoas grudentas, principalmente homens, que pareciam se apaixonar, principalmente quando fazíamos sexo anal.

Peço um lanche e um suco para o atendente e sento sozinha em uma mesa. Observo todos ao meu redor e meu coração aperta ao contemplar amigos almoçando e conversando, como se não existisse nenhum problema no mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que minha refeição chega na minha mesa, olho para a cadeira a minha frente e imagino Maximus sentado nela. Nas últimas vezes que transamos, ele parecia menos agressivo, porém, isso não me desestimulou. Seu toque parecia ter um poder cada vez maior no meu corpo e as poucas palavras que trocávamos antes dele ir embora alimentava uma ilusão que não consegui impedir de criar.

Sabia que dali nada poderia florescer, não há amor quando se trata de agressão ou pecados da carne. Meu coração parecia não se lembrar de tanto sofrimento que passei com meu pai e meu noivo, mas agradecia a minha mente por sempre colocar meus pés no chão quanto a isso.

Homem servia apenas para o prazer, nada mais.

Ainda com um enorme vazio no peito, sigo andando com minha cabeça inclinada para cima e observo Liam, Sarah e John descontraídos entrando no prédio onde ficava nosso escritório. Era nítido o quanto o entrosamento dos três nada se afetou com minha ausência.

PERIGOSAS ACHERON

Protelo meus passos para não cruzar com eles e ainda perceberem minha cara de cão perdido. Havia reações que mesmo minha mente não conseguia disfarçar e a decepção de saber que não havia amigos de verdade me bateu mais forte do que o tapa que Maximus me deu na nossa primeira transa só eu e ele.

Eu sabia que aguentava a humilhação entre quatro paredes, mas no lugar onde tinha meus sólidos pilares construídos foi muito.

Quando volto para minha sala, meu refúgio quanto aos colegas de trabalho, cruzo com Sarah na recepção. Ela me cumprimenta com um enorme sorriso e eu retribuo com um sorriso de boca fechada.

— Oi Naomi. Anda sumida, enclausurada em seu escritório.

— Pois é, muito trabalho, sabe como sou focada — digo educada, mas minha vontade era de ter respondido algo mais estúpido.

— Nós continuamos indo para os Happys, na sexta-feira. Apareça! — Ela segue para sua sala e não me deixa responder. Então a culpa era minha

por não ser convidada?

Apareça?

Como um ritual que há dias me acompanha logo após o almoço, entro no programa que me permite olhar os exemplares de belos homens da Cidade do Pecado e paro na foto de Maximus.

Já sabia de cor seu número e como uma obcecada, conferi todos os detalhes do seu rosto. Se fosse desenhista, conseguiria esboçá-lo sem a ajuda dessa imagem. Além de gravada na minha mente, tinha as noites para tatuá-las no meu corpo.

Essa semana ainda não tive minha dose de paixão proveniente daquele lugar. Para não levantar suspeitas de um envolvimento afetivo, deixava apenas para os finais de semana ou um dia antes deles. Tive sorte até o momento de sempre encontrá-lo e poder usufruir de toda a noite apenas com ele.

O homem suprimia algo em mim que nem mesmo eu sabia que não existia. Se era carência ou uma necessidade de equilibrar meu lado dominador, não sabia.

Sorrio ao lembrar do nosso último encontro.

Depois de encontrarmos prazer em um meia nove arrebatador, cada um ficou deitado de costas na cama, olhando para o teto.

— Eu gosto dessa posição — comentei despretensiosa.

Maximus parecia ceder as minhas investidas de querer conversar quando se tratava do que acabamos de fazer.

— A próxima vez iremos trocar de posição, você ficará por baixo — prometeu com sua voz rouca pelo cansaço e meu coração idiota bateu mais forte pensando em nosso próximo encontro.

Será que ele também entrava na Cidade do Pecado esperando me ver?

— Acho que vou comprar um livro de Kama Sutra, nossos encontros nunca serão monótonos — meu tom sonhador e até meloso o expulsou da cama.

Não abuse da sorte, Naomi!

Observo ele seguir para onde sua calça foi jogada em nosso momento de fúria e paixão e viro de bruços, observando seus músculos e o quanto seu membro semiereto continuava apetitoso.

Eu havia engolido tudo dele e esperava que ficasse marcado em mim eternamente.

Quando abotoou o último botão da sua calça, ele me olhou e dobrei minhas pernas, tornando minha posição além de sensual.

— Eu te quero mais uma vez dentro de mim — pedi no meu tom autoritário, porque já havia percebido que com ele, só funcionava dessa forma.

— Você terá dentro da sua boca. Ajoelhe!

Sem remover toda a calça, ele expõe seu pau completamente duro e como uma drogada, faço o que me ordena e engulo, novamente, todos os resquícios dele para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO DEZENOVE – Na busca de controle

Maksim

— Encontrei algo curioso na sua ficha — Taylor me observa puxar peso na academia.

Esse era o lugar que mais odiava aqui, sempre olhava disfarçadamente para todos os cantos em busca de Anton. Olhava para todos os homens robôs que me acompanhavam na malhação e não encontrava meu amigo, era desesperador como frustrante.

Odiava pensar que sua vida já havia se extinguido, não deixaria a esperança morrer até que não encontrasse seu corpo ou o que restou dele.

Ignoro o que minha algoz fala, porque esse era o papel do bom cachorro que ela gostava de adestrar. Eu me sentia tão bem e consciente de tudo, mas estava com medo de explorar minha recém liberdade mental.

Será que era o único que parecia imune a essa droga da submissão?

Havia pensado em um plano. Taylor não percebia, mas ela parecia mais e mais dedicada a mim, dependente. Ela era a única que me visitava enquanto os outros homens recebiam visitas das mais variadas mulheres, desde as treinadoras até as que faziam a segurança.

Éramos objetos e pelo visto, Taylor me tinha com exclusividade aqui dentro. Ou pelo menos ela achava isso, já que não podia mais ignorar o sentimento forte que surgia quando via que Afrodite estava ali para me ter.

Era tão ridículo como absurdo, desenvolver algum tipo de sentimento por alguém que gasta seu dinheiro com sexo depravado. Nossos encontros, cada dia mais se tornava menos agressivo. Cada dia mais, eu não conseguia me forçar a espancá-la como fazia com Taylor.

Não me deixava levar apenas pela emoção, não poderia deixar que Afrodite reclamasse que não estava tendo o sexo violento que tanto desejava. Essa era a atuação que acreditava que ela esperava

de mim, mas para minha surpresa, ela parecia cada vez mais próxima, gostava de tudo o que oferecia, seja a brutalidade, seja a suavidade.

Focado em levantar o peso, percebo que Taylor está impaciente ao meu lado. Não foi feito uma pergunta, a conversa sempre foi unilateral, por isso continuo ignorando.

— Há uma mulher que está há quase um mês só escolhendo você para ir para cama. Pelo jeito, você não está fazendo como te ensino. Te treinei o suficiente para que as mulheres tivessem apenas um gostinho de você e fugisse. Apenas eu aguento toda a sua virilidade.

Ela passou a mão nos meus bíceps e continuei com meu olhar focado a minha frente, porém, meu coração acelerou. Só de pensar no que essa louca poderia fazer com aquela mulher me deixou desconcertado.

Ainda bem que aprendi a não demonstrar minhas reações. Desde quando comecei a me livrar da submissão, eu me forçava a não demonstrar nada. Como um ser humano qualquer, não consigo controlar tudo, há algumas ações do meu corpo,

como meu coração acelerado e o arrepio de nojo ao toque dessa mulher, eram impossíveis de evitar, mas fáceis de esconder.

— Você não vai dizer nada? — insiste e penso, mentalmente, em jogar os pesos na cabeça dela.

— O que preciso dizer? — pergunto em tom brando, seguindo com minha rotina de exercícios.

— A mulher está caidinha por você? — perguntou com deboche e segurou meu membro semiereto.

Era desconfortável tê-lo quase o dia inteiro dessa forma, com certeza havia algo no meu alimento para me deixar tão excitado dessa forma, já que a droga injetável eu não tomava há um tempo.

— Ela tem um padrão e irei descobrir se você está fazendo seu papel corretamente. Você pode ter esquecido seu objetivo aqui, mas seu amigo... como ele chama mesmo? Anton?

Impossível controlar a breve interrupção

que faço ao mencionar meu quase irmão. Filha da puta, eu mesmo quero matar essa mulher com minhas próprias mãos.

Ela sorri ao perceber que consegue me atingir e como sempre, ao concluir minhas atividades ela me acompanha até meu quarto e me permite descarregar toda a frustração nela, sem dó nem piedade.

Do jeito que estou sendo tratado, meus desejos sexuais pareciam se sobrepor ao pensamento racional. Sentia nojo, odiava-me depois de transar sem nenhum escrúpulo com as mulheres, com Taylor. Meu pau sempre estava ereto e o instinto animal dominava em busca da saciedade.

Descartado como lixo, Taylor sai do meu quarto com marcas por todo o corpo. Normalmente eu deixava apenas na parte coberta por roupa, hoje, fiz questão que meus dedos tatuassem em seu pescoço e braços.

Qual o tipo de satisfação eu queria? Meus valores estavam invertidos, não sabia distinguir o certo do errado, aqui parecia tudo errado e

precisava mergulhar nesse mundo, me tornar um deles, para poder sobreviver.

Tomo banho e sigo para a preparação para a noite. Estava quase que diariamente envolvido com a Cidade do Pecado, sempre em busca de ter Afrodite nos meus braços. Taylor disse certo, ela tem um padrão de dias e hoje é um deles.

Será que devo forçar ela a encontrar outro? Apenas o pensamento me fez querer rosnar de raiva. Ela não tocaria em mais ninguém além de mim, por mais hipócrita que isso seja, já que muitas outras mulheres tocavam em mim.

Odiava isso.

Entro na sala de preparação onde tanto outros estão e me dispo das roupas de treino. Aqui, o figurino era outro e escolhido por elas.

— Você é tão gostoso. — Uma das mulheres que me besunta de óleo aperna minha bunda e cheira minhas costas. — Taylor é muito egoísta por não dividir o seu brinquedo.

Essa era toda a confirmação que precisava, minha algoz desenvolveu algum sentimento de

posse em mim e no momento certo, iria usá-lo contra ela. Poderia ser um homem simples do campo, mas minha estadia aqui me tornou um ser malicioso e vingativo.

A mulher fica de frente para mim e sem que ela esperasse, segurei seus cabelos em uma mão e trouxe para perto do meu rosto.

— Meu pau chora para ter sua boceta — sussurro e a mulher geme, colando seu corpo ao meu.

A discórdia ajudará a criar o caos dentro dessa instituição de merda.

Com a mão melada de óleo, ela segura meu membro e começa a me estimular. Ela nem percebeu que fugi o procedimento padrão de tanto tesão que está sentindo por mim.

Olho a nossa volta rapidamente e vejo que há duas mulheres nos olhando atento, mais pela excitação do que inconveniência.

— Eu te quero todo... — ela geme, abre os olhos brilhando de desejo e se ajoelha na minha frente. Ela iria engolir todo o meu pau, mas nada do

meu sêmen.

Seguro sua cabeça com minhas mãos e movimento meus quadris com força, escutando a cada estocada seu engasgo. Ela queria um pedaço de mim, teria o pior.

Passado vários minutos assim, eu estava longe de gozar. Aperfeiçoado na arte de protelar minha ejaculação, continuo maltratando sua boca até que ela se empurra longe de mim e cai sentada no chão.

— Você não vai gozar? Eu faço o melhor boquete! — Olha-me com indignação.

Passo a mão no meu membro, tentado remover qualquer resquício de sua saliva.

— Tenho a melhor professora — respondo olhando em seus olhos e vejo a fúria e a competição neles.

Quero que as duas explodam esse lugar na busca de mostrar quem é a melhor.

— Eu vou te mostrar quem é a melhor... — irritada, ela volta a passar óleo no meu corpo.

Dessa vez, todos seguem vestindo apenas

uma sunga. Andamos pelo corredor escuro e somos jogados em uma arena decorada com itens de praia. A arena era o mar, a arquibancada era a areia.

Meus olhos buscaram por todos os lados a mulher que queria que me pescasse. Mas, no final das contas, parecíamos apenas peixes prontos para serem devorados por tubarões.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE – Então...

descobri que era meu

Naomi

Meu coração acelerou assim que vi Maximus entrando na arena temática de praia. Vestido apenas com uma sunga, seu corpo definido e seus músculos proeminentes fizeram com que meu sexo se contraísse em busca de um alívio.

Diferente de outros dias, não haveria leilão, iríamos pescar nosso alimento sexual com uma corda em forma de laço. Depois de deixar várias centenas com o responsável da "pescaria", me aproximei da arena e esperei meu desejo em forma de homem encontrar meus olhos.

Há muito nosso relacionamento mudou. Por mais que ele fugia sempre que o assunto ficava mais íntimo quando trocávamos algumas palavras pós foda, seus olhos me diziam o suficiente, que estava afetado por mim. Se ele iria fazer algo sobre

isso, não sabia. O importante é que pelo menos isso era recíproco.

— Que comece a pescaria! — a apresentadora anunciou entusiasmada e várias pessoas começaram a vibrar, mesmo que não estivessem participando.

Desajeitada, não esperei que outra pessoa escolhesse Maximus, fui a primeira a jogar a corda. Frustrada, o círculo que estava feito na corda mal se aproximou do objetivo e meu coração quase pulou do peito quando o homem ao seu lado foi fisgado.

Caralho, parecia uma adolescente!

— Vamos, queridos convidados. Os peixes estão acabando...

Por um momento olhei para todos os clientes que participavam e apavorei. Duas mulheres, lado a lado, tentaram laçar meu homem e quase parti para a briga.

Respirei fundo, foquei nos olhos de Maximus e joguei. Vi que ele deu um passo para frente para que a corda conseguisse alcançá-lo e o

resmungo frustrado das duas competidoras me fez sorrir.

Competir era bom, mas vencer sempre foi melhor.

Puxando-o pela corta até mim, sem desviar nosso olhar, ele se aproximou e nada disse em palavras. Seus olhos claros e nublados pelo clima da Cidade do Pecado diziam muito. Ele parecia preocupado, mas não menos excitado.

— Vamos! — comandei.

Viro de costas para ele e saio puxando-o pela corda. Precisei controlar meus passos para não correr. Precisava do seu toque bruto e do conforto que vinha quando me fazia gozar.

Completo, dor e prazer num mesmo homem.

Mal a porta do quarto abriu, ele se livrou da corda e arrematou minha boca em um beijo desesperado. Diferente das jogadas na parede ou na cama, seus lábios dançaram com os meus enquanto minhas mãos envolveram seu pescoço. As suas não ficaram paradas, elas removeram minhas roupas.

Tão diferente do Maximus bruto... isso era bom? Não me despertava tanto tesão quanto a dor que vinha junto com o prazer, mas me contentava. Já havia aceitado que estava com meus conceitos deturpados, pelo menos para minha mente, não sentia vergonha de dizer que gostava de me submeter.

Passado o momento de matar a saudade, ele segurou meu cabelo com as mãos e me fez ajoelhar. O carinho acabou, agora viria o que mais ansiava.

— Você vai me chupar e vai engolir tudo o que eu gozar — ordenou com sua voz bruta.

Removi sua cueca e nem precisei estimular seu pau para ficar ereto, porque já estava em riste. Envolvi meus lábios no seu membro e o levei até a minha garganta, quase engasgando.

— Isso... — gemeu. — Sua boca é a melhor... até a garganta... quero apenas sua boca... Chupa...

Apesar de ter continuado com os movimentos e sentir a dor na minha cabeça por ter meus cabelos puxados com força, sua afirmação fez

meu coração apertar. O choque de realidade foi um tapa na minha cara.

Sua boca é a melhor...

Ele tinha outras mulheres... ele fodia com outras mulheres, como não levei em consideração que tudo o que sentia por ele, outras também sentiam? Ele poderia enganar todas elas com seu olhar intenso e seu sexo selvagem, eu deveria ser apenas mais uma.

Deixo meus dentes tocarem seu membro, na intenção de provocar raiva, mas ao invés de vê-lo ficar irritado, ele geme ainda mais.

— Boca gostosa, Afrodite. Engole tudo...

Sinto seu gozo nos meus lábios mais rápido do que imaginei. Não que ele tenha dificuldade para começar um segundo round, mas nunca gozou tão rápido.

Assim que ele me descartou no chão ao seu lado, andou para um canto do quarto e ficou encarando a parede. O que ele tinha hoje?

Com a intenção de mostrar superioridade e instigar a luta entre nós, decido por um comentário

idiota:

— Eu te pago para foder e não encarar uma parede.

Quando ele se vira para mim, sigo para a cama e me coloco de quatro, oferecendo tudo o que essa posição possa oferecer. Apesar de mostrar irritação, ele não saiu do lugar.

Minha confiança começou a ficar abalada. Ele parecia não querer me tocar hoje e isso era inadmissível.

— Por que você fica apenas comigo? — perguntou ainda mantendo distância entre nós e me sentei na cama, ainda nua e completamente confusa.

Como ele sabia que eu escolhia apenas ele quando estava aqui?

— Eu não sei do que você está falando — preferi me fazer de desentendida do que mentir.

— É vedado o relacionamento aqui dentro. Ficar apenas comigo por quase um mês levantou suspeitas.

Apesar desse diálogo ser o maior que já

tivemos, também estava sendo o mais cruel. Não conseguia identificar qual era sua intenção em me contar isso. Ele estava preocupado comigo? Com ele? Estava me oferecendo para outros homens?

Desviei meu olhar do seu e fui para o banheiro, muito afetada com suas palavras. Apesar de querer me impor e mostrar que da minha vida cuido eu, a saudade que estava dele misturada com todos os sentimentos de rejeição que estava lidando na minha vida pessoal e profissional, suas palavras me abalaram e estava difícil disfarçar.

Sem fechar a porta, entrei no banheiro e lavei meu rosto com água. Abrir meu coração não era uma boa opção, porém, se eu não falasse alguma coisa nesse momento, mostraria mais do que queria.

Encarei o espelho a minha frente e acompanhei com os olhos a aproximação de Maximus. Nosso olhar duelava, ele tinha necessidade em saber e eu, de sentir.

Com uma mão na minha garganta e seu corpo grudado ao meu, não mudei da posição que estava, com as mãos apoiadas na pia. Senti seu

membro pedir espaço entre minhas nádegas e controlei meu gemido.

— O que gosto e o que deixo de fazer é problema meu. Você gostando ou não, irei viabilizar te ter com exclusividade. — Ergui minha cabeça e sua mão se ajeitou ainda mais na minha garganta. Ele dominava, apenas porque eu deixava.

— Você está fodendo com nós dois me tendo como exclusivo. — Senti ele ajeitando o membro em minha boceta e depois, mordeu minha orelha. — Essas pessoas não são legais — sussurrou no meu ouvido e movimentou o quadril para me preencher.

Fechei os olhos e arfei de prazer. Era tão belo quanto magnífico tê-lo assim. Não havia pressa, estávamos em uma dança de lobo e caçador, trocando de papeis conforme conversávamos.

Lento.

Sem se preocupar com o tempo, Maximus começou a me torturar. Mesmo envolvida com a luxúria, suas palavras finalmente fizeram sentido para mim.

Essas pessoas não são legais...

Quem trabalhava com tanto fetiche não poderia ser mesmo legal. Eu já me considerava alguém que não era legal. Ou ele queria dizer algo mais sombrio?

Ele levantou minha perna esquerda e deixou apoiada na pia. Sua mão nunca soltou minha garganta e nossos olhos, enquanto eu encontrava o ápice do prazer, não se desviraram do espelho.

Perdendo o equilíbrio, ele me virou e me colocou sentada na pia. Minhas pernas abertas abrigavam seu quadril esguio. Olhei seus músculos em seu tórax, depois voltei a encarar seu olhar intenso e perdi minha fala. Queria mandá-lo me foder com força, pedir mais brutalidade, mas estava sendo bom também...

Hoje estava sendo tão diferente...

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E UM – A

última vez

Maksim

Se ela perceber que estou afetado por esse sexo suave, porém dominante, poderá ser meu fim. Está claro que ela me quer, suas ações e seu corpo me dizem muito mais do que seus lábios. Não era certo, não poderia me entregar tanto para alguém que contribuía com minha escravidão.

Seguro seus quadris, tiro-a de cima da pia e a coloco de costas no chão. Ela arregala os olhos com o contato do piso frio com sua pele e sem dar tempo, elevo bem suas pernas e começo a meter sem piedade. Chega de movimentos comedidos e suaves, tentando imprimir uma conexão que nunca poderá acontecer.

— Hoje será nossa última vez — as palavras saíam com raiva e minhas mãos apertavam com força suas pernas. Precisava descarregar essa

frustração que ela mesma me provocava.

— Não... — gemeu em negação e comecei a empurrá-la contra o piso pela força das minhas investidas.

— Nunca mais me escolha, eu não quero... — vacilei, porque era uma mentira que não estava conseguindo manter.

— Mete com força, Maximus! — gritou com raiva e segui judiando de sua intimidade.

— Saia do radar deles! — Soltei uma mão e apertei seu seio.

Afrodite conseguiu inclinar seu corpo em minha direção e me olhou com desafio.

— Você terá que me comer até eu enjoar! — sibilou e dei um tapa em seu peito para colocá-la na linha. Ela gostou, voltou a deitar no chão e se fartar do sexo bruto que ofertava.

Era nessas horas que meu controle dava lugar ao animal que foi cultivado nesse ambiente. Apertei seu quadril com força, deixei suas pernas descerem e rodear minha cintura. Enquanto isso, observei nossa conexão, no vai e vem e o quanto

estava ansioso para gozar novamente dentro dela.

— Vou te comer só quando eu quiser e agora não quero mais! — rosnei e ela apertou meu pau com sua boceta, me fazendo gozar antes dela ter chegado ao seu clímax.

Merda, isso não deveria ter acontecido, o meu controle não poderia estar tão vulnerável.

Punindo a mim mesmo, continuei estocando e forçando meu pau a se manter duro. Não precisava de muito esforço, porque essa mulher era surreal.

Habilmente a faço soltar minha cintura, coloco ela de joelhos e a pressiono contra a parede do banheiro. O rosto dela fica de lado, ela me encara com tesão e com atrevimento, enfio dois dedos no buraco que separa suas nádegas.

Ela geme, eu arrepio.

— Peça.

— Faça o que tem que fazer! — retruca, sempre atrevida.

Posiciono meu pau e retiro meus dedos. Envolvo sua cintura com meu braço e encontro o

que tanto anseio, sua boceta.

— Implore — rosno e mordo sua orelha enquanto estimulo seu clitóris.

Ela vacila quando quase goza, mas eu paro.

— Foda minha bunda antes que eu faça isso por mim mesma!

Invadi seu buraco e comecei a comê-la por trás. Era apertado, gosto e a fiz gozar em segundos. Mesmo assim não dei trégua, ela precisava se cansar de mim, não podia deixar que se tornasse vítima como eu era, como Anton foi...

— Oh, Maximus...

Seu corpo se chocava com a parede, o barulho de pele contra pele, corpo contra azulejo tronava tudo tão erótico que me fazia rolar os olhos de tanto tesão. Mordi seu ombro com força assim que senti seu corpo endurecer pelo gozo iminente. Ela era insaciável e precisava encerrar o que tínhamos.

— Me esqueça — falei com raiva, quando a mudei de posição novamente, apenas para

concluir o que comecei. A coloquei de quatro, seu rosto colado ao chão e meu pau variando entre sua boceta e seu ânus.

— Não...

Caralho, como eu faria essa mulher entender que corria perigo?

Surrei sua bunda e meti com força nos dois buracos. Isso me lembrou do ménage que fizemos e me irritou o ciúme que senti. Havia me tornado um monstro e não sabia mais controlar minhas ações.

— Eu — meti com força — não — bati na sua bunda — te quero maaaaaais.... — gozei com força e só parei quando meu corpo caiu sobre o dela, deixando todo o peso a pressionar.

Ficamos assim, ofegantes e controlados até que ela virou seu rosto para o meu lado e perguntou baixo e suave:

— Estamos sendo observados?

Apenas acenei afirmativo com a cabeça e coloquei meus braços ao seu lado para erguer meu corpo. Fiquei em posição de flexão e ela virou seu corpo para ficar de frente ao meu. Seu olhar era

preocupado e feroz. Tentei fazer ela entender com a brutalidade, pelo jeito, o que precisava era abordar de forma suave. Ela era inteligente.

— Preciso me preocupar?

Acenei afirmativo novamente e agradeci que ela manteve o tom baixo, mas na dúvida, estiquei meu corpo para frente e liguei a água da banheira para abafar nossa conversa.

Voltei a encará-la e dessa vez, sua mão foi para minha garganta, apertando com força, mas sem machucar.

— Se algo acontecer comigo, eu coloco essa espelunca no chão, está me entendendo? Eu tenho os meios e os contatos certos. Colocarei todos vocês atrás das grades e não me importarei com a exposição, vou foder com a vida de cada um.

Por um segundo acreditei no poder da Afrodite. Ela parecia a mulher maravilha dos avessos, destemida e nua na minha frente. Meu pau voltou a vida e esfreguei entre suas pernas.

— Já chegamos a um acordo, quem fode quem aqui sou eu!

Sua mão vacilou no meu pescoço, ela se contorceu e sei que está sensível. Eu não poderia facilitar, ela precisava entender que eu poderia afundá-la.

— Maximus... eu te quero, mas estou...

— Molhada, como a depravada que é. — Deslizei com facilidade em sua boceta e estoquei com força, fazendo ela relaxar no chão. Ela não tinha mais forças para nada. — Vá embora e não volte nunca mais.

— Não quero... — choramingou e precisei reunir todas as forças do animal que dentro de mim habitava para não parar e pedir desculpas por exceder na hora do sexo.

— Afrodite.... — foi minha vez de pedir, quase um clamor. Seus olhos encontraram os meus e meu beijo foi suave quando nossos lábios se uniram. Ela estava ávida, eu fui contido. Era uma despedida, tanto ela quanto eu não poderíamos confundir tudo isso com paixão. Minha meta era Anton e a dela... era fugir.

Eu virava minha cabeça de um lado para outro, procurando uma melhor posição para devorar

o poder que seus lábios tinham sobre mim. Não consegui mais meter com força, foi suave e lento, até que não dava mais...

— Essa foi nossa última foda. — Parei o que estava fazendo.

— Não!

— Você pode se machucar — falei em tom de ameaça.

— E eu falei que boto tudo no chão se isso acontecer. — Movimentou o quadril, incitando o meu a voltar a mexer.

— Você não sabe com quem está lidando.

— Nem você. Saiba que farei o que quiser! Se quero foder você... — ela fez força no seu quadril novamente e voltei a me movimentar. Se era sexo que ela queria, daria de bom grado. — Eu vou foder você a hora que eu quiser!

Será que ela poderia me ajudar? Ser a força que não tenho para encontrar Anton e acabar com todo esse inferno?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E DOIS – Assim começou o pesadelo

Naomi

Exausta, não consigo sair do chão do banheiro. Maximus me carrega no colo e me coloca com cuidado na cama.

— Não me escolha mais — ele estava implorando, apesar do olhar furioso para mim.

Eu tinha suspeitas, agora virou certeza. Havia algo de errado e iria descobrir por mim mesma ou com ajuda da minha equipe de investigadores. Eu era boa no tribunal, seria boa aqui também.

Antes dele se levantar, peguei sua nuca a apertei os cabelos que continham ali. Se eu poderia confiar nele? Se ele era a vítima ou o acusado, não me importava, seguiria meus instintos e eles diziam que Maximus deveria ser meu.

— Você quer sair daqui e não pode? Eu

posso te comprar, vou...

— Não estou a venda! — Retirou seu corpo de perto do meu com fúria e o ódio que já vi uma vez em seus olhos, voltou.

Ele virou as costas e antes que fosse embora e não conseguisse tirar nada dele, eu dei algo de mim.

— Naomi.

Ele parou. Virou apenas seu rosto e me encarou. Com dificuldade eu sentei na cama e ergui meus ombros.

— Naomi Bishtok, advogada.

Achei que teria algo dele, que teria sua confiança, mas o filho da puta simplesmente saiu daquele quarto sem dizer nada. Deixei meu corpo judiado pelo sexo selvagem na cama e lutei contra as lágrimas. Eu dei porque quis, deveria aguentar as consequências.

Fechei os olhos e tentei dormir, tinha o quarto pelo tempo que quisesse e não iria fugir como uma apaixonada rejeitada. Apesar de no fundo querer que ele voltasse para me ver, sabia

que tudo isso era apenas um jogo. Para mim, para ele, para a Cidade do Pecado, tudo era um jogo.

Assim que entrei no mundo dos sonhos, senti minha cabeça ser coberta com algo e meu corpo ser preso com aspereza, pareciam cordas. Gritei, mas algo foi injetado no meu braço fazendo com que a inércia e a escuridão dominassem todo o meu ser.

***

— Acorde puta! — uma voz feminina gritou para me acordar.

Antes que piscasse meus olhos para me adaptar a luz intensa que estava na minha cara, recebi um tapa, cuja mão pesada me fez sentir gosto de sangue.

Estava deitada em algo gelado, nua, pernas e mãos amarradas e afastadas. Remexi testando minhas amarras e recebi algo quente na minha costela, me fazendo gritar e curvar o corpo.

O que era tudo isso?

— Parem! — gritei em meio aos prantos.

— Quem manda aqui sou eu! — a voz

feminina soa em tom mais ameno. Balanço minha cabeça, tentando procurar de onde vem, mas há uma luz que me cega.

Sinto algo quente nas minhas costelas novamente, do outro lado e grito de dor. Céus, o que estavam fazendo comigo?

— Por favor... — implorei. — Por que....

— Isso é o que acontece quando se quebra as regras.

Slap!

Senti minha pele da barriga arder com uma chicotada.

Ardia.

Estava nua, exposta e completamente a mercê do que essa mulher queria fazer comigo.

Slap!

Uma chicotada, outro urro de dor.

Que regras eu quebrei?

Slap!

Mais uma chicotada.

Caralho! Não via, só sentia e não tinha

nada de excitante.

Estava cega pela luz e comecei a ficar mais ainda alucinada pela dor.

Minhas partes íntimas foram tocadas sem nenhuma delicadeza e meu corpo inteiro tremeu.

— Ela está molhada — sinto o tom de deboche numa voz masculina e meu choro aumenta ao constatar que posso ser estuprada. Não havia nada úmido onde ele tocou, essa não era a dor que me dava prazer.

Senti mais uma vez a queimadura nas costelas e percebi que estava colhendo o que plantei. Depravada e pervertida, esse era meu fim e não entendia o motivo disso tudo.

Uma mão na minha garganta reduz a quantidade de oxigênio que inspiro. Meu corpo não para de se mexer, meu instinto de sobrevivência em alerta máximo...

Maximus.

— *Saia do radar deles!*

Então, eu entrei no radar DELES!

Minha garganta foi liberta e busquei o ar

com desespero. Eles iriam me torturar? Matar?

— Me solte... — respirei com dificuldade. — Eu não volto mais... por favor... — implorei.

— Ah, então você reconhece que quebrou as regras da minha cidade — a mulher zombou e senti a chicotada nas minhas pernas.

Meu grito não saiu da garganta, estava ficando sem forças, só conseguia chorar.

— Faço o que quiser... — delirei, mexendo minha cabeça para a direita e para esquerda. — Tenho dinheiro...

— Dinheiro nenhum paga o prazer que sinto em te ver sofrer. — Sinto a mão áspera pegar meu seio e apertar sem cuidado. — Quero ver se ele vai te querer cheia de cicatrizes... Afrodite.

Então, a verdadeira tortura começou. Uma enxurrada de água foi jogada no meu rosto e me afogou. Engoli e aspirei água, meus pulmões ardiam, mas não tive tempo para pensar nisso, porque minha perna foi chicoteada sem piedade, várias e várias vezes.

Meu grito ecoava e no fundo, reconheci

um gemido. A mulher que me torturava parecia... excitada!

O espancamento parou e então, sons de sexo preencheram o ambiente.

— Me fode com força e ela também... — a mulher gemeu e a tortura retornou, o chicote parecia querer se fundir à minha pele.

A dor era tanta, que nem percebi que a intensidade havia diminuído junto com a sequencia de golpes. Enquanto chorava, risos e gemidos serviram de trilha sonora depravada.

Quem eram eles?

Quando senti alguma coisa cobrir minhas pernas, não tive forças para tentar olhar. Meus olhos se fecharam e a dor intensa começou a me nublar.

— Mais forte, mais forte...

Eles estavam debruçados sobre mim, transando, depois de uma sessão de tortura. Isso era... louco!

Minha coxa foi mordida com força e esse foi meu último grito antes de apagar

definitivamente.

***

Dolorida.

Atormentada.

Abri meus olhos e respirei fundo, sentindo dores que me faziam acreditar que não conseguiria nunca mais me mexer. As cenas da última vez que enxerguei retornaram com força, inundaram o meu ser e me fizeram tremer, apenas para que eu chorasse e reclamasse pela dor causada ao meu corpo.

O que havia acontecido?

Estava óbvio, tinha sido torturada da forma mais irreal. Pensava que estupro e o espancamento que aceitava de Maximus poderia ser algo ruim, mas isso conseguiu ser pior.

Cidade do Pecado.

Maximus.

— *Saia do radar deles!*

Ele me alertou, ou melhor, tentou. Cega de desejo e com a luxúria dominando qualquer ação, só pensava na próxima dose de sexo, no próximo

momento de prazer que aquele homem poderia me fornecer há alto custo.

Com dificuldade, virei minha cabeça para o lado e reconheci minha cômoda. Estava em casa e não tinha a mínima ideia de como cheguei aqui.

Eles sabiam onde eu morava?

Tentei me movimentar, meu corpo doía e tinha muita dificuldade para respirar. As lágrimas me imobilizaram e eu tinha certeza que iria morrer.

Sozinha.

Estava pagando pelos pecados da carne com minha própria carne, tudo o que eu queria era... paz.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E TRÊS –

Ganhei um tesouro

Maksim

Vinte e cinco dias! Eu estava contando e algo com certeza não estava certo. Onde Afrodite estava que não retornou?

Naomi!

A mulher que entregou seu verdadeiro nome não acataria o que eu disse sem lutar.

Mas não, ela não voltou e tive certeza de averiguar isso nos sistemas. De madrugada, há cinco dias atrás, consegui acesso a um computador perto do refeitório. Assim que todos dormiram e ninguém parecia transitar pelos corredores, eu explorei novamente meus arredores e encontrei um computador.

Era insano o quanto de informação consegui em um terminal sem senha. Elas eram burras ou confiantes demais, não me preocupei em

descobrir o certo, uma vez que Anton estava na minha mente e depois, Afrodite.

Encontrei um catálogo de imagens e números, todos eles dos homens que me acompanhavam nesse inferno. Alguns não conhecia, outros sim, era incômodo o quanto éramos tratados como mercadorias.

Passei muito tempo pesquisando as imagens e por medo de alguém aparecer, tentei encontrar informações sobre os clientes e achei Naomi. Seu cadastro continha informações sobre os dias de sua visita, o tempo que ficou e quem ela tomou como parceiro. Um círculo vermelho foi destacado no último registro, informando quando nos vimos, quando pedi para sair do radar.

Sem ser visto, fechei tudo o que mexi no computador e orei para que não tivesse histórico. Computação não era o meu forte, mas o básico eu sabia e precisava sobreviver mais um dia.

Apesar de continuar obediente e submisso, dentro de mim começou a crescer uma casca fria e calculista. Antes eu relutava para ser objeto das mulheres, hoje, eu o fazia para me manter vivo.

Nada mais me abalava, a não ser perder mais uma pessoa que eu considerava importante.

Poderia ser carência, mas Afrodite se tornou muito mais do que uma cliente. Eu estava conectado com ela, só esperava que a recíproca fosse verdadeira.

Em mais um leilão, onde os homens estavam apenas de calça jeans, sem camisas e descalços, brilhando para todas as devoradoras que nos escolhia, busquei em vão o olhar da mulher que desapareceu da minha vida. Eu a mandei embora, mas nossa última conversa não tinha ficado acordado isso.

A pervertida de hoje era loira, muitas curvas, peitos e coxas em abundância, com certeza se cansaria no primeiro round que eu a levasse ao êxtase. Sem vergonha, ela estava apenas de lingerie transparente e me permitia enxergar toda a sua parte íntima bem depilada, além dos seios bem rosados e duros.

Engraçado como ela não parecia nem um pouco feliz em me ter, mas não me importava, contanto que dormisse e eu pudesse aproveitar

alguns minutos sem a pressão de ter uma ereção ou estar enterrado em um buraco que me excitava tanto quanto um formigueiro.

Meu pau duro não era resultado de prazer, mas da química que me era injetado quase todos os dias.

Entramos em um dos quartos alugados por hora, eram pequenos e nem cama tinha, apenas um tapete felpudo no chão e almofadas.

Assim que olhei todos os cantos do cômodo, percebi que a mulher seguiu para um estranho coberto por um capuz, pegou dinheiro de sua mão e se trancou no banheiro.

Do que se tratava isso?

Seguindo o protocolo, removi minha calça, acariciei minha ereção enquanto afastava o jeans aos meus pés. Esperei o convidado se apresentar e me mantive alerta. Homem ou mulher, nesse mundo, eu estava apenas para servir. Mais um dia para seguir, mais uma oportunidade para encontrar Anton e fugir.

Éramos meros peões num tabuleiro

esdrúxulo da vida.

— Você estava certo — a voz baixa e rouca me fez parar os movimentos lascivos e me aproximar. Deveria me controlar, mas saber que era Afrodite que estava ali despertou meu lado impulsivo.

Com ela não havia controle, o emocional estava sempre no comando. Depois de tanta abstinência dessa mulher, eu estava apenas para ela.

— Afrodite... — sussurrei assim que encontrei seus olhos e seu rosto bem maquiado. Ela não costumava vir com pinturas fortes, mas desta vez estava bem diferente. Isso me fez concluir: — Está disfarçada?

— Não temos muito tempo e não podemos falar mais alto que isso — manteve o tom baixo e desta vez, urgente. — Me dê o máximo de informação sobre esse lugar e você. Sei que você está contra a sua vontade. Eu vou te tirar daqui...

Isso foi o necessário para que eu a tomasse em meus braços sem cuidado e dominasse sua boca. Estava ávida, necessitada do meu sabor tanto quanto eu estava dela. Gemi com desejo, nenhum

pingo de controle estava comigo, não depois de saber que ela voltou para mim, por minha causa.

Peguei em sua bunda, ergui seu corpo e a empurrei para a parede, fazendo com que ela gemesse de dor. Esse era o nosso jeito, bruto e intenso, como sentia falta!

— Por favor, pare... — seu gemido foi diferente, sua súplica me alertou e fez com que a colocasse no chão imediatamente. Olhei-a dos pés a cabeça e tentei entender o que estava acontecendo.

— Eu te machuquei?

— Não, mas alguém daqui fez e estou... — Ela limpou uma lágrima que escorreu de seu olho, respirou fundo e levantou a cabeça. — Diga tudo, eu colocarei essa merda no fundo do poço.

— Quem te machucou? — insisti, porque a ameaça de Taylor voou para minha mente. Será que ela teria coragem?

— Não me importa. Ela mexeu com a pessoa errada.

— Era mulher? — Passei minha mão no seu rosto e comecei a perceber alguns hematomas

escondidos pela maquiagem. Queria ver todo o seu corpo, mas ela estava com pressa.

— Era um puto e uma vadia, os dois queimarão no inferno junto com essa espelunca. — O ódio era muito intenso em suas palavras. — Diga logo o que preciso.

— Vim da Ucrânia com meu amigo Anton. Sem família, sem vínculos, imigrantes ilegais e agora...

— Tráfico de pessoas, exploração sexual... — Ela fechou os olhos por um momento e depois olhou para a porta do banheiro. — Isso era tudo o que precisava saber, tenho contatos, eles nem irão saber o que os derrubaram...

— Você está sob o radar? — Desci minha mão para o seu pescoço e então, o seu colo coberto pela capa.

— Sim, entrei com outra credencial e ainda paguei para ter meia hora do seu tempo antes que você tenha que comer a vadia que está no banheiro.

Meu pau, que havia amolecido por um

momento, acordou chorando em gozo. Ela estava com ciúmes, ela também queria ser fodida e não a decepcionaria.

— Você quer que eu te coma...

— Não temos tempo, Maximus. Eu estou toda fodida e preciso ir embora antes que alguém me veja. Não sei se ela manterá a boca fechada...

Segurei seu queixo com minha mão com o toque mais suave que consegui.

— Eu manterei a boca dela fechada, não se preocupe. Você precisará de artilharia pesada para destruir isso aqui.

— Não preciso sujar minhas mãos quando tenho a lei ao meu favor. — Excitado, busquei alguma forma de invadir o sobretudo que ela usava. — Por favor... — ela suplicou.

— Venha por cima, eu não te farei mal, preciso de você...

— Não! — Ela me impediu de deitar. — Eu gosto de você bruto, me toma com força, eu vou aguentar! — Envolveu seus braços no meu pescoço. Ela também estava excitada, uma bomba

em explosão. — Me fode!

— Eu não sei aonde você está machucada...

— A pior dor é quando estou molhada e não posso ter seu pau dentro de mim. Já tenho informações suficientes, a dor no meu corpo será um tempero mais saboroso para o meu prazer.

Ela estava viciada na adrenalina que a dor causava junto com os estilos do prazer. Não a contestei mais, só precisava aplacar sua dor com prazer, o melhor deles.

Ergui seu sobretudo e encontrei seu quadril nu. Mesmo não demonstrando, ela veio pensando em me ter dentro dela. Com as mãos em suas nádegas, ergui seu corpo, apoiei-a na parede e comecei a meter. O desejo era tanto que o vai e vem não foi comedido, mas acelerado e bruto.

— Como eu senti falta... — ela gemeu e sabia que estava causando dor para além do que aguentava. Meu pau não se importou, porque continuou a entrar e sair do seu buraco encharcado sem nenhum escrúpulo.

— Maksim — pressionei meu corpo no dela e mordi seu pescoço. O movimento do vai e vem a fazia subir e descer na parede. — Procure por Anton Budny e Maksim Dahno.

Seus olhos se conectaram ao meu e apenas semicerarram quando ela gozou, rebolando e encontrando o melhor atrito para seu clitóris. Segundos depois fui eu e só então percebi que não usei nenhum tipo de proteção para estar com ela.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E QUATRO –

Ressurgindo das cinzas

Naomi

Pisando em meu orgulho, pedi ajuda a Liam, meu colega de serviço especialista em lidar com a polícia, os federais e o serviço especial. Não era meu feitio lidar com um problema pessoal pedindo ajuda de quem me rodeia, mas era uma emergência.

Infelizmente não começou por aí. Para que eu me recuperasse dos meus ferimentos, tive que chamar minha mãe para cuidar de minhas feridas. O quente que senti nas costelas eram ferro em brasa, além de todo o meu corpo estar com marcas das chibatas.

Por mais que ela quisesse perguntar algo, ela não fez. Ela sabia que só falaria se estivesse pronta para tocar no assunto. Na primeira oportunidade a dispensei, agradeci e prometi que

assim que estivesse recuperada física e emocionalmente, a procuraria. Por mais que ela tenha passado uma semana comigo, ainda estávamos distantes.

Não pude ir ao hospital para não levantar suspeitas. Consegui receitas médicas de forma clandestina e quando consegui colocar roupa sem andar gemendo de dor pelo atrito que ela causava na minha pele sensível e judiada, voltei para o meu serviço e bolei um plano para acabar com o local que me deu tantos prazeres. Precisava de outra identidade lá dentro, além de acessar novamente aquele programa exclusivo deles. Tinha uma leve intuição que o segundo homem que eu memorizei a numeração era o amigo de Maximus.

Maksim Dahno.

Ele realmente tinha tudo de Maximus e conseguia ter o meu prazer máximo. Não sentia amor ou atração, me torturar só me fez aumentar minha vontade de colocar as pessoas em seus devidos lugares e resgatar Maksim e qualquer outra pessoa na mesma situação seria apenas o efeito colateral.

Sem omitir meu envolvimento na Cidade do Pecado, conversei com Liam e expliquei todos os detalhes que ele precisava saber para acionar seus contatos. Não precisou mais do que duas horas para ter um retorno positivo sobre a operação. Eu seria interrogada, daria todos os detalhes e teria meu processo atenuado, uma vez que estava envolvida com uma casa de prostituição.

No meio jurídico, eu tinha os contatos suficiente para transformar minha pena de reclusão à uma multa em dólares. Já a Cidade do Pecado tinha o teto de vidro e teria muito mais a se explicar do que apenas prostituição.

Minha reputação e meu orgulho tiveram que ser manchados, tudo isso em prol de acabar com meu inimigo. Acharam que estavam lidando apenas com uma pervertida. Mostrarei meu nível de perversão quando colocar minhas próprias mãos em quem marcou meu corpo em ferro.

Conversei com muita gente e percebi que já existia uma ação em andamento para encontrar essas pessoas. Não só tráfico de pessoas e prostituição, mas tráfico de drogas e experiências

biológicas. Era muito pior do que imaginava, me fez ter uma preocupação a mais com Maximus e seu amigo.

Repetia na minha cabeça que era apenas preocupação, empatia, não paixão, muito menos amor. Todos traem, todos vão embora... amor é para os fracos.

Mesmo que eu tivesse sido orientada a não me envolver mais na Cidade do Pecado, que toda a ação seria feita pelos federais quando fosse o momento certo, já que agora eles sabiam o local, acionei meu detetive particular, encontrei uma participante e armei minha entrada sob o radar.

Como o servo que ele é pago para ser, ele iria me comer sem saber quem era. Estava puta da vida, não queria receber seu toque, só queria ter mais uma informação antes de deixar tudo acontecer. Na verdade, eu queria saber quem foi a mulher que me torturou e devolver na mesma moeda.

Em todos os sentidos.

Se ela era depravada, minha mente conhecia a de muitos criminosos, desde colarinho

branco aos que sujam as mãos.

Tive mais do que imaginei, Maximus me deu seu nome e sua pele. Couro com couro, ele me fodeu sem proteção. Antes que eu pudesse apreciar nosso momento de intimidade além do que experimentamos, a mulher a quem paguei saiu do banheiro e me encarou.

— Terminou seu tempo. A não ser que você queira comer minha boceta também, vá embora. — Ela olhou para Maximus, que continua ereto, desgraçado. — Vou te chupar todinho...

— Então começa beijando o chão, porque eu vou foder todos os seus buracos. — Maximus me ignorou e eu deixei os dois em seu momento de prazer.

Raiva, ciúmes e repulsa foram apenas alguns dos sentimentos que queriam ganhar vida quando fechei a porta e deixei os dois. O filho da puta iria calar a boca dela com seu próprio pau, mesmo depois que acabamos de foder sem proteção.

Quando saí da Cidade do Pecado, segui direto para uma farmácia, guiada pelo taxista que

confiava. A única coisa em que eu pensava era que eu poderia ter um filho indesejado ou uma DST. Ele era um prostituto, não poderia confiar meu coração a ele, muito menos meu corpo.

Tomei a pílula do dia seguinte e acionei meu detetive para conseguir o coquetel do estupro. Dessa experiência depravada, a única sequela seria meu juízo alterado, nada mais. Perdi muito de mim até hoje, ninguém mais levaria outra parte.

Era quase de manhã quando tomei o coquetel e fiquei em casa, por conta da reação do meu corpo a essas drogas. Ninguém mais me questionava, inclusive, previa meu afastamento em alguns dias.

Era minha vida decaindo? Não, apenas uma fase, algo para me fazer acordar todos os dias, recuperar meu emprego e me vingar de quem me torturou. Ninguém mais me prejudicaria e sairia impune da minha vida.

Já era quase noite do outro dia quando o interfone do meu apartamento toca. Vestida num robe grosso, saio da minha cama, onde fiquei o dia inteiro e retiro o receptor do seu lugar.

— Sim? — atendo de forma sonolenta.

— *O senhor John está solicitando a entrada.*

— Que... — Então acordo e percebo que é meu colega de serviço e foda. — O que ele está fazendo aqui?

— *É...* — O porteiro ficou sem graça e para evitar mais constrangimento, o interrompi.

— Deixe que entre.

Encerrei a ligação e fui para a geladeira pegar um pouco de água. Consegui esconder meus machucados com muita maquiagem, agora, ele veria o roxo que estava quase sumindo na minha bochecha. Estava cansada demais para correr e tampar.

A campainha tocou, segui sem vontade nenhuma para abrir a porta e fui recepcionada por um homem preocupado e comida. Não precisei dizer que estava com fome ou cumprimentar, porque minha barriga fez por mim.

— Naomi, o que...

— Entre, John, estou com fome. — Passei

para o lado, para que ele entrasse e então, eu pudesse fechar a porta.

— O que é isso na sua bochecha? — perguntou quando colocou dois sacos de comida em cima da minha mesa de jantar.

— Um roxo. Por que veio? — Do outro lado da mesa, parei e o encarei.

— Conversei com Liam hoje e o obriguei a contar tudo o que estava acontecendo com você. — Ele retirou a comida chinesa do saco e não demonstrou nenhuma emoção. — Você poderia ter falado comigo.

— Não somos nada, John. Não alimente falsas esperanças sobre mim. — Entrei na cozinha, peguei talheres e pratos. — Eu não sou uma obra de caridade.

— Não, você é uma puta egoísta que não se importa com ninguém além de você mesma — respondeu com rispidez quando voltei para a mesa.

— Vai se foder, não sou obrigada a escutar desaforo na minha casa. O que sou e como sou, problema é meu! — Joguei os utensílios na mesa

com descuido. — Queria me ver, já fez. Tchau.

Ele riu, mas não havia humor, apenas indignação.

— Você mentiu sobre sua real situação, seus hematomas, tenho certeza que seu corpo tem muito mais. — Ele se aproximou de mim e eu dei passos para trás. — Eu quero a verdade, nua e crua.

Merda! Poderia me esconder ou finalmente ligar o foda-se e me abrir, afinal, esse era John, o cara era apaixonado por mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E CINCO –

Revelações

Naomi

Ele parou de se aproximar de mim, seu olhar era de predador. Não sou vítima e ele não iria me ver chorar ou me intimidar. Abri meu robe e me despi da camisola. Estava sem calcinha, roupa íntima ainda incomodava meus machucados laterais.

O olhar de poder mudou para assombrado. As marcas de tortura ficariam para sempre estampadas na minha pele. Qualquer momento melhoraria e eu pensaria depois de acabar com aquela que a causou.

— Isso parece...

— Tortura. Esse tipo de dor não causa prazer, pelo menos não em quem está sofrendo.

— Por que não disse para a polícia? Você só relatou que frequenta aquele lugar e se envolveu

com alguém que denunciou o tráfico de pessoas. — Ele tentou se aproximar, mas eu o parei com uma mão na minha frente. — Eu só quero te ajudar...

— Me ajude. — Agachei e peguei minha camisola. — Encontre a pessoa que fez isso comigo antes dos federais. Ela precisa pagar.

Enquanto terminava de me vestir, ele me olhava como se não me conhecesse.

— Quem é você Naomi?

— Quem é você John? Alguém que não conhece preliminar ou onde fica um clitóris? Ou um advogado tranquilo que resolve os problemas das famílias desajustadas?

Com um olhar magoado, sentei na minha mesa e comecei a me servir. Não pedi sua visita, estava sendo uma puta, porque estava cansada de julgamentos. Fui ferida, precisava ferir também.

Achei que ele iria embora. Contra tudo o que imaginei, ele sentou na cadeira à minha frente, pegou um prato e começou a se servir.

— Você precisa derrubar o muro de aço que criou. Eu sou compreensivo, mas nenhum outro

aceitará esse tipo de atitude.

— Por que veio? — Comecei a comer e o olhei com desdém. — Por que não foi embora? Estou sendo a pior das anfitriãs e você ainda está aqui.

— Eu amo você, Naomi.

O mundo parou apenas para eu observar esse homem jogar ao vendo uma palavra tão importante. Ele estava impassível, continuou comendo, como se falasse do clima.

— Você não sabe o significado do amor.

— Pelo contrário, eu sei e sinto, diferente de você. Amor é aceitar, lutar e não desistir.

— Se me ama, encontre a mulher que fez isso comigo.

— Não, eu farei você esquecer essa mulher, aquele homem e o local que você acredita que é fonte do seu prazer. — Ele levantou da mesa, contornou colocando um dedo dentro do frango xadrez e colocando na boca. — Vou te mostrar que sei muito bem onde está um clitóris.

Ajoelhado a minha frente, ele puxou

minhas pernas e as abriu para devorar meu sexo nu.

— Pare... — gemi, mais por me sentir suja do que querer perder a oportunidade de ter um pouco de prazer.

Enquanto sua língua se movimentava por todos os cantos, não focado aonde deveria, lembrei da última vez que estive com Maximus, o quanto ele me tomou, como sou livre com ele e... ele pegava outras.

Coloquei a mão nos cabelos de John e o guiei para me dar prazer. Lembrando e imaginando o quanto Maximus fodia outras, era meu dever foder outros também.

— Mais forte! — Caralho, esse homem precisava ser mais bruto ou não conseguiria encontrar o clímax.

Sua língua trabalhou, mas ainda fazia cócegas e não me dava prazer.

— Esfrega sua barba! — rosnei, numa última tentativa de encontrar prazer, mas o enxotei para longe, jogando-o sentado no chão.

Levantei da mesa, ainda estava com fome,

porém, não me importei, estava me sentindo um lixo, coisa que não deveria. Aquele homem tinha me estragado para todos os outros, precisava de Maximus... precisava de Maksim.

Fui deitar na minha cama e senti o homem que dizia me amar se aproximar. Cobri meu corpo e deixei apenas minha cabeça, não queria mais contato físico, não com ele.

Idiota, idiota, idiota...

— Você não me quer... — murmurou ao se sentar ao meu lado na cama. Dei as costas a ele e inspirei profundamente.

Será que eu deveria responder? Não... ele já tinha recebido muito de mim, a pior parte...

— Amar também é aceitar a derrota, Naomi. Te amo o suficiente para me afastar.

— Você está melhor sem mim, John. Vá para casa, encontre uma dona de casa para se casar e me esqueça.

— Não. — Ele passou a mão no meu quadril coberto e endureci o corpo. Ele percebeu, suspirou e se levantou, se afastando de mim e me

deixando mais relaxada. — Vou encontrar quem você quer. Só espero que esse homem valha a pena.

— Estou fazendo por mim. — Virei meu rosto para encará-lo da porta. — Quem sofreu fui eu.

— Você está enganada...

— Fui para a Cidade do Pecado em busca de ser livre. — Sentei na cama e trouxe a coberta comigo. — Ninguém precisa aprovar minhas preferências, só não precisam me matar enquanto escolho um homem para me ter.

Ele olhou para o teto do meu quarto e sorriu triste.

— Você está tão cega de desejo que não percebeu a pista óbvia nisso tudo. Eu nem preciso ir à Cidade do Pecado para saber quem te torturou.

Dessa vez não me importei de ser cobiçada ou que visse minhas cicatrizes. Levantei da cama e enfrentei um John com o maior sorriso do mundo.

— Quem é? O que não estou vendo?

— Me beije — sussurrou.

— O quê? Será que aquele oral na mesa

não foi o suficiente para dizer que você não me dá prazer.

— Você joga por regras depravadas, então, farei o mesmo. Quero a minha despedida. — Ele alisou meu rosto e afastei de seu toque. Seu sorriso morreu, mas seu olhar continuava ameaçador. — Você quer saber ou não quem te torturou?

— Você está blefando e que me foder por uma pista sem fundamento. Vai se foder, John! — Tive vontade de socar a cara dele, mas dei as costas e segui para minha cama.

— Seu homem tem uma amante fixa, Naomi. — Parei, porque agora ele tinha minha atenção. — Você disse que escolheu UM homem para te ter, você foi torturada por uma mulher... Deduza sozinha o óbvio.

Então, todas as palavras da mulher vieram a minha mente. Quebrar as regras, não se envolver... Maximus tinha uma amante e foi ela quem me torturou, por vingança.

Era tão óbvio.

Quando virei meu corpo com a intenção de

agradecer John, ele já tinha ido. Mesmo sendo o babaca que era, ele me deu algo precioso mesmo eu não fazendo a minha parte. O desgraçado tinha conseguido o que queria, eu ia dar o beijo a ele, a despedida.

Corri para a sala, a porta estava sendo fechada.

— Espere John!

Ele não parou e de camisola, corri até o corredor do meu apartamento para encontrá-lo. Assim que ele apertou o botão do elevador, pulei em seus braços e o beijei.

Abracei seu pescoço enquanto ele devorava minha boca com vontade, bruto, parecendo que queria me punir. Retribuí com a mesma intensidade, porque era dessa forma que eu gostava, era assim que sentia meu núcleo tremer e encharcar.

Uma pena ele não ser Maximus.

O elevador chegou e essa foi a justificativa dele para me afastar e me olhar com tristeza.

— Você não serve para mim.

Essas foram as últimas palavras dele antes de entrar no elevador e sair da minha vida.

— Você não serve para mim. Eu não sirvo para ninguém... — respondi para a porta do elevador e voltei para o meu apartamento.

Iria me armar, me curar e então, atacar. A amante de Maximus não saberia nem como, nem por onde eu chegaria.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E SEIS -

Resolução

Maksim

Minha vida se resumiu a sobreviver e contar.

Dez dias se passaram desde meu encontro com Naomi. Tudo passava pela minha mente, desde ela sendo morta ou ficando mais machucada do que estava. Não a vi ir embora, só pensei em foder a loira até que ela esquecesse seu nome ou que viu Afrodite por aqui.

Será que fiz errado? Esse lugar tirou toda a sensibilidade que uma vez eu tive com alguém que gosto. Foquei tanto em sobreviver mais um dia que esqueci que poderia ter outro mais.

Precisava de mais dias.

Taylor não demonstrou nenhuma alteração de comportamento. Todos os dias ela vinha em meu quarto para me punir. Eu tentava maltratá-la, mas

era impossível fazer aquela mulher sofrer. Ela amava ser fodida de forma agressiva.

Qualquer coisa que falasse sem a devida autorização, ela iria me punir com a droga que realmente me tirava do controle, por isso, eu metia.

Com força, sem tesão nenhum.

— Forte, mais forte! — gritou com a cara afundada na minha cama. Com a bunda para o alto, espanquei suas nádegas enquanto metia na sua bunda. Ultimamente tenho me dedicado apenas a esse buraco, numa tentativa frustrada de não me querer mais.

Sua mão ameaçou ir para sua boceta, bati em seu peito e então, inclinei meu corpo, encontrei seu clitóris e apertei.

Ela gemeu e gozou, diferente de mim, que continuei metendo e envolvi meu braço em seu pescoço.

— Oh... — gemeu, ainda excitada com a submissão.

Seria tão fácil estrangulá-la. Simples acabar com sua vida, bastava apenas uma força a

mais...

— Já chega! — comandou e a soltei na cama sem nenhum cuidado.

Puta desgraçada, conseguiu transformar o sexo em algo nada mais do que um instrumento de manipulação.

Segui para o banheiro e pela primeira vez, ela me seguiu. Ignorei seu olhar avaliativo e comecei a tomar banho.

— Você está diferente.

Não respondi. Deixei a água escorrer pelo meu corpo e comecei a me ensaboar. Estou diferente há muito tempo, não de ontem para hoje.

— Hoje te aloquei na pista de dança junto comigo. Quero brincar um pouco. — Senti que ela entrou debaixo do chuveiro comigo, abraçou meu corpo por trás e começou a me tocar.

Continuei ignorando o ranço que me invadia, focado apenas em tomar banho.

— É uma merda ter que te manter na linha, preferia no início, quando você questionava, quando precisava te domar... — Ela mordeu meu

ombro e me empurrou na parede. — Te ver quebrar era muito mais gostoso.

Sua mão soltou meu membro e seguiu para a minha bunda. Diferente da maioria dos meus colegas, eu tinha que conseguir manter esse lugar devidamente intocado. Estava demorando para ela me provocar.

Quando seu dedo encontrou meu buraco, me corpo tencionou por extinto. Merda! Ela parou seu avanço e forcei a continuar me ensaboando e esquecendo que poderia ter uma experiência que não me agradava.

— Você gosta tanto da minha bunda que estou achando que você tem um tesão pelo buraco. Também quero experimentar.

Em um ato arriscado, viro meu corpo, troco de lugar com ela e a ergo com meus braços. Meus olhos focaram nos dela e por ter recentemente tomado sua bunda, a entrada estava fácil para ser invadida.

— Ah!

Dessa vez, o grito foi de dor. Abracei seu

corpo e a puni, finalmente sentindo alguma satisfação em prejudicar alguém, uma mulher, da pior forma possível.

Minha cabeça estava sendo fodida por esse mundo, só esperava que quando saísse daqui, tudo o que passei fosse removido do meu ser. Não quero ser assim na vida real.

Não demorou muito para ela aproveitar o passei e sozinha, estimular seu clitóris e gozar no meu colo. Nossos olhares nunca se desconectaram e minha vontade era de acabar com sua vida da mesma fora que ela acabou com a minha.

— Você é meu escravo. — Coloquei ela de pé e recebi um tapa na cara. — Eu não mandei você me foder, VOCÊ É MEU ESCRAVO!

Filha da puta, minha mão coçou para revidar. Com a mão fechada com força, respondi com raiva.

— Você gozou!

— Eu sou sua dona e você só faz o que eu mandar! — Ela me empurrou e saiu debaixo do chuveiro. — Hoje estarei com você dentro da

Cidade do Pecado e mostrarei todo o meu poder sobre você! Ordeno que se masturbe até gozar. AGORA!

Ela nunca conseguiria uma gota de gozo comigo. Ela me ensinou a manter meu pau ereto por horas, agora queria me desestabilizar.

— Não consigo gozar — resmunguei encarando o chão. Ela quer o escravo, teria seu submisso.

Pela minha visão periférica eu vi seu sorriso satisfeito. Não por muito tempo, Naomi iria me achar, ela tinha que me salvar!

Desespero? Com certeza, nunca na minha vida dependeria de uma mulher para tomar certas ações, como, me manter vivo.

— Então treine muito agora, porque você irá gozar na minha cara para todo o público ver. — Ela apontou para mim. — Você é meu, apenas meu Maksim.

Ela sabia meu nome. Ela me deixou sozinho no banheiro completamente sem direção, porque isso queria dizer que ela sabia sobre mim,

então, sabia sobre Anton. Ela não nos pegou aleatoriamente, estava muito ciente de quem éramos.

Raiva e desespero me dominaram. Assim que a porta do meu quarto foi fechada, agachei debaixo da água e rosnei. A verdade era que eu precisava gritar, só que minha vida não era minha.

Precisava esmurrar alguma coisa, ver sangue, fazer alguém sofrer... eu precisava de sangue e estava mais do que alucinado para colocar tudo a perder.

Eu morreria no processo, Anton que me perdoasse, Naomi que encontrasse o melhor caminho e um homem melhor, mas iria destruir por mim mesmo esse lugar, começando por Taylor.

Levantei motivado. O sangue que corria nas minhas veias estava quente e pulsava em busca de luta. Respirei fundo várias vezes para aplacar meu coração. Taylor escolheu o dia errado para se exibir comigo nas gaiolas de danças da Cidade do Pecado.

Com meu uniforme padrão, calça e camiseta preta, segui para o corredor dos

preparativos. Já existiam homens sendo besuntados em óleo, alguns nus, outros vestindo quase nada.

— Você é todo da chefa, garanhão! — A guarda da porta apontou para um local onde Taylor estava colocando um maiô cheio de enfeites.

Voltando a respirar fundo, porque a ansiedade de querer colocar fim a ela queria sobressair, parei ao seu lado e deixei que me tocasse, tirasse minha roupa e me exibisse.

— Eu quero chupar... — Uma das guardas apareceu e me olhou com cobiça quando fiquei nu. Duro como rocha, meu pau não se importava com quem, como ou quando, ele tinha vida própria e aliviava um pouco saber que isso estava com as horas contadas.

— Se é leite que você espera, esse é bem treinado e só goza comigo — Taylor contou vantagem com uma mentira. Mordi a língua para não rir alto e humilhá-la. Ela nunca seria bonita, mesmo que tivesse todos os padrões de beleza atuais. Uma alma podre não consegue manter uma aparência atraente.

— Merda, você é das boas. Por isso

conseguiu o passe para lá? — A outra mulher questionou minha senhora, que apenas deu de ombros.

Mentindo mais uma vez? Hum...

Óleo em todo o meu corpo, brilhos e vestidos para o pecado, seguimos pelo corredor macabro e seguimos para o salão de dança.

— Esse será um dia memorável... — Taylor disse antes de ter sua voz abafada pela música.

Sim, sua vadia, esse dia será a sua morte!

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E SETE –

Finalmente uma certeza

Maksim

Novamente conferi de forma disfarçada todos no lugar. Dentro de uma gaiola, Taylor foi obrigada a me dividir com outras dançarinas, que se exibiam com muito menos roupa do que ela.

Tentei não brigar com minha sorte, mas busquei todas as oportunidades para não ter contato com ela, porém, mantendo meu olhar em cada movimento. A gaiola estava em um local interessante para o que tinha em mente, porque havia um local mais escuro e seria ali que eu faria o que tinha que fazer.

E depois? Só iria correr, para a direção oposta por onde vim do meu cativeiro.

Meus olhos buscavam mais do que o controle sobre Taylor, eles também ansiavam por Afrodite. A minha deusa da luxuria seria também a

entidade que poderia me salvar.

Se eu conseguisse sair, ela me receberia em sua casa?

Não... eu tinha muito mais a fazer depois que matar Taylor. Precisava encontrar Anton. Depois, meu objetivo seria o ladrão de sonhos, aquele que pagamos e nos jogaram nesse inferno. Estava definido, só teria paz quando as pessoas que roubaram minha vida e a do meu amigo fossem exterminadas.

Pouco a pouco o salão ia se enchendo. Pessoas observavam, outras utilizavam a visão do sexo explícito para se masturbarem e haviam outras que grudavam na gaiola em busca de um mísero contato de luxúria sem pagar. Havia sempre uma mulher uniformizada para fazer a transação. Se você queria alguém da gaiola, você precisava pagar.

Enquanto eu tocava o clitóris de uma das mulheres que estavam com a gente, ela colada com as costas nas grades, alguns homens tocando sua bunda e costas, Taylor me abraçava por trás.

— Vamos começar o show?

Abri a boca para responder que o espetáculo só iria começar quando eu quebrasse seu pescoço, mas um olhar guerreiro encontrou o me e eu parei tudo o que estava fazendo. Vestida como uma verdadeira deusa da guerra, Afrodite me encarava de longe, seu olhar sobre mim uma luta de amor e ódio.

Não sei se foi tempo de mais ou de menos, parecia que conversávamos sem palavras, um acordo finalmente firmado, hoje era o dia. Ela veio para me resgatar e eu estava pronto para matar.

Larguei a mulher dopada na minha frente e abracei Taylor. Forcei-a andar para trás, colar suas costas na grade, na parte mais escura e a beijei. Ela não gostava, por isso precisei surpreendê-la até que Afrodite chegasse.

Que nossa conexão não fosse uma ilusão! Clamei na minha mente.

Senti um forte aperto no meu braço. O beijo estava mecânico, Taylor estava completamente entorpecida pela minha ação. Coloquei a mão no seu pescoço e me afastei de seu corpo. Taylor arregalou os olhos e tentou falar, sem

sucesso.

— Você tem uma amante e quero que me leve até ela — Afrodite gritou no meu ouvido. Taylor arregalou os olhos, como em um reconhecimento e virei meu rosto para a mulher que tinha conseguido algo de mim no meio do inferno.

Duelamos com o olhar. Eu não tinha amante, a não ser...

Voltei minha atenção para o carrasco subjugado pela minha mão e apertei seu pescoço. Era óbvio, a mulher que me tem todo dia, que acha que é minha dona não gostou de Afrodite me ter sempre e a espancou.

— Qual o problema? — A funcionária veio conferir o que estava acontecendo e para disfarçar, beijei Taylor novamente.

— Eu quero entrar na gaiola — Naomi ordenou. — Eu curto masoquismo.

— Tem que pagar! O preço é mais alto do que...

— Não é problema, minha conta de

associado é essa.

Senti meu lábio ser mordido, me afastei e estapeei a cara dela. Uau, isso me fez querer mais.

— Seu filho da puta, por que você está... — Ela tentou gritar e percebi que Afrodite não estava mais por perto.

— Pensando? — gritei e juntei suas mãos, que estavam querendo rasgar minha pele com sua unha. — Agora eu irei te foder como eu sempre quis.

Percebi alguém se aproximar, era ela.

— Largue essa daí, eu terei minha vingança com a puta da sua amante.

— Ela! — Indiquei Taylor com o queixo. — Já que você veio de Atena, faça por merecer, porque quem vai se vingar aqui sou eu!

Apertei minhas mãos e os gritos abafados pela música acalmaram o monstro que parecia querer sair para devorar todos. Ninguém se importava, o escuro me encobria e as bizarrices que aqui se apresentavam era comum o que fazíamos.

— Não, você não fará isso sozinho!

— Você deveria ter morrido! — Taylor falou e cuspiu na cara de Afrodite. Ela tentou pular em cima do meu carrasco em forma de mulher, mas impedi com meu braço.

— Me espere fora da gaiola.

— Não, você vai arrastar essa vagabunda para o meu quarto e eu terei a minha vingança.

Algo na minha mente brilhou. Olhei para todos os lados, vários níveis de sexo, agressão e luxúria. Percebi que ninguém conhecia Taylor, aqui ela era apenas uma mulher prostituta igual as outras dopadas que estavam conosco.

Conhecia o caminho para o quarto de Afrodite, por isso, peguei Taylor no meu colo e tentei controlá-la. Equipada, Afrodite pegou uma corda e começou amarrar as mãos, depois as pernas e no final, colocou uma mordaça com uma bola no meio.

— Vamos! — gritou Naomi.

Ela saiu na frente, conversou com a funcionária e seguimos pelos associados mais ocupados em ter prazer do que reparar na mulher

presa contra a vontade no meu colo. O aperto firme no corpo dela só não impedia o grito que tentava sair de sua garganta.

Chegamos sem levantar suspeitas até o quarto de Naomi. Joguei Taylor com desprezo na cama.

Era mesmo o fim?

Olhei para os lados, meu olhar encontrou o de Afrodite e não pensei duas vezes em encontrá-la e tomar seus lábios. Receptiva, ela me recebeu e devorou meus lábios com ansiedade.

Os gritos do carrasco preso não nos impediram de ter o que sentíamos falta.

— Céus, você não é só um robô! — Ela segurou meu rosto com as mãos e buscou algo no meu rosto. — Eu não deveria estar aqui, mas eu precisava acabar com sua amante, a mulher que acha que tem algum poder sobre você.

— Vou quebrar cada osso dessa puta! — Olhei para o lado, soltei Afrodite e me aproximei da cama. — Você é uma mulher morta. — Segurei seu rosto e cuspi no seu olho.

— Ela provará tudo o que me fez, Maximus.

Afrodite vestida de Atena se aproximou e tirou de um bolso escondido em sua saia pequena um pedaço de metal com cabo de plástico. Também tirou um isqueiro e começou a esquentar.

Vi Taylor se agitar como uma minhoca. Com braços e pernas presa, ela se remexia e tentava se livrar das cordas. Era impossível, uma vez que o nó dado foi feito por alguém que tinha sangue nos olhos. Dei um passo para trás e observei Naomi encostar o objeto de metal no braço do monstro que me perturbava todos os dias. Ela não parecia tão assustadora, agora que sofria uma porcentagem do que sofri.

— Sua vadia maldita, está gostando do calor na sua pele? — Afrodite voltou a esquentar o objeto enquanto Taylor gritava. — Vamos ver como sua pele fica junto com esse collant de puta barata?

E ela fez, várias vezes, por todo o corpo da mulher. As lágrimas da mulher que me trouxe o inferno deveria me causar algum sentimento de

piedade, mas o único que senti foi... prazer.

Meu pau estava duro observando Naomi tomando o controle e destruindo meu maior pesadelo. Sei o quanto minha mulher deve ter sentido e isso me deixava mais rígido, porque ela era uma sobrevivente, como eu.

— O que mais ela fez? — perguntei, imaginando o corpo de Afrodite marcado. Iria venerar cada marca feita por essa vadia.

— Chicote.

Removeu um pequeno chicote do bolso e começou a bater. Taylor gritava e Naomi também fazia, desabafando, encontrando a sua vingança. Por um minuto meu olhar encontrou da mulher subjugada e judiada na cama. Depravado, completamente bêbado pela adrenalina de conseguir matar Taylor, eu sorri.

— Você vai morrer — proferi baixo. — O que mais, Afrodite? Minha mão coça para estrangular essa mulher.

Com o corpo vermelho e sangrando por causa do que Naomi fez, ela chorava abafado pela

bola na boca.

Olhei para Afrodite, ela se afastou da cama e começou a remover suas roupas. Seu olhar encontrou o meu e ela sorriu, alucinada e também na mesma neblina louca que eu estava.

— Ela foi fodida enquanto me torturava.

Sorri com malícia, removendo minha sunga e encarando Taylor com satisfação.

— Você gosta de tomar meu gozo? — Sem tirar os olhos dela, peguei no cabelo de Afrodite e beijei seu pescoço. Ela gemeu e meu pau pulsou. — Conta para Taylor quantas vezes eu gozei na sua boca.

— Várias vezes... — gemeu.

Taylor se mexia alucinada! Ela estava indignada porque eu me entreguei para uma cliente e não a ela.

— Sabia que você é a única com quem eu gozo? — Olhei para Afrodite e abri meu coração. — Você é a única que conseguiu resgatar minha razão enquanto as drogas me queriam levar para o fundo do poço.

— Maximus...

— Eu vou te foder na frente daquela puta que nunca conseguiu uma gota do meu gozo como você conseguiu.

— Faça essa vagabunda ver como é ser bem comida.

Ajoelhada no chão, para que ela visse do melhor ângulo, ela ofereceu seu corpo. Peguei uma camisinha no criado mudo ao lado da cama, encapei meu mastro e meti com apenas um joelho no chão, atrás de Afrodite.

— Você quer gozar gostoso? — perguntei encarando Taylor.

— Goza comigo...

Aos gritos e choros abafados, tomei Afrodite do jeito que ela gostava. Firme, bruto e intenso. Ignorei todas as marcas em seu corpo, se eu saísse vivo da Cidade do Pecado, Afrodite iria conhecer a verdadeira forma de amar o corpo de alguém, se eu ainda soubesse como fazer isso.

Antes que eu percebesse o que estávamos fazendo, Naomi gozou, eu a acompanhei e ela

empunhou uma arma. Nossa união ainda existia quando ela levantou seu tronco e apontou para Taylor.

— Vamos fazer juntos.

Segurei sua mão, melhorei a mira e atiramos na cabeça Taylor.

O pesadelo acabou.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E OITO –

Coincidências da vingança

Naomi

Não tive tempo para pensar quando Maximus levantou e me levou com ele.

— Se vista, vamos embora daqui, Afrodite.

Eu tinha matado uma pessoa e o estranho era que eu me sentia... bem. O que isso dizia de mim?

— Vamos, mulher. Amanhã você pensa no que fizemos, estamos juntos nessa, vamos fugir.

Lembrei do motivo de estar aqui e fiz o que ele me ordenou.

— Haverá uma operação hoje, a polícia vai invadir e prender todo mundo.

— Merda, estamos livres? — Maximus se aproximou com esperança.

— Não, estamos ferrados, todo mundo incluí nós. Eu já estou sendo investigada, apesar da ajuda que dei para eles. Precisamos sair antes da polícia invadir.

Terminei de me vestir e vi meu homem andar de um lado para o outro. Ele pegou a arma e colocou na própria cintura.

— Deixe que eu guarde a arma. Assim está muito evidente, piscando como fogos de artifício.

— Isso! — Ele se aproximou eufórico, beijou minha boca e me puxou. — Vamos acionar o alarme de incêndio ou provocar um. Todos vão sair e seguiremos juntos.

Antes de sairmos do quarto, ele parou e soltou minha mão. Deu um passo para trás e balançou a cabeça em negação.

— Eu tenho que salvar Anton, preciso...

— Deixe seu amigo para os federais, meu contato irá encontrar ele para você. — Peguei sua mão, mas ele se afastou novamente. — Porra, Maksim, acabamos de foder enquanto matávamos uma pessoa. Estamos conectados, você precisa

confiar em mim!

Ele me olhou com fogo nos olhos, pegou minha mão com força e saiu sem hesitar dessa vez.

Pelos corredores de quartos, procuramos por um ponto anti-incêndio. Achamos apenas no final, passos antes das escadas. Sem soltar minha mão, Maximus quebrou o pequeno quadrado de vidro com o cotovelo, abaixou a alavanca e o caos se instaurou quando uma chuva artificial dominou todos os cantos do local e o alarme de incêndio soou.

Corremos, dessa vez eu guiando para a saída. Se isso iria bagunçar a operação dos Federais, pouco me importava. Lutava pela minha vida, minha vingança e a liberdade de um traficado humano.

Várias pessoas impediam nossa passagem, a saída estava entupida de depravados com poucas roupas. Gritos e empurrões foram nossos acompanhantes até sairmos para a noite.

— Livres?

Maximus parou um momento encarando o

céu. Ele estava em choque, não poderia deixá-lo ser dominado por isso, ainda mais quando vi o movimento de pessoas de uniforme preto se aproximando e enquadrando dos associados.

— Merda, Maximus, precisamos sumir! — Puxei ele para o canto que combinei com o taxista, algumas quadras longe. Se ele visse a polícia, com certeza iria me abandonar e tudo iria por água abaixo.

Para minha sorte, tanto meu homem quanto meu transporte estavam colaborando. Coloquei-o dentro do banco traseiro, sentei ao seu lado e gritei:

— Para minha casa, rápido!

Apesar de me olhar assustado, o motorista seguiu e suspirei aliviada. Permiti-me fechar os olhos e deixar que o peso da noite caísse sobre os meus olhos.

— Onde estamos? — Maximus perguntou.

— Isso é um táxi... — respondi ainda com os olhos fechado.

Eu estava ficando louca? O que fiz era

normal?

— Qual cidade? Que país? — Maximus pegou meus braços e chacoalhou. Abri meus olhos de forma arregalada.

— Estamos nos Estados Unidos, Los Angeles... você não sabia?

— Preciso saber do meu amigo Anton. Você vai...

— Calma, Maximus, você está me machucando. — Ele olhou para sua mão no meu braço e me soltou. Afastou de mim e encarou as ruas e luzes.

Ele parecia um bicho no mato, arisco e com medo do que estava para enfrentar. Precisava ter paciência e ele também comigo.

Preferi me manter em silêncio até chegarmos no meu apartamento.

Para não levantar mais suspeitas que o normal, entramos pela garagem e subimos pelas escadas, tudo onde as câmeras de segurança não conseguissem nos registrar.

Peguei a chave da porta e tremendo,

consegui encaixar no buraco, virar e abrir o lugar que iria nos asilar por algum tempo. Segurei na mão de Maximus e o trouxe para se sentar ao sofá.

— Aceita uma água? — perguntei por educação, já que na verdade eu queria me enfiar dentro da banheira e expurgar todo os pensamentos sinistros que estavam querendo invadir minha mente.

Atônito, ele continuou encarando o nada a sua frente. Demoraria um pouco para entrar na órbita, mas tudo bem, estava disposta a deixá-lo seguir em seu próprio tempo.

Fui para cozinha, fiz uma bandeja de comida e coloquei na sua frente na mesa de centro.

— Aqui tem comida e bebida, não sei como te alimentavam. Eu vou tomar um banho, fique à vontade, só não vá... — Finalmente consegui arrancar algum sentimento dele. Seu rosto me encarou confuso. — Não vá embora antes de falar comigo. Se descobrirem o que fizemos, podemos ir presos.

— Você não irá assumir a responsabilidade dessa morte. Quem a executou fui

eu, fique tranquila.

Abri a boca para dizer algo, mas não tive força. Ele iria se sacrificar por mim? Estávamos ainda na adrenalina da fuga, não poderia levar em consideração algo impulsivo.

Ele não me conhecia... eu muito menos a ele.

Virei as costas para meu visitante, despi-me das roupas de guerra em uma sacola junto com tudo o que estava nos bolsos. Iria encontrar um local de reciclagem onde faziam incineração e acabaria com as evidências.

Liguei a água da banheira, pinguei algumas gotas de sabonete, coloquei um floral para ajudar a relaxar os músculos e olhei para a porta. O homem a quem estava obcecada estava na minha casa, o trouxe para dentro do meu lar e não tinha a mínima ideia do que fazer.

Não poderia adicionar aos meus delitos cárcere privado ou esconder um imigrante ilegal. Ele tinha sido traficado, mas um pecado não anulava outro, teria que levá-lo para os Federais e torcer para que ele não fosse deportado no segundo

seguinte.

Pensar nele de volta na Ucrânia não me fazia bem. Era o mesmo sentimento estranho sobre minha vingança, bom e ruim, excitante e louco.

Desliguei a torneira, sentei dentro da banheira e suspirei em contentamento. Meu corpo ainda não tinha se recuperado completamente. Onde as cores voltaram ao mesmo tom da minha pele continuavam doloridas internamente. Não fui ao médico e por enquanto não iria, já que aguentava essa dor.

Escutei um movimento na porta e vi meu homem nu. Com seu membro rígido e seus olhos de luxúria, me senti dentro da Cidade do Pecado, onde eu era fodida com força e ele me comia bem.

Tirei meus olhos no seu rosto, foquei no seu membro e passei a língua nos meus lábios em aprovação. Debaixo da água, eu já me tocava.

— Aquilo sobre gozar... — Lembrei das palavras dele, sobre apenas gozar comigo, como era possível?

— Taylor foi minha professora além de

carrasco. Ela me ensinou a arte de segurar a ejaculação, para termos mais tempo em ação. Estou de pau duro desde que saímos daquele lugar e só tem um lugar que eu quero me enterrar.

— Qual?

Céus, que seja em mim!

— Vou começar com sua boca, depois com sua boceta e terminar na sua bunda.

— Sim... — gemi, porque a fricção no meu clitóris e suas palavras sacanas me excitaram como sempre faziam. — Me fode bruto.

Ele deu alguns passos até mim e hesitou alguns segundos antes de parar na minha frente. Ao invés dele segurar meus cabelos com força e forçar minha boca no seu membro, ele acariciou-os.

— Vou te mostrar como é fazer sexo de verdade.

Não esperei por isso, segurei seu membro com minha mão molhada e comecei a sugar com força, indo até a minha garganta. Estava no céu da perversão novamente e isso me deixava mais encharcada do que a própria banheira.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO VINTE E NOVE –

Existe certo e errado quando se fala em prazer?

Naomi

— Calma, Afrodite, sem pressa...

Segurei na sua bunda, levantei meus olhos e cheguei até o final sem pestanejar. Era profissional e só poderia retribuir com profissionalismo.

Fui para suas bolas e o escutei gemer.

— Nós nunca lidamos com o sexo assim, Maximus...

— Não fui decente com você, Naomi. Não é assim que lido com uma mulher. Me deixe mostrar como deveria ser... — suplicou enquanto afagava meus cabelos.

Ah, não, ele não iria querer um papai e

mamãe, não agora.

— Maximus...

— Me chame de Maksim, por favor. Já nos despimos das fantasias e codinomes. Precisamos ser somente Naomi e Maksim...

Meu coração se aqueceu juntamente com meu núcleo. Era gostoso sentir isso e minha autodefesa acionou o alarme do amor, algo que eu não poderia sentir.

Levantei com pressa, a água espirrando para todos os cantos do banheiro.

— Você vai me foder gostoso, Maximus, nem que eu mesma tenha que fazer todo o trabalho.

Roubei um beijo, meus lábios e dentes judiando de sua boca. Sua mão apertou minha bunda com força e gemi. Oh, ele estava voltando ao seu estado normal...

— Isso não está certo... — Deu um tapa na minha bunda com força. — Eu quero te espancar de tanto prazer, mas também quero venerar todas as suas marcas de guerra. Você ganhou elas por mim...

— Não, essas marcas são minhas e você só irá tocar meu corpo para ter sexo selvagem. — Mordi seu pescoço e ele gemeu. — Me possua!

Ele foi dominado. Fez com que eu saísse da banheira, virasse de costas para ele e inclinasse para me apoiar na borda.

— Você está viciada...

— Sim, seu pau é como uma droga, sua mão o melhor analgésico. — Ele deu um tapa na minha bunda, agachou e começou a devorar minha boceta e minha bunda. Todos os meus nervos e pontos sensíveis gritavam por seu toque.

— É isso que você quer? — Ele mordeu um lábio vaginal e eu me contorci. Recebi um tapa no quadril em apreciação.

— Sim... — queria bruto, sexo alucinado.

— Assim que você goza? — Invadiu minha bunda com dois dedos e sugando meu clitóris, eu me desmanchei na sua boca.

— Oh, sim, isso... isso... Maximus...

— Maksim, Naomi. Sou seu Maksim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maksim

— Agora eu só quero ser fodida... — Suas pernas fraquejaram e precisei segurá-la para não cair.

Sentei na borda da banheira e a trouxe escarranchada para o meu colo.

— Preciso de camisinha para te foder. Vá pegar! — Com olhar nublado pelo recém gozo, ela se levantou, abriu uma gaveta debaixo da pia e trouxe o preservativo.

Não precisei pedir, ela fez todo o serviço, montou e se encaixou. Fechei os olhos e finalmente apreciei o que era estar dentro de Naomi, a mulher que conseguiu me salvar do meu pior pesadelo.

Quem diria que o resgate viria em forma de deusa.

Aos poucos ela se movimentou para cima e para baixo. De propósito ela esfregava seu corpo no meu, seu quadril com o meu para ter mais atrito e muito mais tesão.

Abri meus olhos e encarei os dela. Não

queria me iludir, essa ainda era a mulher que pagava para ter sexo violento comigo, mas achei que encontrei afeição. Seu olhar parecia admirado e satisfeito, como se fosse dois amantes de verdade, dois namorados.

Enquanto ela estivesse assim, eu a manteria ao máximo. Movimentos calmos e sem selvageria, ela precisava reconhecer que não precisávamos mais fazer sexo daquela maneira.

— Preciso de você... — ela gemeu e envolveu suas mãos na minha nuca, puxando com força meu cabelo. — Bruto, me fode!

Com um tapa em sua perna, segurei seu cabelo com força e inclinei seu corpo para trás, para que seu seio fosse exposto e facilitado para que eu devorasse. Primeiro a torturei com minha língua. Os movimentos de quadris diminuíram, por isso mordi de leve o bico e rosnei.

— Não mandei parar de se mover. Quer bruto? Comece a rebolar, vadia.

Gemendo, ela fez. Seus braços caíram aos seus lados e toda a força para segurar seu corpo vinha de mim.

Estava quase para gozar, mas fechei os olhos e continuei apreciando a doçura que era sugar seu seio. Seu corpo correspondia ao meu, seus movimentos eram precisos e exatos para me deixarem no limite da ejaculação.

Ela gozou, pela primeira vez eu segurei. Prendi a respiração e deixei que ela se desmanchasse em mim antes de tirá-la de cima de mim e a colocasse dentro da banheira de quatro.

— Agora, a refeição final.

Ela apoiou os braços na borda e deitou a cabeça neles. Louco para gozar e ficar embriagado com ela em meus braços, puxei seus cabeços e seu corpo se curvou, sua bunda se apresentou para o meu pau e tentei penetrar, mas a camisinha não tinha mais lubrificação.

Dei um tapa da sua bunda e inclinei para morder seu ombro.

— Fique aqui, você está prestes a ser muito bem comida por todos os seus buracos.

Sem me preocupar na sujeira que estava fazendo, fui aonde ela pegou uma camisinha e

encontrei várias. Ignorei o sentimento de ciúmes que me invadiu, joguei o látex usado e coloquei um novo.

Ela tinha voltado a apoiar sua cabeça em suas mãos e isso quase me fez vacilar que terminar o que comecei.

— Você ainda vai apreciar o meu sexo — disse com força.

— Eu já aprecio, você que parece querer mudar o time que está ganhando.

Ajoelhei na sua frente, tomei seus lábios nos meus em uma dança lenta e sensual. Ela gemeu e isso foi o suficiente para saber que ela não precisa da violência que tanto anseia, só está confusa, assim como eu, que luto para fazer o que é certo.

Mordi seus lábios e fui afastando minha boca até eles se soltarem, vermelhos e inchados.

— Agora eu vou comer seu cu e você irá gozar comigo.

— Vem... — Ela fechou os olhos.

Coloquei-me atrás dela, encaixei meu membro e fui forçando a entrada aos poucos. Assim

que escutei um resmungo dela, fechei os olhos e deixei o escravo sem alma tomar conta.

Bati na sua bunda, peguei no seu cabelo e forcei minha entrada em uma estocada só. Assim que me encaixei, trouxe seu corpo para perto do meu e eretos, comecei a meter com força.

Era bom pra caralho.

Envolvi meus braços por baixo dos seus e a segurei pelos ombros. De tantos movimentos de vai e vem, inclinamos o corpo para frente, estávamos no cio.

— Oh... merda... porra... — gemia enquanto seu corpo ia cada vez mais para fora da banheira.

— Quer gozar? — Tirei uma mão do seu ombro e pressionei seu clitóris. — Quer mais uma vez a droga que te fazia ir para a Cidade do Pecado?

— Sim...

Chegamos ao limite da banheira, soltei seu corpo, que se curvou para o chão e me deixou apenas com a bunda exposta. Ergui meu corpo

apenas o suficiente para melhorar a vista e continuei a masturbando.

— Você vai gozar apenas quando eu disser.

— Maximus...

Bati na sua bunda, larguei seu clitóris e segurei seus quadris, investindo com todo o meu prazer.

— Você vai gritar meu nome de verdade quando gozar Naomi.

Ela gemia, eu queria mais.

— Qual é meu nome? — perguntei com raiva e ela gemeu.

A estocada estava fazendo com que seu quadril se chocasse com a banheira. A água espirrava para todos os lados e eu só queria que ela me reconhecesse.

— Fala meu nome, vadia! — gritei e gozei.

— Maksim... — ela me acompanhou e estava convencido de que também perdi o meu juízo ou estava com ele afetado, uma vez que a

violência aumentou o meu tesão e me fez gozar em segundos.

Ofegante, me dei um tempo para respirar e sentar na banheira. Assim que Naomi começou a se mexer, eu a puxei para os meus braços, coloquei-a no meu colo e a abracei.

Ela tentou disfarçar, mas senti as lágrimas e o choro silencioso no meu peito. Eu mesmo deixei algumas lágrimas escorrerem, de alívio, de pressão e solidão.

Éramos duas pessoas perdidas no mundo e ambos estávamos danificados.

Isso tinha que acabar. Eu não sou a porra de um garoto de programa, não mais. Ela não é, a minha dona. Tudo o que vivenciamos foi insano. Doentio. Achei que conseguiria venera-la e tê-la sem pressa, ela não quis se entregar nesses termos. Preciso enterrar Maximus. Naomi não está conectada com Maksim. Jamais funcionaríamos juntos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA – Castelo de arreia...

Naomi

Foi estrando dividir a mesma cama com ele... Por mais que me esforçasse para amenizar a bagunça de meus pensamentos, tudo estava fora do lugar. Eu nunca mais seria Naomi e ele nunca seria Maksim. Afrodite e Maximus sempre estariam lá para nos assombrar.

Poucas foram as horas que dormi e quando acordei, ele não estava mais na cama. Levantei-me sendo engolida por um sentimento de perda, não me importei de ir procurá-lo nua pela casa. Quando cheguei a sala ele estava fazendo flexões. Suspirei aliviada por ele não ter partido.

Parecíamos dois estranhos. Ele fingiu notar minha presença e eu permaneci em silêncio, meu coração estava sendo esmagado por tantos sentimentos confusos e contraditórios que o ver em

minha casa só contribuía ainda para minha bagunça emocional.

O que aconteceria agora?

Seria o fim?

Deixaríamos de interpretar?

Eu conseguiria aceitar de que a realidade não é tão animadora quanto um sonho?

É isso o que ele significou para mim? Um sonho?

Voltei para o quarto para que ele não percebesse que eu estava sendo tragada pelas minhas lágrimas. Liguei o chuveiro e quando o piso frio acomodou o meu corpo, deixei-me deslizar até o chão. Abracei minhas pernas e apenas chorei.

Então era isso que seríamos, dois estranhos? Não seríamos. Nós somos. O que eu sei sobre Maksim Dahno? O que ele sabe sobre mim? Afrodite estaria sempre em vantagem e Naomi não teria chance contra ela. A verdade é que Naomi não existe, ela é uma farsa. Um personagem inventado por aquela mulher que um dia tivera os seus sonhos destruídos. E foi para proteger o seu coração que

Afrodite nasceu. O tempo foi passando então, já era tarde demais quando me dei conta de que Afrodite havia matado Naomi.

Volto para minhas reflexões, para o homem que vive e reina em meus pensamentos e que agora, mesmo perto, parece distante. Nunca busquei proximidade. Minha intenção sempre foi procurar algo que tirasse o foco de minhas memórias. Eu queria enterrá-las e foi então que comecei a usar o meu corpo canalizando minha atenção única e exclusivamente em me satisfazer. Entretanto, com Maximus, constatei derrotada que foi ele quem me usou.

Antes dele, Naomi e Afrodite não viviam em confronto. Uma personagem saia de cena e a outra entrava, simples assim. Durante a maioria do tempo o silêncio me bastava. Para satisfazer o corpo, os desejos mais profanos da carne, não eram necessários palavras. Apenas gemidos e sussurros eram o suficiente para que fagulhas se ascendessem em mim. Mas agora, eu necessito que ele fale... que ele diga alguma coisa... *Então, por que o silêncio está sendo angustiante? Ele estaria fugindo de mim*

por não saber o que dizer? Ou de fato ele não tem nada a me dizer? O show acabou, as cortinas foram baixadas e o camarim encontra-se vazio?

Meus pensamentos dão voltas e mais voltas e acabam no mesmo lugar. Impossível conseguir olhar para frente sem sentir que algo ficou para trás. Deixo o chuveiro e retorno ao quarto, opto por um jeans e um suéter. Prendo meus cabelos e evito de olhar-me no espelho quando deixo o quarto. Assumindo uma postura de coragem, retorno a sala, Maksim continua na mesma posição. Os músculos de seus braços e costas ficam em evidência devido ao seu esforço físico. Como alguém consegue fazer tantas flexões? Ele parece uma máquina. Séria essa a fuga que ele encontra para aliviar as tensões?

Encosto-me no batente da porta e suspiro pesadamente não sabendo como iniciar uma conversa. *Isso é ridículo!*

— Pensei em preparar alguma coisa para o café da manhã — puxo conversa sendo completamente ignorada. — Então, Maksim, o que você costuma comer durante a manhã?

Respiro aliviada quando minha voz chega até seus ouvidos. Ele levanta-se do chão e anda até a janela ficando de costas para mim. Eleva as mãos na cabeça parecendo frustrado... acuado...

— Maksim... — Até eu mesma me surpreendi com o meu tom de voz carregado de insegurança.

— Porra, Naomi! — ele explode ficando de frente para mim. Levanta as mãos para cima completamente exasperado deixando-me completamente sem reação. Essa, de fato, não sou eu. *Ninguém me humilha. Ninguém me ignora. Merda Naomi!* — Eu não sou a porra do seu brinquedo. Não iremos brincar de casinha se é isso que você está pensando. Isso aqui — ele aponta para mim, para ele e depois aponta o dedo em riste com os olhos tomado por fúria e desprezo. Engulo em seco já com meus nervos a flor da pele. — Não é um conto de fadas, está mais para filme de terror, então, por favor, pare de me olhar com sutileza nos olhos. Empatia, compaixão, ou seja lá quais sentimentos que estejam refletidos neles.

Caminho em sua direção. Engulo meu

orgulho ferido e buscando encontrar a Naomi a qual a vida moldou, aponto o dedo enquanto nos encaramos prestes a nos atracarmos no tapa.

— Não levante a voz para mim. Não fale o que você não sabe. Você não me conhece, então cale essa sua maldita boca — digo entredentes para não perder o controle. Não escondo minha raiva quando ele eleva a cabeça para trás e gargalha friamente tomado pelo rancor e a amargura.

— Não, minha querida, eu de fato não a conheço. A mulher que está diante de mim não se parece com aquela que paga por sexo. Que exige e implora para ser duramente fodida. A mulher que está diante de mim não passa de uma hipócrita — suas palavras me ferem como um duro golpe de punhal. Ele não economiza a rispidez em seu tom de voz.

— O que eu faço da minha vida não é da sua conta.

— Você se prostitui, Naomi, tem razão, não é da minha conta. Mas saiba que direta e indiretamente você contribui com o tráfico de pessoas e com a prostituição. Não existiriam

vitimas se não houvessem os vilões.

Então é isso? Ele está tentando me punir?

— Jamais poderia imaginar que as pessoas que estavam lá eram escravas sexuais.

A fúria não está apenas em sua expressão, ela está em cada um de seus músculos. Segura-me pelos braços encostando-me na parede. Seu aperto não é forte o suficiente para me machucar, mas seus olhos mandam uma mensagem clara e direta, estou diante de Maksim e ele me odeia. Engulo meu choro e minha mágoa a fim de entendê-lo e respeitar o seu momento.

— Porque você é egoísta demais para se dar conta do que acontece ao seu redor. Obrigado pelo o que você fez por mim, por ter me tirado daquele maldito lugar. Mas... na boa, Naomi, você me faz lembrar de tudo aquilo que preciso esquecer.

Respiro e inspiro controlando-me para não desfalecer perante ele. Foco-me então na Naomi advogada sabendo exatamente o que ele precisa do momento.

— Você quer voltar para Ucrânia, é isso?

— Eu nunca deveria ter saído de lá, Naomi. Vim para a merda desse país em busca de sonhos e o que eu encontrei? Apenas desgraça. Preciso encontrar o meu amigo e dar o fora daqui. Sem documento, sem passaporte, eu de fato não sou ninguém. Percebe o quão fodido isso é?

— Vou telefonar para o meu contato para ver o que poderá ser feito.

Maksim solta os meus braços e se afasta voltando a olhar pela janela. Sentindo-me atordoada com o efeito de suas palavras, retorno para o quarto. *Então é o fim? É um adeus? Ele me repudia?* Brigo com minhas lágrimas, mas elas vencem o duelo. Sento-me na cama impacientemente enquanto disco o número de Liam que não demora em atender.

— *Naomi... Por, Deus! Onde você esteve? Tentei contato pelo telefone, mas não obtive sucesso.*

— Me diga como está minha situação com os federais.

— Pelo fato de você ter colaborado com a justiça, sua identidade será protegida e você não responderá por prostituição, tampouco pagará multa.

Respiro aliviada tirando um peso de meus ombros. Pelo menos alguma coisa na minha vida parecia seguir o caminho de um possível final feliz.

Se é que existia essa porra...

— As pessoas que trabalhavam no local entregaram todo o esquema. A quadrilha especializada em tráficos de pessoas foi presa. Os federais colocaram abaixo aquele lugar após o resgate das vítimas. Algumas amostras de sangue foram recolhidas na intenção de verificar a procedência da substância química. Parece que a droga em experimento era uma tal de droga da submissão.

A imigração está um caos, pois as pessoas serão deportadas.

— Preciso de um favor seu, por favor, Liam, eu não te pediria se não fosse urgente. Vou te dar um nome, preciso que você verifique se ele está entre esses imigrantes. Outra coisa, preciso que

você ajude um amigo a voltar para o seu país, mas sem deportação.

— *Onde ele está? Por que não estava no local como todos os outros?*

— Vou te explicar quando chegar aqui.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E UM – Só sente a dor aquele que levou a pancada...

Maksim

Dizer adeus a Naomi foi uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida. Não dormi naquela noite, zelei e guardei o seu sono. Vaguei por seu apartamento dando-me conta que éramos duas pessoas completamente distintas. Água e azeite, preto e branco, vinho e novamente, água.

As lembranças traumáticas não me abandonaram um minuto sequer, quando ela surgiu na sala toda insegura, alimentei o ódio e canalizei toda minha raiva nela.

Eu não era um garoto de programa...

Ela havia pagado para ter sexo comigo ...

Eu nunca mais voltaria a ser Maximus...

Maksim nunca se encaixaria em sua vida...

Pela imponência e suntuosidade de seu apartamento não me restaram dúvidas. Além de linda, Naomi era rica e eu nunca passaria daquele que ela pagou para que a fodesse.

Sei que fui duro com as palavras, de fato quis feri-la, magoá-la. Sou grato e compreendo que se não fosse por ela, jamais teria saído daquele maldito inferno. Contudo, quando dois sentimentos conflitantes duelam, fica impossível administrar o caos emocional.

Quando disse a ela que não era um conto de fadas, em meus pensamentos já havia idealizado um romance com a mulher, que achou o caminho para o meu coração. Mas a verdade é que ela sempre seria um gatilho para fazer Maximus viver e reinar em mim, o fato era que, precisava enterrá-lo.

Sem documentos, sem passaporte, sem dinheiro, eu não poderia estar numa situação mais humilhante. Contudo, não seria orgulhoso o suficiente para não aceitar a sua ajuda.

Liam, o tal advogado surgiu em seu apartamento momentos mais tarde naquela manhã. Naomi e eu ouvimos atentamente o que ele tinha para nos dizer, quando chegou a hora de dizer adeus, ela estendeu a mão em minha direção e disse as seguintes palavras: *Seja feliz*.

Ela estava magoada e não conseguiu esconder. Apenas anui em silêncio e virei de costas deixando para trás um pedaço de mim. Como eu havia saído daquele inferno vestindo apenas um jeans e sem camisa, aceitei as roupas que o advogado, a pedido dela, havia providenciado para mim.

Passei quase uma parte do dia prestando depoimento na delegacia. Reviver todo inferno que vivi era doloroso, porém foi necessário. Liam me acompanhou até a imigração. Depois de resolver toda burocracia, eles me colocariam no próximo voo para Ucrânia, porém, só sairia no outro dia.

Não sei o porquê Liam estava fazendo aquilo, ele sequer hesitou, me levou para dormir em sua casa e não houve conversa. No aeroporto me deu um pouco de dinheiro, fez-me engolir o

orgulho e compreender que eu retornaria para o meu país e, até que conseguisse um emprego, iria precisar de um lugar para morar e me alimentar. Aceitei como empréstimo.

Faz três dias que retornei a Crimeia, local onde nasci e cresci. O mais doloroso foi retornar só e aceitar que Anton havia morrido. A pedido de Naomi, Liam levantou a informação que foi confirmada por alguém que trabalhou na Cidade do Pecado e que havia sido preso na operação dos federais.

Aluguei um simples quarto de pensão e não foi difícil encontrar emprego como auxiliar de depósito numa transportadora. Meu trabalho era carregar e descarregar caminhão. O trabalho era árduo e pesado, sinceramente, não me importava, ele me mantinha ocupado.

Não saberia dizer se foram as drogas, ou se foi a amargura que levaram para longe o homem que um dia eu fui. Dizem que quando deixamos de sonhar, deixamos de viver. Concordo em gênero e grau. É diferente você estar vivo do que apenas sobreviver.

Perdi meu orgulho. Minha dignidade. Meus sonhos... minhas escolhas foram arrancadas de mim quando entrei naquele navio. Mal sabia eu que o meu inferno pessoal estava apenas começando. Taylor foi meu próprio demônio. Dia a dia precisei lidar com ela na intenção de sobreviver... sair de lá... Não foi apenas Taylor que morreu, antes dela queimar no inferno ela também matou um pedaço de mim.

Por mais que meu corpo entre em exaustão durante o dia e a noite ele precise de descanso, a minha mente não se desconecta. Apesar de todos os meus esforços, não consigo tirá-la de lá. Naomi ainda é uma incógnita. Por mais que meu coração seja reticente em tentar esquecê-la, não posso deixar de adverti-lo que nossa relação era insana e doentia. Naomi foi o meu bem e ao mesmo tempo meu mau. Seu cheiro... o gosto de seu beijo... a sua entrega quando a fazia gozar assombram os meus pensamentos até mesmo quando estou com os olhos abertos.

É tarde da noite. Estou sentado no banco da praça enquanto procuro reorganizar os meus

pensamentos. Sorrio ironicamente ao olhar para o céu, é difícil aceitar que Anton se foi. Daria a minha vida se pudesse alterar o passado. Quando entramos naquele navio há três meses, fomos tolos e ingênuos ao vender os nossos sonhos para alguém que transformou cada um deles em pesadelos. Por Anton, por mim, Baran irá pagar.

Enquanto a cidade parece dormir, levanto-me e começo andar pelas sombras. Desde que retornei tenho acompanho a rotina de Baran. Não foi difícil descobrir que hoje ele fará mais algumas vítimas. Anonimamente, avisei a polícia, sei que eles já devem estar a espreita. A quadrilha de Baran irá cair ao mesmo tempo em que ele será morto.

Escondo-me atrás da lixeira aguardando até que ele saia. Já decorei os seus movimentos. Ele abrirá a porta, olhará para direita e para esquerda, arrumará o seu chapéu e caminhará até cais que não fica longe daqui.

Bingo.

Lá está ele. Sou ágil e silencioso, quando ele percebe, dou uma gravata apontando uma faca em seu rosto. Ele se debate tentando alcançar o seu

revolver porém, sou mais rápido ao desarmá-lo.

— Uma morte lenta e dolorosa é o que desejo para você, infelizmente, não disponho de tempo.

Vou apertando o meu braço em seu pescoço enquanto conto os segundos, sei que logo ele desfalecerá em meus braços sem vida. Ele se debate, porém é inútil. Sou mais forte que ele e sua luta é perdida.

— Queime no inferno seu desgraçado.

Um estalo indica que consegui quebrar seu pescoço.

Jogo seu corpo no chão e não olho para trás quando me afasto. Não sei se algum dia voltarei a ser o homem que um dia fui, infelizmente minhas mãos estão sujas de sangue. Não posso alterar o passado, só espero poder viver o futuro conforme as minhas escolhas.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E DOIS –

Depois do fim, vem o epilogo ...

Naomi

Sete longos e infinitos dias...

Quando a porta se fechou, foi então que caiu a ficha... Ele havia partido para sempre.

Retornei ao quarto e chorei... Estava destroçada por dentro. Não queria admitir a mim mesma que nutria sentimentos por ele. *Meu Deus!* Eu o amava! *Como isso foi acontecer?*

Eu vivi tanto tempo uma farsa fingindo ser a fodona... a inabalável... e quando tudo veio abaixo junto com a cidade do pecado, já não sabia mais quem eu era... onde estava... tampouco para onde iria...

Desliguei o telefone celular. Retirei da tomada o telefone fixo. Pedi ao porteiro para dizer a quem me procurasse que eu estava viajando. *Maldita crise existencial! Maldito Maximus!*

Sentindo esgotada, zapeio os canais da tevê. Tenho lido muito nessa última semana, romances clichês tem sido os meus favoritos. Engraçado como as autoras romantizam até as derrotas.

Queria eu ter a coragem e a força das mocinhas dos livros e virar a página... recomeçar. A verdade é que essa não seria a primeira vez que eu recomeçaria, a terceira para ser mais exata... De todas as experiências dolorosas, ao contrário das outras, essa está sendo insuperável. Nem a tortura que sofri na mão daquela doente, doeu tanto como a falta dele...

Maldição!

Um movimento na porta chama a minha atenção. Olho incrédula para figura de John que entra sem cerimônia fechando a porta sorrateiramente. Ele levanta as mãos em sinal de rendição e sorri, acabo rindo também.

Seguro e audacioso, ele se aproxima jogando-se na poltrona ficando de frente para mim. Não se faz de rogado ao colocar os pés sobre minha mesinha de centro. Acomoda-se confortavelmente como se não estivesse com pressa.

— Você não desiste, não é mesmo? — tento usar o tom austero de sempre, porém sua tranquilidade e ao mesmo tempo atrevimento, me faz revirar os olhos e ele acaba rindo ainda mais.

— Persistência é o meu sobrenome, senhorita. — Descaradamente, ele abraça uma almofada encarando-me provocativamente. *Ele bebeu ou o que?*

— Posso saber como o senhor conseguiu as chaves?

— Digamos que eu subornei o porteiro, ele me deu a chave reserva por estar preocupado, já que a senhorita está trancada nesse apartamento há dias.

— O que te faz acreditar que você é bem-vindo?

— Sou bonito, charmoso, divertido e um excelente piadista. Então pensei, por que não?

— Audacioso seria seu nome do meio? — Atiro uma almofada e ele pega para que não acerte em seu rosto.

— Deu certo, viu.

— O quê?

— Você já está rindo e eu ainda nem contei uma piada.

— Bem, agora que sorri e você constatou que estou bem, vaza. — Aponto para a porta, mas ele se faz de desentendido revirando os olhos na intenção de me provocar.

E pela primeira vez depois de muitos anos o clima descontraído de uma simples brincadeira faz com que eu me sinta bem. O fato dele se preocupar comigo me deixou feliz? Não saberia que palavra usar, porém depois de tantos dias só, sua presença não me incomoda e isso é novidade.

— E perder o jantar? Não, minha querida. Hoje você irá cozinhar para mim.

— Vai se ferrar, John. — Atiro o controle remoto e ele se abaixa, do contrário teria acertado sua testa.

— Essa foi por pouco. Mas não pense que será o suficiente para me fazer recuar. Vamos espertinha, estou com fome. — É a sua vez de atirar uma almofada em minha direção.

— Minha geladeira está vazia. — Ele se coloca em pé e anda até mim pegando-me pela mão, forçando-me a ficar em pé também.

— Vamos ao supermercado. Coloque um tênis. Iremos andando. — Ergo uma sobrancelha e quando penso mandá-lo tomar naquele lugar, ele gargalha me fazendo rir de sua expressão divertida.

— Você está rindo mim?

— Piada interna, Naomi.

— Desembucha. — Soco seu braço e ele gargalha ainda mais. Percebo que esse leve momento era o que eu precisava. Não estou usando máscaras. Essa é a verdadeira eu.

— Se eu falar, você irá me bater. — Começamos a fazer de conta que estamos nos aquecendo num ringue.

— E se não falar, irei te torturar. — Soco seu braço e ele reclama.

— Você está parecendo a *Morticia Addmans* após o vendaval. — Não contém a gargalhada.

— Seu... seu idiota. — Soco seu peito ele

segura-me pelos pulsos. Empurra daqui... empurra de lá, ele é rápido ao passar um rasteira e me jogar no chão, sobre o tapete, mas não rápido o suficiente para se livrar de minhas mãos que se agarram em seu corpo fazendo com que ele caia também. O idiota perde as forças de tanto que ri e sem que ele espere, faço uma gravata com o pé. Ele bate três vezes a mão no chão pedindo arrego. Quando o liberto, gargalho e ele revira os olhos.

***

John esperou pacientemente que eu tomasse banho e me trocasse. Vesti uma legging, camiseta e um tênis. Eu não estava sendo hipócrita, tampouco condescendente, ele de fato estava sendo bem-vindo.

John conhecia apenas a Naomi que estava sempre na posição de ataque, e como também não houve necessidade de ficar na defensiva, permiti que ele se aproximasse de minhas defesas. Ele estava sendo apenas um amigo e eu de fato precisava de um.

Vivi muito tempo tentando afastar as pessoas que acabei me perdendo no caminho.

Estava cansada de ser e agir como uma vaca. John fez por merecer o benefício da dúvida quando não tentou nenhuma aproximação nessa noite.

Caminhar até o supermercado foi mais animador do que eu pensei. Rimos e brincamos feito dois bobões no meio da rua. John estava se esforçando, já eu, estava sendo apenas eu, aquela que fiz questão de matar quanto enterrei a minha fé nas pessoas, nos relacionamentos...

Não sou uma boa cozinheira, tampouco John sabe cozinhar. Minha cozinha ficou um caos e depois de fazer um macarrão não comível, optamos em pedir pizza.

— Obrigada — digo displicente depois de secar a minha taça de vinho. Estamos quase bêbados e esparramados no sofá após uma maratona de filmes.

— Pelo o quê?

— Por ser um amigo no momento em que eu mais precisei de um.

— Ainda iremos rir muito desse seu momento curtindo uma fossa, querida Naomi.

— Obrigada por não desistir de mim. — John se endireita no sofá para estudar a minha expressão.

— Por que eu tenho a impressão que essa noite, quem me deu o prazer de sua companhia foi uma mulher que poucos conhecem?

— Porque de fato esteve. Foi muito bom saber que ela ainda existe.

— Qual sua história, Naomi? Quem te feriu dessa maneira a ponto de você querer afastar as pessoas?

— E por que você acha que isso tem haver com algo ou alguém?

John deposita sua taça sobre a mesa de centro e faz o mesmo com a minha. Pega em minhas mãos e automaticamente eu reteso.

— Ei, baixe suas defesas. Se você não se sente confortável em falar, não a forçarei. Embora acho que você precise fazer um acerto de contas com o passado. Superar. Esquecer. Deixar ir, Naomi.

— Na teoria parece fácil, John. Existem

feridas que não cicatrizam.

— Não é necessário que elas cicatrizem. Muitas vezes elas fazem de nós, o que nos tornamos. Que as marcas de seu passado sejam a prova viva e real de sua superação. Não alimente a amargura, Naomi.

— Você fala com convicção. Seria experiência própria? — John bate em minha mão levemente e sorri com amargura como se suas lembranças fizessem um *flash back.*

— Todos temos nossa história Naomi. Nosso passado e nossos fantasmas. Posso dizer que, depois de algumas terapias, enfim, exorcizei os meus demônios.

— Qual a sua história, querido John?

Ele ri, na certa lembrando-se do filme doce-açúcar que eu o obriguei assistir.

— Deixemos esse assunto para outro dia. Hoje, o que você realmente precisa saber é que, depois do fim, ainda tem o epilogo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS – Um dia depois do amanhã...

Naomi

Um mês se passou desde que Maksim se foi... Ainda dói... Não sei se um dia deixará de doer.

John e eu nos tornamos grandes amigos. Ele tem tornado meus dias mais leves com suas piadas sem graça. Ainda não me contou sobre o seu passado... sua história... eu também não o pressionei, pois também não estou preparada para falar de minha vida pregressa.

Tornei-me uma Workaholic e também uma viciada por exercícios físicos. O trabalho afasta meus pensamentos de Maksim e as atividades físicas trazem exaustão para meu corpo. Ele estava recuperado o suficiente depois da tortura.

Quando retornei com minhas atividades no escritório, decidi aceitar o conselho de John: *Se*

desarme, Naomi. Nem todos irão se aproximar de você para feri-la.

Foi com esse pensamento que aos poucos comecei a dar mais abertura as pessoas. Ainda flagro alguns rostos me olhando como se eu tivesse duas cabeças. Só espero que não seja tarde para causar uma segunda impressão, já que decidi enterrar aquela mulher fria e arrogante que todos conheciam. Ela estava matando tudo o que havia de bom em mim.

Numa de nossas conversas, pedi a John que fosse sincero para que eu pudesse saber, através dele, o que as pessoas pensavam ao meu respeito.

— John, seja sincero. Cite três defeitos que eu possuo.

— Está preparada para ouvir?

— Vai logo...

— Vaca fria, prepotente e arrogante.

Estávamos almoçando num restaurante perto do escritório. Quando ele disse essas palavras, depositei meus talheres sobre meu prato enquanto

me recuperava do efeito que aquelas palavras causaram em mim. Na hora lembrei de Maksim. *Será que ele também pensava isso de mim?* E pela primeira vez na vida, após meus dezesseis anos, constatei que realmente eu importava com a opinião dos outros sobre a minha pessoa. Foi para evitar esse tipo de sentimento que eu havia trazido à vida Afrodite.

A garota romântica e apaixonada que um dia eu fui, aquela que viu seu castelo de areia desmoronar, quando a ressaca do mar veio e o levou, era quem estava na frente de John naquele momento. Ela não queria magoar-se por saber o que os outros pensavam dela, porém ela estava fragilizada e teve que se esforçar para não desmoronar ali... diante de John. Já a mulher vaca fria como disse meu amigo, não se importou nem um pouco e por ela, até gargalharia da situação. *Que se fodam os outros!* Essas seriam as suas palavras. Naquele momento Naomi e Afrodite estavam duelando. Compreendi que para trazer novamente Naomi a vida, teria que expor os meus sentimentos, as minhas fragilidades. Perdi-me no

caminho e se não voltar agora, temo não me encontrar nunca mais.

Encerro o almoço e pego um táxi em direção a um lugar que deveria ter ido há muito tempo atrás. Saio do carro e entro no saguão do prédio conforme endereço no cartão. No começo achei ridícula e desnecessária essa ideia, porém, imediatamente percebi que novamente Afrodite e Naomi estavam num conflito. Mas Naomi sabia que precisava de ajuda, ou do contrário, sua mente iria ferrar com a sua sanidade já que Afrodite havia lhe causado tamanho estrago.

Pego o elevador em direção ao décimo oitavo andar e procuro não pensar em mais nada. Quando chego ao consultório e a recepcionista sorri simpaticamente pedindo que eu aguarde, sinto minha tensão ir se dissipando aos poucos.

Sento-me na poltrona indicada e enquanto espero, folheio uma revista. Sorrio ironicamente pensando em quão engraçada a vida é e como ela nos surpreende. Tentei me preservar e acabei causando danos em mim mesma.

Levanto a cabeça quando ouço meu nome.

Dirijo-me até a porta indicada sendo surpreendida pela calorosa recepção da Dra. Eva Thomas.

— Seja bem-vinda, Naomi.

Ela indica uma poltrona a poucos metros de mim. Sorrio e faço o que ela pede. Observo-a pegar seu *ipad* e somente depois de estar com seu aparelho eletrônico em mãos, ela senta-se a minha frente.

Eva Thomas é uma mulher na casa de seus quarenta anos. Bonita, alta, esguia e loira, sua expressão é afável. Fiz bem ter escolhido psicóloga mulher, eu não me sentiria tranquila diante de um homem.

— Então, Naomi. Em que posso ser útil?

Cruzo as pernas enquanto ela me observa com atenção. Ela sorri para que eu não me sinta acuada, o que de fato funcionou. Sinto-me patética por não saber o que dizer... por onde começar.

— Eu não sei por onde começar — a insegurança em meu tom de voz me surpreende e não passa despercebido aos olhos da doutora.

— Temos cinquenta e cinco minutos. O

que acha de começar se apresentando. Sabe aquelas entrevistas de empregos onde o candidato deve falar nome, idade, onde mora, estado civil e etc? Sou toda ouvidos. — Ela pisca me fazendo rir. Eva Thomas sabe como quebrar o gelo.

Essa parte foi fácil. Conforme eu falava a doutora digitava em seu *ipad*. Porém, sua destreza com o aparelho era tanta que, em nenhum momento tirou os olhos de mim.

— Você me disse que seus pais são divorciados. Como foi essa experiência do divórcio em sua vida?

Engulo em seco sentindo meu estômago se contorcer. Não sou mais uma adolescente. Não tenho dezesseis. Sou uma mulher agora. *Superar... esquecer... perdoar...*

— Talvez esse seja um dos motivos que me trouxe até aqui. Minha mãe mentiu para mim. Meu pai feriu os meus sentimentos, ambos deixaram suas marcas em mim.

— Por que você diz isso?

— Meus pais passaram a minha infância e

adolescência me fazendo acreditar que éramos uma família feliz. A versão que eu conhecia era que: meu pai estava expandindo os negócios e após abrir uma filial de sua empresa em Nova Iorque, ele nos visitava a cada quinze dias devido compromissos com o trabalho.

— E qual seria a verdadeira versão?

Sorrio com escarnio sentindo a dor esmagar o meu peito com as ácidas e dolorosas lembranças de uma vida de mentiras...

— A história não contada era: meu pai tinha outra família. Não em Nova Iorque, ele vivia com a sua esposa e filha aqui mesmo em Los Angeles.

— Como você reagiu a essa descoberta?

Perdi a fé e a confianças nas pessoas...

— Minha mãe sabia. Eles haviam acordado que eu só saberia da verdade quando completasse dezoito anos. Ela se recusava dar o divórcio antes que eu fosse para faculdade. Aquilo foi ridículo. Eles não podiam ter feito isso comigo.

— Você acha que sua mãe teve motivos

para esconder isso de você?

— Sinceramente? Eu não sei. Depois que soube a verdade me tornei uma rebelde sem causa e acabei me distanciando de minha mãe. Sai de casa um ano após me formar na faculdade.

— Você parou para pensar que talvez não tenha sido fácil para sua mãe? Que talvez ela tenha abnegado de sua vida por você? Seu pai tinha outra família enquanto sua mãe só tinha você.

Lágrimas molham meu rosto ao me colocar no lugar de minha mãe. *Empatia é uma merda!* Estava tão carregada de amargura que não pensei nela... Mimada e egoísta, nunca me preocupei com o sentimento alheio. Tudo girava em torno de mim.

— Acho que nunca é tarde para pedir e conceder perdão, não é mesmo? Acho que sua mãe merece o benefício da dúvida.

Anuo em silêncio. Tanta coisa eu perdi afastado as pessoas que me amavam e se preocupavam comigo que, quando meu mundo ruiu pela segunda vez, eu não tinha ninguém. Foi então que o ódio, a amargura e despeito me tornaram uma

vaca fria.

— Como foi para sua mãe quando você saiu de casa? Acredito que ela sempre foi muito protetora com você.

A voz calma da dra. Eva me traz de volta ao momento atual.

— Embora estivéssemos distantes, ela estava feliz por mim. Me formei em direito, tinha um emprego que amava e estava noiva.

— Estava? Verbo passado?

— Sim.

— Fale-me sobre. — Ela digita novamente sem desfocar a sua atenção.

— Conheci August quando estava no último ano de faculdade. Nos conhecemos na cafeteria em frente ao meu trabalho. Ele era seis anos mais velho que eu, mas eu não me importei. No total foram três anos juntos, sendo um de namoro e dois de noivado.

— Deixe-me ver se entendi. Você formou-se com vinte e cinco. Saiu de casa com vinte e seis, mas a essa altura já estava com August há um ano.

Então, quando você estava na casa de seus vinte e oito anos, vocês terminaram o noivado? Isso tem o que, três anos? — Novamente anuo concordando com a cabeça.

— Ele foi meu primeiro namorado e eu de fato, o amava, ou achava que o amava. Estávamos há seis meses da data de nosso sonhado casamento. Percebi que ele se distanciava a cada dia. Na época ele estava fazendo um *trainne* para ocupar a cadeira de seu pai na presidência das Indústrias farmacêuticas Flyn. Jovem, lindo e extremamente rico, ele tinha o mundo aos seus pés. Casar-se tão cedo já não era mais a sua prioridade.

— Ele terminou o noivado?

— Quem dera ele tivesse feito. Bem... Como meu pai havia traído a minha mãe, sempre tive dificuldade de confiar nas pessoas. Algo não estava bem, eu só não sabia o que era. Então, contratei um detetive. Foi aí que eu descobri que sexo baunilha já não era mais a praia de August. Ele era frequentador assíduo de um clube de *swing*. Ignorei a mulher nas fotos que o detetive me mostrou. Pensei que era apenas uma coleguinha,

que ambos curtiam juntos, que o que tinham, era apenas sexo. *Ledo engano*. Cansada de ser feita de otária, resolvi me juntar ao meu noivo numa orgia, por que não? Vesti uma fantasia de Afrodite e fui até o clube. Não precisei procurar muito para encontrar August. Achei que teria estômago para torturá-lo um pouco, porém o golpe que sofri naquela noite me deixou sequelas. A mulher das fotos. A mulher que ele dividia para que outro homem também a fodesse era minha meia irmã. Eles estavam num relacionamento há seis meses.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO –

Um dia de cada vez...

Naomi

Uma semana depois...

— Então, você não fazia ideia que a mulher que estava com August era sua irmã?

Tomo uma respiração pesada ao me recordar da noite que me marcaria para sempre.

Um homem fodia Rayssa por trás enquanto ela chupava o pau de August. Entrei sorrateiramente na cabine. Estava a ponto de desabar ali mesmo. Sentia nojo... asco... segurei a bile em minha garganta e me aproximei. Envolvi minhas mãos em seus bíceps permanecendo atrás dele enquanto sussurrava em seu ouvido:

— Espero não ter chegado tarde, querido. — Ele deteve as minhas mãos.

— Naomi? Mas o que...? Inferno!

Rayssa colocou-se em pé rapidamente e pediu que o outro homem nos deixasse a sós.

— Saia, Rayssa, deixe-me a sós com Naomi.

— Chega, August! Está na hora da minha maninha saber! — ela gritou batendo o pé e apontando o dedo em riste. Ele simplesmente se calou.

Coloquei as mãos na cintura e comecei a bater os pés impacientemente. Estava suando frio. Meu coração parecia que ia saltar pela boca. Estava sendo insuportável olhar a imagem de ambos nus a minha frente.

— Do que você me chamou? — disse entredentes contendo minhas lágrimas embargadas na garganta.

— Seu pai fodeu a sua mãe, depois fodeu a minha e ambas engravidaram.

Levei as mãos na cabeça sentindo uma forte vertigem em meu corpo. Náuseas. Tonturas. Eu estava a ponto de desabar a qualquer momento. A cabine começou a ficar claustrofóbica. Sentei-me

numa poltrona mais ao canto enquanto sentia tudo girar.

— Eu e você até podemos ter o mesmo pai, mas o mesmo homem, nunca. Diga a ela August que estamos juntos há seis meses e que não terá casamento algum.

Eu não conseguia olhar para eles. Não. Aquilo seria ainda mais humilhante. Encolhi minha cabeça nos joelhos e rezava em silêncio que aquele mal-estar passasse.

August andou até mim e colocou suas mãos sobre as minhas. Eu queria empurrá-lo. Não. Eu queria matá-lo, porém, o meu estado emocional não me permitiu.

— Cale essa maldita boca, Rayssa. Me desculpe, Naomi. Eu não queria que você tivesse descoberto dessa maneira.

Quando consegui criar forças para levantar e sair dali, o afastei o suficiente para que ele deixasse a passagem livre. Corri em direção à porta ainda zonza... cambaleante...

Quando cheguei na rua, eu não sabia que

direção tomar, só queria correr para longe dali. Fui imprudente ao atravessar a rua sem olhar, por sorte o carro não estava em alta velocidade quando me atingiu. Comigo não aconteceu nada, porém o mesmo não aconteceu com o meu bebê. Eu estava grávida de seis semanas doutora. Eu matei o meu filho...

***

Uma semana depois... terceira Sessão de terapia

— Então, foi naquela noite em que Naomi morreu e Afrodite nasceu? Conte-me como Afrodite passou a fazer parte de sua vida.

— O moço que me atropelou me levou ao hospital. Menti para ele dizendo que ele poderia ir, que eu estava bem e que chamaria minha mãe. Embora receoso, ele fez o que pedi. Obviamente que não liguei para minha mãe. Então, quando recebi a noticia do aborto, passei a noite chorando. Meu Deus! Eu havia perdido um pedaço de mim. Depois que minhas lágrimas secaram, jurei a mim mesma que não derramaria nunca mais uma lágrima por alguém.

“Deixei o hospital e me hospedei num hotel até que conseguisse alugar um apartamento. Me afastei alguns dias do trabalho enquanto ressurgia das cinzas, assim como a famosa Fênix.”

“August tentou contato comigo pelo telefone. Na certa temia que eu fizesse algum escândalo e manchasse a sua imagem de CEO. Com a pouca dignidade que me restava, mandei e-mail a todos os nossos convidados informando que não haveria mais casamento.”

“Como não atendia suas ligações, August passou então a fazer contato comigo por e-mail. Foi generoso ao depositar uma quantia absurda de dinheiro como forma de indenização. Se eu quisesse, não precisaria nunca mais ter que trabalhar.”

“Engraçado como algumas pessoas pensam que o dinheiro tudo compra. Nem todo o dinheiro do mundo poderia trazer de volta o meu bebê. Parte de mim... metade de mim...”

“Com o dinheiro que havia recebido de August, comprei meu apartamento e decidi tentar a sorte abrindo meu próprio escritório de advocacia.

O detetive continuou a seguir os passos de August, por um tempo ele deixou de frequentar o clube. Foi então que decidi me tornar sócia e trazer a vida Afrodite. Embora esse nome fosse usado somente na obscuridade dos clubes de sexo, no meu dia a dia, sua frieza e distanciamento, refletia em minhas atitudes e ações, me tornei insensível e fria.”

— Quanto ainda de você vive aí dentro, Naomi? — Ela aponta para o meu coração.

— Eu... eu não saberia dizer. Afrodite esteve presente por três anos, não me surpreenderia se ela tivesse matado a verdadeira Naomi.

— Creio que não. Eu vejo em seus olhos que ela ainda está aí dentro. Você só precisa encontrar uma maneira de trazê-la de volta. Conte-me o verdadeiro motivo de você querer enterrar de vez Afrodite.

— Afrodite me apresentou a coisa mais linda que aconteceu em minha vida após três anos. Contudo ela mesmo anulou todas as possibilidades.

— Você está referindo-se a um novo amor?

Fecho os olhos, perdida nas lembranças de Maksim e quando dou por mim, estou perdida em meio a lágrimas e lágrimas de saudade.

— O nome dele é Maksim. O conheci num dos clubes que eu frequentava. Como havia explicado anteriormente, Afrodite era uma espécie de Dominatrix. Ela jamais cederia controle a homem algum. Ela os usava e os descartava quando era conveniente.

“Esse clube era um pouco diferente dos demais, embora você pagasse mensalmente para manter a carteirinha de sócio, também tinha que pagar pelas atividades lá dentro. A primeira vez que estive com Maximus eu o leiloei. Foi então que descobri que no quarto, era ele quem estava no controle e que com ele, eu já não queria dominar e sim, ser dominada.

“Aquilo foi ficando insano e doentio. Eu fazia de tudo para rematá-lo em qualquer atividade. No inicio achei que ele era um garoto de programa. Então, me neguei acreditar que estava apaixonada por ele, ainda assim, não fui capaz de deixar de frequentar o clube.”

PERIGOSAS NACIONAIS

“Haviam regras. Eles não podiam se relacionar com os membros do clube. Pelo fato de eu tê-lo exclusivo nos colou em perigo. Fui sequestrada. Torturada. Descobri então que aquele não era um simples clube. Maximus não era um garoto de programa. Não. Ele era um escravo sexual. Enquanto eu curava minhas feridas, pedi a ajuda a um colega advogado que acabou se tornando um amigo especial. Ele contou com a ajuda dos federais que depois de todas as informações, conseguiram organizar uma operação e tiveram êxito prendendo os responsáveis por tráfico de pessoas e experimento de drogas. Eles estavam testando a droga da submissão. Maksim, como os outros, eram cobaias. Maksim e eu havíamos fugido do clube um pouco antes da polícia chegar. Ele dormiu na minha casa naquela noite, no outro dia ele me humilhou dizendo que pelo fato de eu ter me prostituído, estava contribuindo direta e indiretamente com o tráfico de pessoas, prostituição. Aquilo doeu... Eu não estava preparada para ouvir aquelas palavras.

— Onde está o seu Maksim?

PERIGOSAS ACHERON

— Voltou para Crimeia. Não nos falamos desde então.

— Você o ama?

— Muito.

— E por que ainda não foi em busca de seu amor?

— Porque antes preciso resgatar a Naomi. Maksim jamais se relacionaria com Afrodite.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E CINCO –

Nunca um abraço de mãe foi tão bom...

Naomi

Saí do consultório da dra. Eva Thomas com a sensação que havia sido aberta uma cratera em meu peito. Ela sabe como mexer e fazer sangrar uma ferida, ela simplesmente me fez puxar o *Band-aid.*

Ao mesmo tempo que doeu, senti-me aliviada por ter conseguido falar de meu passado para alguém. Para quem tinha ficado tanto tempo sem chorar, meu estoque de lágrimas parecia inacabável.

Quando minha mãe abriu a porta, um *ÔH*, escapou de seus lábios. Embora ela tenha cuidado de minhas cicatrizes após aquela maldita tortura, ainda estávamos a milhas de distância.

Ela não pressionou, deu-me liberdade e espaço. Jantamos e conversamos banalidades. Ela sabia que algo não estava certo, já que eu não colocava os pés nessa casa há anos.

Quando deitei para dormir em meu antigo quarto, ela me cobriu com edredom e quando foi beijar a minha testa, eu desmoronei:

— Eu estava grávida mamãe.

— Do que você está falando, minha filha?

— Na noite em que flagrei August com Rayssa, fui atropelada e perdi o meu bebê. Ela levou tudo de mim, mamãe. Rayssa roubou meu pai. Meu noivo.

Minha mãe senta-se na cama e ajeita minha cabeça em seu colo. Ela nada diz enquanto eu choro de soluçar tentando colocar para fora toda mágoa... todo ressentimento.

— Sinto muito pelo seu bebê. Você é ainda jovem, Naomi, poderá ter outros. Está na hora de abrir esse coração e deixar alguém entrar.

— Como você conseguiu perdoar o papai, mamãe? Rayssa é apenas um ano mais nova do que

eu.

— Perdoar e diferente que esquecer. Embora eu tenha superado, não significa que eu tenha esquecido e o perdoado. Descobri com o tempo que a mágoa e ódio estavam envenenando a mim e não a eles. George me deu você, agradeço a ele por isso. O que ele fez a mim e a você, um dia ele responderá.

— *Justiça divina* — falamos ao mesmo tempo. — Me perdoe mamãe, por ter te julgado. Por ter me afastado. Você sempre pareceu tão endurecida pela vida.

— Estou aprendendo assim como você, a enfrentar o dia a dia que não foi sonhado e idealizado por mim. Você não merece ser amarga, pelo contrário, apenas doce e felicidade.

— Não sei se algum dia encontrarei tal coisa. — Aconcheguei-me mais perto dela. — Não quero me afastar de você.

— Então não faça. Não se lamente pelo que já foi, viva o hoje. Você está aqui agora e seja lá o que você esteja enfrentando, não estará sozinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E SEIS –

Acerto de Contas

Naomi

Três meses após Maksim

É Sexta-feira e dessa vez John, Liam e Sarah não tiveram que me convencer, aceitei livremente o convite. Ao invés do tradicional e famoso *happy hour*, estamos numa badaladíssima casa noturna. Aos poucos estou tentando ser sociável.

John está namorando. Por ele, não tenho medido esforços para ser agradável com a garota, porém não é reciproco. Ela tem ciúmes da maluca relação que John e eu temos e, apesar de ele parecer estar na dela, não admite que ela interfira em nossa amizade.

Liam e Sarah seguem namorando e apaixonados. Eu e ela nos aproximamos bastante

nesses últimos três meses.

Estamos num espaço privilegiado. É possível curtir a noite de onde estamos sem ter que nos juntar a multidão. Sarah está sentada no colo de Liam e ambos estão ao meu lado, já John perdeu o senso da localização e está quase transando com sua namorada num canto mais afastado de onde estamos.

— Ei, Naomi, verifique as chamadas recebidas. — Liam entrega-me o seu aparelho telefônico e eu faço o que ele pede, embora sem entender. Sarah dá uma piscadela e depois volta a beijar Liam.

Lágrimas queimam no canto dos meus olhos quando leio o nome de Maksim. Pelo registro da chamada, eles teriam conversado por quase cinco minutos. Não é necessário perguntar, minha expressão deve ter me denunciado. Liam sorri ao começar se explicar:

— Quando ele embarcou, deixei o meu cartão com ele. Ele me disse que assim que se estabilizasse me telefonaria pedindo o número de minha conta para depositar o valor do empréstimo.

Mal sabe ele que nunca o emprestei dinheiro algum.

— E nunca saberá, Liam — peço sem tirar os olhos da tela do aparelho telefônico. Memorizo o número de telefone de Maksim e entrego novamente o aparelho para Liam.

Sarah fita-me com atenção, ela sabe tudo o que aconteceu comigo, só mantive em segredo a parte do sequestro e da tortura. Ela é a primeira em tentar me convencer em ir atrás de Maksim. Não sei se estou preparada para ter meu coração partido novamente. *E se ele me enxotar?*

***

Embora eu seja uma amargurada em redenção, lutei e relutei para virar a página e deixar para lá. Infelizmente foi mais forte do que eu, quando dei por mim, já estava pedindo que o detetive vigiasse os passos de August. Deixei a boate por volta da meia noite e entrei no táxi, porém, o endereço não era a minha casa e sim, o *Clube Exclusive.*

Tiro da minha bolsa uma capa preta e

prendo-a em minha tiara. Não é exatamente as fantasias de Afrodite que costumava usar, mas por essa noite deverá servir.

Dou algumas voltas pelas cabines do clube e inexplicavelmente, nada me atrai. Pela primeira vez depois de anos não preciso provar ou mostrar superioridade. Suspiro aliviada por saber que meus demônios não poderão mais me atormentar. Porém, essa noite será necessário uma exorcizarão para que eles nunca mais mantenham-me refém num passado longínquo o qual deverá ser superado...

Não demoro muito para encontrar August. Deitado numa cama na cabine de ménage, uma mulher chupa seu pau enquanto a outra beija os seus lábios. Vendado e algemado, ele parece em êxtase. Sorrio para as meninas ao me aproximar, August se contorce na cama recebendo seu boquete. Não interrompo, subo na cama e ajoelho-me ao seu lado, inclino meu quadril para sussurrar em seu ouvido:

— Oi querido... — Ele congela, porém, a moça continua a chupar o seu pau.

— Essa voz... eu conheço essa voz. Tirem

essa venda e soltem a merda dessas algemas. — Debate. Meu dedo percorre pelo seu peitoral enquanto ele se desespera por estar imóvel.

— Essa noite eu foderei com você, assim como você fodeu comigo da ultima vez que nos encontramos. — Mordo o lóbulo se sua orelha sentindo-o ofegar, não de desejo e sim, por desespero.

— Eu juro, Naomi, que se fizer algo comigo, te matarei com as minhas próprias mãos — diz entredentes sem esconder o quanto está furioso.

— Relaxa e goza, querido. — Circulo o bico de seus mamilos com o dedo deixando-a ainda mais exasperado.

Entrego uma camisinha para a outra menina que até então estava de expectadora. Digamos que elas não estejam aqui por acaso. Cuidei pessoalmente para que elas fossem aceitas no clube. Tem dois meses que venho trabalhado nesse reencontro.

Quando o boquete é interrompido, constato que August está ereto ao contrário de duro. Assisto com um sorriso de satisfação ele tentar se

debater para tentar impedir que seja colocada a camisinha em seu pau, quando a menina senta sobre seu pau quase mole e começa a cavalgar, ele vocifera chamando minha mãe de nomes nada agradáveis.

— Vamos querido, ou vai dizer que depois de três anos virou brocha? — Mordo o lóbulo de sua orelha, a outra menina repete meus movimentos na outra orelha.

— Você não irá levar essa, Naomi.

A menina que esta cavalgando aumenta o ritmo enquanto August parece estar grudado no colchão. Penetro minha língua em seu ouvido fazendo-o retesar. Nunca pensei que essa simples tortura pudesse causar tanto pavor.

— Homem casado deveria estar em casa fodendo sua esposa. Deixe-me ver... Você está frustrado por ter casado com uma mulher estéril? Seu pai está te pressionando por que se você não der e ele netos, a geração irá parar em você?

— Você está louca. Não sabe o que diz!

— Você sabe que o problema não é você,

não sabe? Fez os exames escondido da minha irmãzinha e não tem coragem de magoar a sua esposa infértil, por isso se nega a fazer os exames que ela tanto implora que você faça. Deixe-me contar a você uma triste história. Nosso filho teria mais de dois anos agora.

— Que filho sua louca? Se você não me soltar irei gritar até alguém aparecer e quando eu for solto, você irá presa, Naomi.

Retiro sua venda para que ele me olhe nos olhos. Encaro-o com todo meu ódio e amargura que cultivei durante esses anos por ele...

— Eu estava gravida, August. Por sua culpa, eu perdi o meu bebê. Já sofri muito com essa culpa, chegou a sua vez carregar essa cruz.

Levanto-me da cama sobre os seus protestos e jogo minha capa de Afrodite em sua cara. É como se eu tivesse tirado um peso de meus ombros.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E SETE –

Maldita seja você, Afrodite.

Maksim

Como sou o único que nunca tenho pressa de ir embora, primeiro a chegar e o último a sair, fica sobre a minha responsabilidade fechar o depósito. Desde que retornei de Los Angeles, tenho levado o meu corpo até o limite da exaustão.

Deito e acordo pensando nela... Pesadelos tem sido constante em minhas madrugadas sombrias. Sinto asco e repúdio de mim mesmo quando lembro de Taylor, de sua obstinação de me transformar numa máquina de sexo. Enfureço-me ainda mais quando me dou conta de que naquele inferno eu conheci um anjo. Aquela que me salvou... me libertou.

Expulso para fora todos as lembranças que tenho procurado esquecer e caminho em direção da saída. Olho intrigado para a mulher que abre a

porta e caminha sorrindo em minha direção. Avani, a filha do chefe.

— Maksim, esqueci um papel no escritório, pode me acompanhar até lá? — diz ao passar por mim. Anuo em silencio e caminho atrás dela. Avani é uma mulher bonita, loira, alta e esguia, contudo, não é o estilo de mulher que eu me interessaria, gosto e prefiro as morenas.

Usando um vestido que além de curto é justo o suficiente para deixar suas curvas em evidência, meu radar me notifica que seu esquecimento está sendo proposital. Sempre que tem oportunidade ela tenta flertar comigo. Nunca dei a ela tal abertura, mas ela parece não se importar.

Avani sobe as escadas rebolando a minha frente, olho na direção contrária. Ela de fato enlouqueceu, jamais encostaria na filha do meu empregador. Espero ao lado de fora do escritório observando-a pelo vidro. Ela entra, ascende a luz e caminha até a sua mesa. Liga o computador e meche em algo por lá.

— Maksim, você pode vir até aqui?

Faço o que ela pede, quando entro no escritório, ela se levanta da cadeira e dá a volta sentando sobre a mesa. Mas não somente isso, ela abre as pernas despudoramente, constato então que Avani não usa calcinha. Sorri maliciosamente quando começa a se tocar enquanto congelo no meio do trajeto.

— Qual é, Maksim, vai ficar somente de expectador? Por que você não se junta a mim e me ajuda me aliviar?

Balanço a cabeça em negação recuperando-me do meu torpor. Isso de fato complica as coisas... *Ela é filha do chefe...*

— Desculpe-me, Avani, porém, acho que você está confundindo as coisas.

Ela não responde, fecha os olhos e solta um gemido penetrando dois dedos. *Onde inferno eu vim me meter?*

— Somos adultos, Maksim. Desliguei as câmeras por alguns instantes. Nosso segredo estará bem guardado. Vem, me fode Maksim...

Exasperado e sentindo-me acuado, passo

as mãos no cabelo por não saber como agir. Faz três meses desde que estive com uma mulher e não qualquer mulher e sim ela... dona dos meus sonhos e também dos meus pesadelos. Dona de meus pensamentos e de meu coração. *Maldita seja você, Afrodite.*

Estou duro, puramente por extinto, não que esteja com tesão. Contrariado, aproximo-me de Avani, sem que ela espere, enlaço minhas mãos em seus cabelos ao mesmo tempo que a viro de costas e aproximo meu rosto de seu ouvido.

— Cadê a porra da camisinha?

Ela se atrapalha com a bolsa que está sobre a mesa a sua frente, em seguida entrega-me um envelope, em questão de segundos eu já estou pronto para fodê-la. Não sou delicado, tampouco sutil quando a penetro, ela grita satisfeita com a invasão.

Conforme começo a aumentar as minhas estocadas, a imagem de Taylor assombra meus pensamentos. Basta fechar os olhos para viver todo aquele inferno novamente nas mãos de minha algoz. Sua voz estridente pedindo-me que eu a

fodesse duro e com força... Nesse instante, me desligo completamente da realidade atual e começo trabalhar bruscamente na mulher inclinada a minha frente. Ao contrário de desejo ou tesão, sinto asco, mas não paro de bombear.

Puxo ainda mais com força seus cabelos e aperto meus dedos em seus quadris. Ouço-a chamar por mim, no entanto, sua voz não consegue me alcançar. Bato forte. Entro e saio irrefreavelmente. De novo... de novo e de novo... Duro, com força e irracionalmente.

— Maksim... pare, por favor, pare...

Não ouço nada. Não vejo nada. É como se o mostro que adormecia tivesse sido desperto.

— Por favor, pare.

Volto então para a razão quando ouço soluços, só que eles não são de desejos ou lago parecido. Afasto-me arraçando a camisinha com força, amarro-a e jogo na lixeira, só depois que me recupero, ando até Avani para tentar amenizar o estrago, ela ainda se mantem inclina sobre a mesa.

— Eu... pedi para você transar comigo e

não me violentar — não esconde a rispidez na voz embora diga entredentes.

— Me desculpe, querida, mas se eu me lembro bem, você pediu para que eu te fodesse.

— É assim que você costuma tratar as mulheres com quem transa?

Eu não transo. Eu fodo. E as mulheres que eu fodia costumavam a gostar. Uma eu matei e a outra está me matando.

Levanto as mãos para cima tentando me acalmar. *Que porra eu fui fazer?* Inclino-me novamente sobre ela para falar em seu ouvido. A ira, a raiva me domina por ela ter sido uma puta de uma oferecida e por eu ter caído em seus joguinhos...

— Você esperava o quê? Me trazer aqui em seu escritório e me seduzir? Você não me conhece, não sabe dos meus gostos, muitos menos dos meus costumes. Se quer ser tratada com respeito, se dê respeito. Eu não tenho culpa se os homens com quem você transa não te ensinaram a foder.

— Seu monstro!

— Com muito orgulho, querida.

— Você... você está demitido.

— Eu é quem me demito. Não estou a venda e não é porque trabalho para você que tenho que te foder quando você achar conveniente.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E OITO –

Para alcançar o futuro é necessário superar o passado...

Naomi

— Desculpe-me, dra., não consegui impedir que ele entrasse.

Tiro os olhos do computador e retiro meu óculos descansando sobre a mesa. Sorrio para minha secretária na intenção de acalmá-la, é claro que não é a sua culpa.

— Tudo bem, Lucy, deixe-nos a sós.

Ela anui em silêncio fechando a porta ao se retirar da minha sala. Cruzo as pernas ajeitando minha postura corporal em minha cadeira. Sorrio com escárnio ao analisar minuciosamente a expressão presunçosa de August a minha frente. Ele olha com atenção cada detalhe de meu escritório sem abondonar sua expressão de

superioridade.

— Devo admitir que você é sofisticada e tem bom gosto. Fico feliz por saber que soube investir o dinheiro que te dei.

Cada maldito centavo... Afinal de contas, foi com o dinheiro que recebi de meu ex-noivo, uma indenização após o termino de nosso noivado, que eu financiava as minhas *orgias*...

— Qual é, August, bajulação nunca foi o seu forte. Você não espera que eu te ofereça um café e te convide para sentar, espera?

August sorri sarcasticamente abrindo um botão de seu caríssimo terno, não se faz de rogado ao sentar-se a minha frente. Uma coisa eu tenho que admitir, ele é bonito, porém, sua beleza não alcança meus olhos. Moreno, alto, musculoso e com a barba cerrada, ele ainda deve causar comoção por onde passa.

Ele tirou o meu chão, me fez visitar e conhecer o inferno por acreditar que o amava. Não, aquilo não era amor. *Paixão*, talvez? *Meu primeiro homem. Meu primeiro amor. Meu primeiro tudo.* Quando ele se foi... passei frequentar os clubes de

sexo porque ele me fez acreditar que era boa o suficiente para ele... mas não. Eu estava enganada, ele jamais seria bom o suficiente para mim. Um porco traidor e desleal.

Hoje, com calma e frieza, consigo traduzir cada um dos meus tumultuados sentimentos. Não foi por ele que sofri. Não. Meu ego estava ferido... havia sido traída faltando tão pouco tempo para meu casamento. Perder meu bebê após essa terrível descoberta, foi uma dor inconsolável, um duro golpe. Contudo, não queria dar poderes a August e Rayssa. *Eles não me veriam chafurdar*. Foi então que Afrodite nasceu. Ela foi tudo aquilo que Naomi não era. Fria, forte e determinada. Ninguém pisaria em mim novamente.

— Rayssa e eu nos separamos.

Seguro firmemente uma caneta em minhas mãos brincando alguns instantes enquanto processo suas palavras. Deveria ficar chocada com a notícia, vibrar e comemorar com a notícia? Afinal de contas, além de não conseguir segurar o marido, minha irmã também não pode dar um filho ao homem que ela tirou de mim.

— Devo presumir que você veio até aqui em busca de um advogado? — desconverso, não querendo me aprofundar do assunto. Sua vida não me interessa, não mais. Ele suspira pesadamente e massageia sua têmpora com se estivesse cansado.

— Me perdoe, Naomi — fala em tom de derrota.

— Nada do que você diga poderá amenizar a dor e o meu sofrimento — é mais forte que eu, não consigo controlar a amargura em minha voz. Ainda dói lembrar...

— Por que... por que você não me disse que estava esperando um filho?

— Para quê? Se eu não tivesse o pegado em flagra você se casaria comigo e não com a minha irmã? Eu não teria perdido meu filho e você fingiria me amar?

— Eu estava vislumbrado com o status... poder, dinheiro, mulheres...

— Poupe-me de suas explicações e diga o que você veio fazer aqui, não tenho todo o tempo do mundo.

— Quero você. Quero reconstruir a nossa história.

Elevo minha cabeça para trás e gargalho. Ele não pode estar falando sério, pode?

— Saia.

— Não sem antes você me perdoar e me prometer que me dará uma chance.

Levanto-me em pé fuzilando com os olhos. Apoio minhas mãos sobre a mesa buscando controle para não o agredir fisicamente.

— Se você não sair agora, pedirei a segurança do prédio para que te enxotem.

Ele se coloca em pé, descansa suas mãos sobre a mesa e se inclina aproximando nossas faces. Fecho os olhos segurando a bile ao sentir o seu cheiro. Cheiro esse que um dia me embriagou.

— Eu nunca deveria ter te deixado partir. Nunca fui o homem de me arrepender de minhas ações, somente da falta delas. Em minha vida, a perda maior que já senti, foi a sua. Eu teria me esforçado para ser um bom pai. Um bom marido. Não precisava ter sido da maneira que foi.

Lágrimas molham a minha face, mas não por ter sido tocada por ele. Não. Sua atitude é que me tocou. Ele foi pretencioso em vir me procurar, já eu, fui cobarve em deixar Maksim partir. August sabia que teria recusa de minha parte, ainda assim, não se intimidou. Lutou por algo que achava importante. *E o que eu fiz?* Não fui mulher o suficiente para lutar pelo único homem que amei.

Dou um passo para trás sendo estuda por August. Pego minha bolsa que estava de dentro da estante atrás de minha mesa e sorrio para August.

— Adeus, August. Obrigada por me fazer enxergar o quão covarde eu fui ao deixar ir o homem que amo. Nunca foi você, August. Você foi o inicio para o fim. Se não tivesse sido por você, eu nunca o teria encontrado.

Viro as costas e saio do meu escritório deixando de vez o meu passado para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO TRINTA E NOVE -

Seria uma ilusão de ótica?

Maksim

Desde que retornei de Los Angeles, tenho vivido meus altos e baixos emocionais. A saudade de Naomi é tanta que chega a sufocar.

Seis meses... seis longos e malditos meses...

No inicio fiz de tudo para odiá-la. Julguei e desejei jamais tê-la conhecido. Contudo, tudo foi em vão. Quanto mais eu tentava tirá-la de meu sistema, mais ela se espalhava com um maldito vírus.

Onde ela estaria? Será que me esqueceu? Será que signifiquei para ela o que ela significou para mim? Ou teria sido eu mais um em sua cama?

Aumento minha corrida para dissipar meus sentimentos e emoções, vim correr na intenção de esquecer... Hoje as lembranças não estão me dando

trégua.

Ainda continuo morando na pensão e trabalhando na transportadora, o pai de Avani não aceitou meu pedido de demissão. Desde então tenho evitado ao máximo cruzar o caminho dela, ao que me parece, ela tem feito o mesmo.
A vida segue...

Avisto a pensão e reduzo minha velocidade parando de vez. Inclino meu corpo e apoio minhas mãos em meus joelhos na intenção de estabilizar meus batimentos cardíacos, após tomar algumas respirações, torno a andar. Em passos lentos, chego ao meu destino. Foi necessário olhar duas vezes para me certificar de que não estava tendo uma visão...

Alta, linda e esguia, seus cabelos soltos e indomáveis ultrapassavam um pouco a altura dos ombros. Olhos verdes e expressivos, ela é a mulher mais linda que eu já vi na vida. Usando um jeans e uma blusa simples, constato que estou diante de uma desconhecida. Tão diferente da mulher que conheci...

— Maksim... — Ela sorri e seu sorriso

acerta um golpe em meu estômago. Fecho a distância entre nós e sem pensar em mais nada, eu a abraço. Aperto firmemente meus braços ao redor de seu corpo embriagando-me com seu cheiro.

Cheiro esse que está impregnado em mim...

— Naomi... — digo assim que me afasto, mas sem tirar as mãos de seu corpo... — Não vou perguntar como você sabia meu endereço, esperarei você me dizer. Vem, vamos subir.

Pego sua pequena mala e a sua mão guiando-nos pela escadaria. Abro a porta do quarto estudando suas feições. Ele anda de cabeça baixa até a cama e senta-se. O quarto é simples, mas é o que eu posso pagar. Ela parece não se importar já que não tira os olhos dos meus.

Minhas emoções embargam a minha voz e nublam minha visão. Sinto um forte aperto em meu peito ao me dar conta que nada mudou. Amor. Paixão. Desejo. Todos esses malditos sentimentos e sensações vivem e reinam em mim.

Ela parece indecisa e ao mesmo tempo decidida. É como se ela lutasse internamente com o

certo e o errado. Dúvidas, certezas e incertezas estão refletidos em seus olhos. Naomi estende sua mão para que eu me aproxime, entrelaço seus dedos aos meus e quando sento ao seu lado, ela tira suas sandálias e dobra as pernas confortavelmente estilo indiana sobre a cama.

— Desculpe-me vir sem avisá-lo. — Tão diferente aquela mulher fria e autoritária. Sua voz é baixa e insegura. Não deve estar sendo fácil para ela estar aqui.

— Estou feliz que esteja aqui, acho que te devo um pedido de desculpas.

— Antes de mais nada, quero que saiba que te deixar partir foi a coisa mais dolorosa que eu já fiz. No entanto, você estava sensível, eu estava perdida, não podia pedir que ficasse.

— Agora que está aqui, me diga, por que veio?

— Não vou mentir, Maksim. A mulher que você conheceu não existe mais. Ela foi e sempre seria uma farsa, uma fuga da realidade. Essa mulher que está diante de você é a verdadeira, Naomi, a qual você ainda não conhece.

— Apresente-me.

Suavizo minha expressão quando lágrimas inundam a sua face. Ouço com atenção ela abrir as portas de seu passado. A traição de seu pai. A traição de seu noivo. A perda de seu bebê... Ela parece envergonhada ao me explicar o porque começou a frequentar clubes de sexo. Uso a empatia para tentar não a julgar. Compreendo agora a sua pose de superioridade... sua frieza. Ela só estava protegendo os seus sentimentos... O seu coração que um dia fora pisoteado.

Arrumo uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha e seco suas lágrimas com meu polegar. Sorrio com carinho por amar ainda mais a frágil mulher que está diante de mim. *Será que existe uma chance... uma possibilidade para nós?*

Seguro em seu queixo levantando rosto para que ela olhe para mim e veja quem de fato eu sou. Sem teatro. Sem jogos. Sem mentiras.

— Olhe para o seu redor, querida. Não tenho família, tampouco dinheiro, o que teria eu a te oferecer?

— O que eu busco, o dinheiro não compra.

Quero o meu amor e em troca te ofereço o meu coração, eu te amo, Maksim. Graças a você eu pude acordar para vida, ou do contrário, minha amargura me sugaria até o ponto de não sobrar nada de mim.

Envolvo seu rosto com as minhas mãos e beijo-a com saudade... com paixão... Um beijo carregado de amor.

— Amo você, Naomi. Como prova de meu amor, deixe-me amar cada pedacinho se seu corpo do jeito que sempre sonhei.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO QUARENTA – Dois corações e uma história....

Naomi

Não desgrudamos os nossos lábios quando Maksim cobre o meu corpo com o seu. O calor que nossos corpos emanam é entorpecente. Fecho os olhos sendo transportada para o momento em que o vi pela primeira vez, sobrevivemos a muito para chegar até aqui... Eu o amo demais para deixa-lo ir.

Abro minhas pernas para Maksim acomodar-se entre elas. Abraço-o com saudades, ao mesmo tempo que apalpo toda a musculatura de suas costas. Forte... viril... meus dedos traçam com carinho cada pedacinho de sua pele. Quero gravar cada detalhe de seu corpo.

Beijamo-nos sôfrega e apaixonadamente, de um jeito que nunca havíamos nos beijado. Muitos precisam de dinheiro para ser felizes, eu só preciso de Maksim. A dimensão do amor que sinto

por ele me assusta. Inebriada, entrego-me a cada sensação de bem-estar e felicidade plena que ele me proporciona.

Sua boca abandona a minha para beijar a curvatura de meu pescoço. Sinto meu corpo arrepiar-se todinho com o seu toque. É ágil em deslizar a minha blusa pelo meu corpo jogando-a no chão. Em seus olhos vejo fogo... vejo amor... desejo e luxuria. Suspiro extasiada quando ele fica de joelhos e vai beijando meus seios numa tortura lenta e sem fim. Sem cerimônia, ele abre o zíper de minha calça, segundos depois, estou apenas de lingerie.

— Linda... magnifica... quero possuir cada pedacinho de você, Naomi.

Com cuidado e carinho ele me despe, quando fico completamente nua, ele xinga palavras incompreensíveis e volta a cobrir o meu corpo. Entrelaço minhas pernas em seus quadris enquanto nossas bocas se amam de forma intensa e infindável. Quando suas mãos capturam e apertam os meus seios, sinto-me insana e faminta por ele. Arfo e me contorço embaixo do homem que amo.

Movo meus quadris sentindo-o friccionar seu pau, ainda protegido pela bermuda e cueca, em minha boceta faminta e molhada.

Maksim vai deixando rastros de fogo pelo meu corpo com sua língua habilidosa. Tortura o bico dolorido de meus seios e quando sente que estou a ponto de enlouquecer com a sua tortura, ele começa a beijar carinhosamente meu abdômen.

— Minha boca vai fazer amor com sua boceta e, somente depois que você gozar na minha boca, terá o meu pau dentro de você...

E ele faz, numa doce e deliciosa tortura beija minha boceta como se estivesse beijando meus lábios. Quando enfim penetra sua língua eu já não consigo me controlar e gozo gritando seu nome... Puxo os seus cabelos. A imagem dele no meio de minhas pernas é crua... selvagem. Guardarei para sempre essa visão, pois esse momento é diferente de tudo o que já vivemos. É um encontro de almas.

— Para conseguirmos iniciar do zero, será necessário que nos conheçamos com apenas um gesto... um toque... um caricia e um olhar. Confesso

que tentei ser gentil do jeito que você merece... do jeito que um dia desejei... Porém, meu corpo está conectado com o seu de forma assustadora. Eu sei que você quer que eu te foda, Naomi. Não me importo se Maximus e Afrodite se saciem entre quatro paredes. O que não pode acontecer é eles digladiarem fora do quatro. Peça, Naomi.

— Me foda agora.

Assisto fascinada ele se livrar de sua camiseta e bermuda. Quando fica glorioso nu, mordo meus lábios admirando seu corpo malhado. De um jeito dominando, porém não bruto, ele abre as minhas pernas colocando-as em seus ombros.

— Estou limpo e pronto para você, Naomi.

— Eu não estive com mais ninguém... Maksim

— Olhe para mim enquanto eu te fodo, Naomi.

E ele faz. Suas estocadas são certeiras. A cada uma delas ele acerta meu ponto G. Movo meus quadris para frente e para trás num ritmo somente nosso. Nossos corpos se conhecem... se

completam.

Não perdemos nosso contato visual enquanto fazemos amor e fodendo ao mesmo tempo. Uma mistura de sensações... emoções... sentimentos. Forte. Duro. Mágico e inebriante. Maksim penetra com força e certeiramente fazendo-me inclinar o meu quadril quando recebo sua estocada. Quando ele retira seu pau de minha boceta, para alguns segundos em minha entrada molhada e escorregadia, meu corpo pensa protestar a sua falta, e então ele entra novamente em um só golpe. Um choque térmico do calor e da falta dele causa efeitos inexplicáveis. Bruto. Carnal. Insano. Firme. Intenso e irrefreável são os movimentos de Maksim.

Nossa respiração começa a ficar pesada mostrando que nosso orgasmo está próximo, quero fechar os olhos e me jogar do despenhadeiro, mas me controlo. Quero estar conectada a ele quando me entregar. Quero também poder sentir a sua entrega... Quero assistir inebriada ele perder o controle.

— Goze, Naomi, agora.

E eu faço... Eu vou ao céu com ele. Entrego-me de corpo, alma e coração. Não sei onde estamos, em que pé estamos, tudo que sei é que sem ele eu não irei a lugar algum.

Maksim busca meus lábios e mesmo após ter gozado, permanece dentro de mim. Seu beijo é pecaminoso, molhado e exigente. Entregamos tudo de nós nesse entrelaçar de línguas.

— Eu não sei como faremos, tampouco o que faremos, a única coisa que sei, é que faremos juntos.

— Quanta redundância numa única frase, senhor Dahno.

— A senhorita sempre fica engraçadinha depois que goza?

— Eu não sei, pois fazia seis meses que eu não gozava — minha resposta parece surpreendê-lo. — Depois de você, só você, Maksim. Você é o único que eu quero.

Ele descansa sua testa na minha ainda dentro de mim e Deus! Eu não quero que ele saia.

— Eu matei um homem, Naomi, o maldito

vendedor de sonhos. A pessoa responsável pelo tráfico de pessoas.

— Eu matei uma mulher, Maksim.

— Fizemos isso juntos, Naomi.

— Então esse será o nosso segredo.

— Você tem noção de quão fodido isso é, Naomi?

— Em certos momentos na vida, é matar ou morrer, Maksim. Não tivemos escolha. Agora, deixe os mortos velarem os mortos.

— Você faz tudo parecer fácil.

— É fácil, nós é quem dificultamos. Volte comigo para os Estados Unidos. Fique comigo, Maksim.

— Como, Naomi? Eu não irei depender de você, se é isso o que está sugerindo.

— Quando você esteve lá a primeira vez, você tinha sonhos. Não os enterre. Por você. Pelo seu amigo. Supere, Maksim. Vire a página. Certo amigo me disse que, após o final, vem o epílogo. Ainda não é o fim.

— O que eu faço com você? — Ele me

olha admirado. Finalmente recebo o carinho que tanto sonhei e mereço.

— Me beije. Faça amor comigo. Me foda, só não me peça para voltar sem você, porque isso eu não farei, Maksim.

Ele não responde, não foi necessário. Sua boca tomou a minha com fúria e paixão ao mesmo tempo que ele começou a estocar em mim novamente. Ainda teríamos um longo caminho pela frente, contudo, se não déssemos o primeiro passo, não chegaríamos a lugar algum.

FIM

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

Maksim

Seis meses... Hoje faz exatamente seis meses que além de Naomi devolver os meus sonhos, ela me deu também possibilidades... oportunidades. Meu deu uma família, amigos... Fez de mim o homem mais feliz do universo. Tanta mudança num curto espaço de tempo que ainda estou me situando.

Comecei a trabalhar de garçom na mesma semana que cheguei da Crimeia. Embora Naomi fosse contra, ela me apoiava. Ela sempre esteve lá por mim, me apoiando em todas as decisões que eram importantes em minha vida.

Fazia sessenta dias que estava trabalhando num pequeno restaurante não muito longe do prédio onde morávamos. Certa noite, o auxiliar do chef faltou e eu tive que ficar no seu lugar, sob a supervisão de um chef muito furioso, que soltava fogo pelas ventas.

Lembro-me como se fosse hoje aquele acontecimento. Naquela noite, eu me encontrei, mas não somente isso, descobri uma paixão que nem sabia que existia. Quando cheguei em casa, encontrei Naomi sentada sobre a bancada da cozinha enquanto devorava um pote de sorvete. Eu estava tão radiante por ter auxiliado um chef que minha empolgação era tamanha que eu precisava dividir esse momento com Naomi.

— Sabe, quando minha avó era viva, sempre assistíamos programas de culinária. Para ocupar o nosso tempo, muitas vezes fazíamos pratos típicos de determinados países. Acho que por isso que não tive dificuldade em auxiliá-lo.

— Você parou para ouvir o que está me dizendo, Maksim? A empolgação que você revive e fala desse momento, é contagiante. Você acaba de descobrir a sua verdadeira paixão. Acho que você deveria abrir o seu próprio restaurante.

— Acho que você já extrapolou em suas cotas de doces. Que tal parar de comer sorvete no pote? — Desconversei mudando de assunto.

— Algo pequeno. Você mesmo disse que

costumava fazer pratos típicos de determinados países. Eu já tenho inclusive o nome: *Original Seasoning*. Uma cantina especializada nos principais pratos da culinária mundial. — Naquele momento ela era quem estava empolgada. Sonhando acordada, eu diria.

— E com que dinheiro eu faria isso? — Ela lambeu a colher e piscou daquele jeito que só ela sabe fazer, naquele momento eu só pensava em fodê-la sobre a bancada.

— Maksim... — Ela estava tentando ser persuasiva. Eu já sabia o que ela iria propor.

— Não, Naomi. Não.

— Um empréstimo. Se você quiser eu peço para Liam fazer um contrato, você vai me pagando aos poucos. E no mais, seu filho ficaria orgulhoso.

Ela estava tão empolgada que sua tagarelice estava me sufocando, porém, quando ela disse as últimas palavras, eu fiquei emudecido... congelado... completamente sem reação.

— Estou grávida de nove semanas.

Fizemos nosso bebê na Crimeia.

Ainda em silêncio, a peguei em meus braços e a levei para nosso quarto. Naquela noite, eu a amei... venerei cada curva de seu delicioso corpo. Casamos na semana seguinte, uma cerimonia simples, apenas alguns convidados.

E assim começamos a nossa vida juntos.

A partir dali, Naomi esteve ao meu lado em cada passo, cada decisão. Após encontrarmos o local ideal, não muito grande e nem muito pequeno, começamos a trabalhar e a sonhar com o *Original Seasoning,* fomos dando vida em cada detalhe. Enquanto a equipe trabalhava na estrutura, engenheiros, arquitetos e pedreiros, fiz um curso de culinária, contudo, eu sabia que ainda não era o suficiente, então me escrevi na faculdade de gastronomia. O tempo rugia. Mesmo na casa de meus trinta anos, não me considerei velho para voltar a estudar, eu ainda tinha muita lenha para queimar.

Naomi foi responsável por toda a parte burocrática, formamos uma dupla e tanto. Após contratarmos toda equipe, embora fossem

profissionais com experiência, Naomi fez questão de investir em suas carreiras, com alguns cursos e palestras profissionalizantes. Quando chegou a vez de definirmos os cardápios, ela também esteve ao meu lado. Tudo isso num curto espaço de tempo, quatro meses mais precisamente.

Olho para a linda mulher grávida de vinte e quatro semanas e sorrio emocionado por amá-la inexplicavelmente. Ela devolve o sorriso entrando no escritório da cantina altiva e confiante. Nunca deixarei de admirá-la. Sua força. Sua garra. Somos dois guerreiros. Vencedores. Enfrentamos muitas batalhas da vida para chegarmos onde chegamos.

— Ei, aí está você — ela me cumprimenta. Beija os lábios e senta-se em meu colo envolvendo seus braços em meu pescoço. Envolvo minhas mãos em sua barriga e cheiro seu pescoço.

— Estou nervoso.

— Você conferiu inúmeras vezes cada detalhe. Os cardápios. Repassou com a equipe cada detalhe importante. Hoje é seu dia, meu amor, vamos, relaxe.

— Eu não teria conseguido sem você.

Obrigado por tudo, esposa. — Emocionada, ela não segura suas lágrimas. Com a gravidez, ela tem estado muito sensível. Junto nossas testas esperando até que ela se recomponha.

— Obrigada por me fazer feliz, Maksim. Obrigada por me dar, Anton.

Em homenagem ao meu amigo, Naomi me surpreendeu e me emocionou quando escolheu o nome de nosso filho. John, Liam e Sarah serão os padrinhos. Sarah e Liam estão noivos, já John, ainda não encontrou a sua metade.

Busco seus lábios e a beijo com paixão e sem me conter, meus dedos levantam seu vestido e quando dou por mim, Naomi já está gemendo e se contorcendo em meu colo sendo penetrada por meus dedos.

— Acho que o tempo me permite proporcionar um orgasmo a minha esposa.

— Os... os convidados estão chegando. Precisamos abrir as portas. Você precisa cortar o laço.

— Devo parar?

— Não. Por favor, me faça gozar, Maksim.

Por mais que eu queira fodê-la sobre a mesa, me contenho. Ela sabe que enquanto tiver grávida, Maximus e Afrodite deverão se manter enjaulados.

***

Na frente de amigos e clientes do nosso restaurante, eu e Naomi cortamos a fita simbólica que inaugurava uma parte de nossos sonhos. Quem nos vê de longe poderia pensar que tudo foi flores, que nosso felizes para sempre foi simples.

Uma salva de palmas nos agraciou e algo dentro de mim se encheu de orgulho, algo que nunca pensei sentir depois de ter vivido naquele inferno.

— O que ela está fazendo aqui? — escuto minha esposa resmungar para sua mãe, que estava ao seu lado, sempre discreta e calada.

— Vou ligar para seu pai, ela tem enfrentado muitos problemas...

Olho na direção que elas fitavam e vejo uma mulher, bem vestida e olhar assustador do lado

de fora do restaurante. Como havia muito vidro na fachada, quem passava pela calçada conseguiria ver dentro e era o que aquela mulher fazia. Além disso, ela tinha uma boneca nos braços, tornado tudo muito... louco.

— O que foi, meu amor? — perguntei abraçando minha mulher e trazendo-a para perto de mim. Ela, como sempre receptiva, me abraçou e respirou fundo.

— É minha meia-irmã, aquela que me traiu junto com meu ex-noivo.

Olho para minha sogra, que já caminhava em direção a porta do restaurante e confiro com meu olhar a posição de todos os funcionários e clientes. Parece que a calma reinava no ambiente.

— Vá trabalhar, eu ficarei no seu escritório até minha mãe resolver isso. Não quero ter que lidar com ela. — Naomi beija meus lábios e se afasta. Eu faço como ela ordenou, uma vez que o sucesso dessa inauguração dependia exclusivamente de mim.

Focado em dar o meu melhor, não percebo quando minha sogra se livra da mulher e entra no

restaurante, mais precisamente para o meu escritório. Descubro que as duas ficaram trancafiadas a noite inteira quando consigo alguns minutos de descanso.

Assim que abro a porta do escritório, Naomi levanta da cadeira e me abraça. Ri e chora ao mesmo tempo, me deixando nervoso e procurando minha sogra com o olhar, em busca de explicação.

— Eu vou finalmente apreciar a comida do meu genro. — Ela sai do escritório depois de dar dois tapinhas no meu ombro.

— O que foi, Naomi? Você está bem?

— Eu não sei explicar... — Ela se afastou e abriu um enorme sorriso para mim. Colocou uma mão no meu rosto e com a outra colocou a minha mão na sua barriga. — Estou feliz e triste por saber que para chegarmos onde estamos, precisamos ir para o inferno e talvez, levar algumas pessoas juntas no caminho. Da mesma forma que minha irmã me fez vítima de sua loucura, hoje sou eu sua tormenta. Ela me tirou um noivo e não consegue engravidar, ao mesmo tempo que ganhei o melhor

homem do mundo e um filho... nosso bebê. — Ela suspira e deixa as lágrimas escorrerem pela sua face. — O mundo dá voltas, Maksim, somos prova viva disso e só espero que nossa roda pare e se mantenha na felicidade, porque eu não sei viver sem ter você...

— E você nunca precisará se preocupar. Farei minha missão de vida manter essa família feliz. Nossos pesadelos já foram enterrados, Naomi. Ninguém mais tem o poder de nos tocar...

— Ninguém... — sussurrou e demonstrei, com meus lábios e todo o meu corpo, o quanto o nosso inferno acabou e agora, apenas o amor reinaria.

As cicatrizes não sumiriam, nossos corpos e almas continuariam com sequelas pelo o que nos foi causado, mas como tudo nessa vida, era questão de opção viver em paz.

Pelo poder da lei da ação e reação, que finalmente conseguíssemos viver na nossa paz.